

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

GILSON BACKES

**As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira:
memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960-2009)**

Marechal Cândido Rondon

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

GILSON BACKES

**As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira:
memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960-2009)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais.

Linha de Pesquisa: Práticas Culturais e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Robson Laverdi.

Marechal Cândido Rondon

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

B126p	Backes, Gilson As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira: memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960-2009) / Gilson Backes. - Marechal Cândido Rondon, 2009 155 p. Orientador: Prof. Dr. Robson Laverdi Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2009. 1. Lavouras de hortelã - Mercedes (PR). 2. Dinâmicas socioculturais. 3. Trabalhadores - Lavouras de Hortelã - Memórias. 4. Trajetórias sociais. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título. CDD 21.ed. 302 981.62 333.31 CIP-NBR 12899
-------	---

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini Leitzke CRB-9/539

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que fazem cotidianamente a História do Oeste do Paraná. Em especial as pessoas de minha família que migraram nos primeiros anos de ocupação da atual Mercedes. Aos meus pais Quirino e Ilma.

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste trabalho muitas pessoas, de uma maneira ou outra, contribuíram para que alcançasse os resultados aqui registrados. Primeiramente, agradeço meus pais, Quirino e Ilma, que mesmo não tendo a oportunidade de estudarem, sempre valorizaram minha opção em buscar compreender mais a sociedade da qual fazemos parte. E, se não puderam colaborar financeiramente com minha formação o incentivo sempre foi fundamental para que não desistisse. Ao mesmo tempo, agradeço-os pelas muitas informações prestadas a respeito das atividades com a hortelã, pois suas recordações auxiliaram-me na problematização.

Agradeço também as demais pessoas de minha família que mesmo não conseguindo apreender minhas angústias, procuravam amenizá-las pelo ambiente familiar.

Aos meus colegas do curso de mestrado – Cristiano, Jorge e Raphael - agradeço pelas contribuições nas discussões das disciplinas, ou não exclusivamente, as quais enriqueceram a pesquisa. Ao Jorge e Raphael pela especial amizade construída no decorrer do curso e, ainda, ao Cristiano pela leitura atenta do trabalho final.

Aos professores da linha de pesquisa Práticas Culturais e Identidades – Geni Rosa Duarte, Méri Frotscher pelas muitas sugestões e possibilidades de desenvolvimento da pesquisa apontadas durante o curso. De maneira especial, agradeço ao professor Robson Laverdi por ter acreditado na possibilidade deste trabalho, não medindo esforços. A ele devo parte de minha formação. Sua seriedade e competência profissional ajudam a traduzir resultados alcançados neste trabalho. Sou grato pelo seu respeito aos meus limites e minhas possibilidades.

Agradeço aos professores Marcos Freire Montysuma e Davi Félix Schreiner, pela leitura atenta e sugestões apontadas na banca de qualificação e também por comporem a banca examinadora no exame final juntamente com a professora Méri Frotscher.

Enfim, agradeço a todos que de uma maneira ou outra colaboraram com informações durante a pesquisa de campo. A secretária do Programa, Iraci, pelo tempo e atenção sempre disponível. De modo especial agradeço os meus entrevistados, que suas memórias, aqui registradas, jamais sejam silenciadas. Obrigado.

Retratos

Retratos são momentos congelados
De tempos passados
São memórias
Nossas histórias
Tempos idos
Lá longe
Nos escombros da vida
No álbum de recordações
Que tocam o coração
De saudade
De dor
De amor.

Retratos amarram trança de gente
Paisagens
Personagens
Palcos do mundo
Na roda viva
Da nossa memória.

Retratos são fotografias
No papel ou na mente
Da gente
Que registram
Os instantes únicos
Do fio da vida
São espelhos que espelham a gente.

(Gladis Elfi Mohr, Mercedes/PR, mimeo, dezembro de 2006)

RESUMO

Esta pesquisa problematiza experiências vividas nas dinâmicas socioculturais das lavouras de hortelã no município de Mercedes, Extremo-Oeste do Paraná, desde a década de 1960. Buscou-se analisar, pelas trilhas da memória, as relações de trabalho, os viveres, as tensões e estranhamentos culturais constituídos em torno desta atividade econômica, praticada por diferentes trabalhadores que migraram para a região e nela atuaram. O estudo das memórias e trajetórias sociais permitiu apreender uma realidade passada muito mais complexa em relação àquela contata pela literatura memorialista e acadêmica, de fôlego hegemônico, que paira na vida social da região. As trajetórias evidenciaram que a ocupação da região não se constituiu de forma tão planejada e consensual como tanto propalado, uma vez que muitos dos migrantes chegaram e partiram sem portarem um sentido fixo de pertencimento. Com a chegada de diferentes sujeitos, de lugares e tempos diversos, diferenças e conflitos socioculturais tornaram-se latentes, na medida em que expressas em narrativas orais de entrevistados que permaneceram naquela localidade. Esta pesquisa buscou então historicizar a formação deste espaço de fronteira de ocupação recente, problematizando a formação de sua paisagem social, a qual viveu intensas e profundas transformações no período. Na dinamicidade dos conflitos, relações e tramas sociais de pertença, as memórias tornam-se primordiais para a interpretação desta fronteira, onde as plantações de hortelã foram praticadas e, por sua vez, potencializaram tensões múltiplas e instituíram prejuízos profundos no meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; Lavouras de Hortelã; Dinâmicas socioculturais; Mercedes; Oeste do Paraná; Fronteira

ABSTRACT

This research probes experiences lived in the socio-cultural dynamics of the mint plantations in the borough of Mercedes, extreme West of Paraná, since 1960. We analyzed, by the ways of memory, the labor relations, the ways of life, the tensions and the cultural differences constituted around this economic activity which had been practiced through different workers that migrated to that region and worked on there. The study of memories and social trajectories let us to apprehend a past reality that was more complex than the one which was told by the “memorial” and “academy” literatures; that defends hegemonic concepts or ideas, which are part of the social life of this region. These trajectories evinced that the occupation of the region didn't has constituted by a planned and consensual form like it was divulged, because the most part of the migrant workers arrived and went out without having a sense of belonging. When different people arrived; by diverse places and times, differences and socio-cultural conflicts became latent, as it was verified in oral telling reported by people who remains in that region. This research sought, then, to study the historical events of the formation of this border space with a recent occupation, probing the formation of your social landscape, which passed by intense and deep changes in that period. In the dynamically of the conflicts, relations and social problems of pertain, memories became primordial to the interpretation of this frontier, where the increasing multiple tensions and instituting deep damages to the nature.

KEY WORDS

Memory; Mint plantations; Socio-cultural dynamics; Mercedes; West of Paraná; Frontier.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Municípios no âmbito de atuação da Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná S /A – Maripá.....	11
Mapa 02 - Região Oeste do Paraná que observamos o desenvolvimento de lavouras de hortelã.....	46
Mapa 03 – Território do Município de Mercedes.....	155

TABELAS

Tabela 01 - Produção de Hortelã por Microrregião no Paraná - 1970.....	13
Tabela 02 - Principais produtos agrícolas cultivados em Marechal Cândido Rondon em 1975 e 1976.....	30
Tabela 03 - Principais produtos agrícolas cultivados em Marechal Cândido Rondon em 1977 e 1978.....	31
Tabela 04 - Preços mínimos para a safra agrícola 1979/1980.....	31
Tabela 05 – População por Sexo e Estados de origem do município de Marechal Cândido Rondon – Pr – 1970.....	47
Tabela 06 – Taxas de crescimento anual da população 1940 – 1970 (%)......	48
Tabela 07 - Evolução do Desmatamento das Florestas Naturais no Paraná.....	113
Tabela 08 – Paraná: valor, número de contratos e índice de crescimento dos financiamentos concedidos a produtores e cooperativas – período 1969/1976.....	118

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	09
Capítulo I	
Memórias da ausência nas trajetórias de migrantes	21
Capítulo II	
“ <i>E ninguém, parece, sentiu saudade</i> ”: a presença do “outro” nas plantações de hortelã	71
Capítulo III	
As plantações de hortelã e as memórias da devastação no Oeste do Paraná	107
Considerações Finais	140
Fontes	143
Bibliografia	145
Anexos	150

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As narrativas, memórias e histórias abordadas neste trabalho referem-se àquelas produzidas por sujeitos que, de forma direta ou indireta, participaram do período produtivo da hortelã no Oeste do Paraná. Os trabalhadores compartilharam suas narrativas para a produção deste trabalho que, a grosso modo, narraram experiências que, por vezes, são silenciadas/invisibilizadas na história/memória social desta região.¹

Este estudo é o resultado tecido em torno de indagações sobre a população que compunha o então distrito de Mercedes, no município de Marechal Cândido Rondon, nas décadas de 1960 e 1970, período em que houve uma produção considerável de hortelã em quase toda a região. Com o fim deste tipo de atividade agrícola, a população que era predominantemente rural diminuiu consideravelmente. Partindo desta indagação, minhas preocupações rumaram à observação das dinâmicas sociais que se desenvolveram a partir do declínio das lavouras de hortelã, considerando que este tipo de atividade agrícola engendrou dinâmicas socioculturais incomuns até aquele período.

Procurando compreender as relações que se estabeleceram nestas dinâmicas, minhas indagações iniciais foram: quem eram as pessoas que trabalhavam nas lavouras de hortelã? De onde vieram? Como chegaram à região? Onde passaram a viver com o término destas lavouras? Como se davam as relações de trabalho e as vivências entre diferentes grupos num período de constante migração? Com estas questões procurei abordar o período tecendo considerações que não estão de modo algum acabadas, mas que permitem entender algumas dimensões de um processo contraditório das relações sociais forjadas em meio a embates socioculturais.

¹ A “memória social” é entendida nesse estudo enquanto categoria de análise histórica, tomada a partir das considerações de KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’ Água, 2004, pp. 116-138. Quando trabalhamos com a(s) memória(as) devemos compreendê-la(s) enquanto um campo de disputas, pois elas são instituídas “e se transformam na experiência social vivida” (p. 118). É preciso considerar, por um lado, que a história/memória da região Oeste do Paraná deve ser dada a grande importância às “muitas memórias” que se produzem a partir das relações sociais experimentadas cotidianamente pelas pessoas. A partir delas os sujeitos projetam-se socialmente, afirmando lugares de pertença próprios, tanto individuais como familiares. Por outro lado, as pessoas não se identificam com uma história que tende a hegemonizar uma memória projetada pela esfera privada, produzida com base em documentos de instituições públicas e/ou privadas que, por sua natureza, não envolvem determinados aspectos de convívio social como, no caso, a presença de trabalhadores não enquadrados a certos padrões socioculturais pré-estabelecidos.

Para compreender alguns dos elementos culturais, entendidos aqui como modos de vida, parti da perspectiva de referencial de análise de Yara Aun Khoury quando percebe “a cultura como expressão de todas as dimensões da vida social”.² Entendendo assim que *modos de vida* somente existem no plural, pois a dimensão do social não se explica e se apreende a partir do singular, mas a partir de um conjunto de relações tecidas no fazer-se cotidiano.

Com estas indagações expostas, procurei pautar a problemática deste trabalho pelo diálogo com as narrativas orais, as quais se encaminharam para diferentes dimensões das relações de trabalho forjadas ainda em anos anteriores a década de 1960. Um dos aspectos que destaco de antemão foi o processo de ocupação de uma região em que havia a necessidade de exploração dos recursos naturais como, no caso, da derrubada da mata para que, logo após, ocorresse a prática do plantio das lavouras de hortelã. As narrativas pautavam outros diferentes olhares para a região Oeste do Paraná, por sua vez lançado a partir do espaço de minha vivência, o atual município de Mercedes,³ localizado no Extremo-Oeste.

Ao falar de uma história local, compartilho das reflexões de Raphael Samuel que, ao discutir o estudo de um determinado lugar, vila, bairro ou cidade, propõem que elementos específicos sejam problematizados para que se tenha uma melhor apreensão da própria localidade e além dela. De acordo com este autor: “ao invés de considerar a localidade por si mesma como objeto de pesquisa, o historiador poderá escolher como ponto de partida algum elemento da vida que seja, por si só, limitado tanto em tempo como em espaço, mas usado como uma janela para o mundo”.⁴

Apreendendo o exposto na leitura de Raphael Samuel, minhas considerações sobre a região partem, a princípio, do espaço de atuação da empresa Colonizadora Rio Paraná S/A – Maripá, que se constituía na antiga Fazenda Britânia.⁵ Uma área situada ao longo do Rio Paraná entre Foz do Iguaçu e Guaíra, com 43 km de extensão no sentido norte-sul, e 78 km no sentido leste-oeste.⁶ Neste espaço, a colonizadora procurou impor um conjunto de regras para ali fixar a população tida como “ideal”. A principal destas regras foi a seleção do *elemento*

² KHOURY, Yara Aun. “O historiador, as fontes orais e a escrita da história”. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, 2006, p. 24.

³ O atual município de Mercedes era distrito de Marechal Cândido Rondon até o início da década de 1990. Desmembrou-se por meio de plebiscito, em que a população “optou” pela autonomia municipal. Foi instituído com estrutura e gestão própria em 1º de janeiro de 1993.

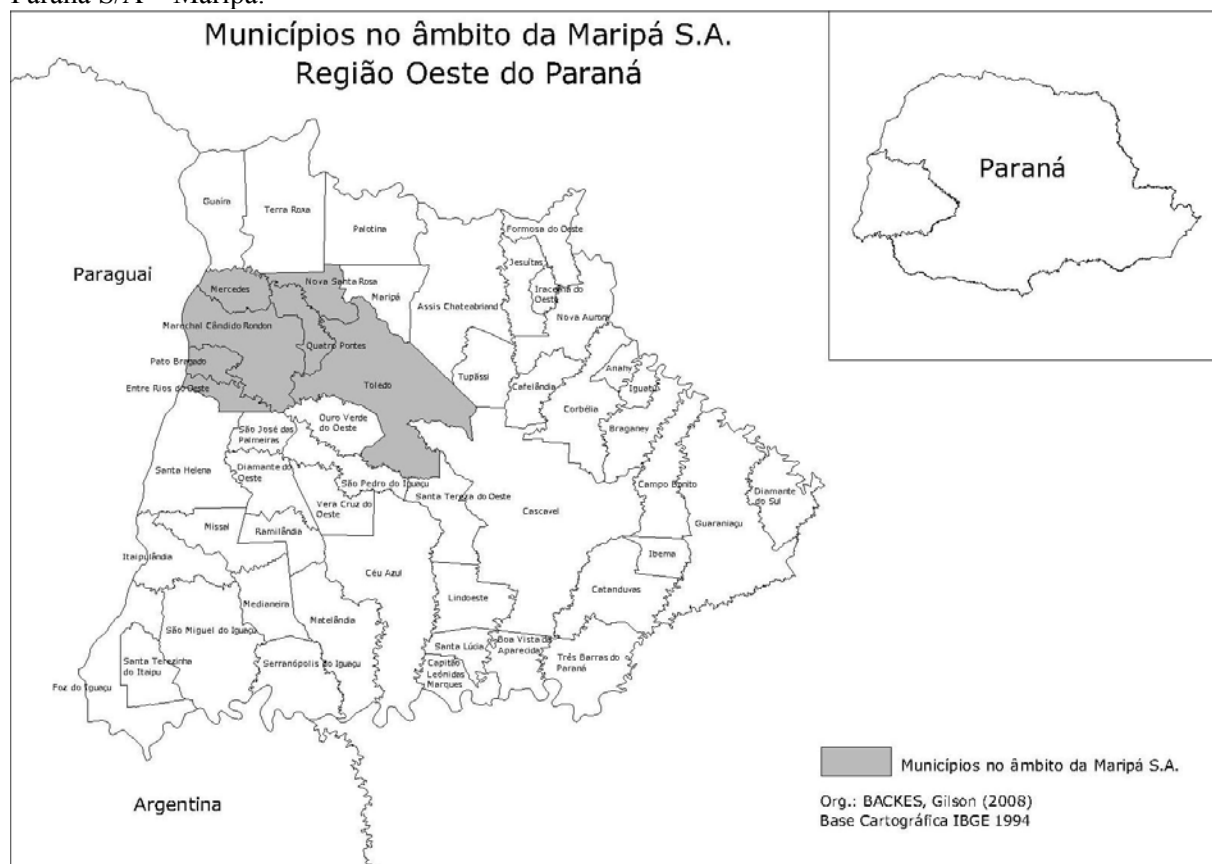
⁴ SAMUEL, Raphael. “História Local e História Oral”. In: **Revista Brasileira de História**. V. 9, nº 19, São Paulo: Marco Zero, set. 89/fev. 90, p. 229.

⁵ A área da antiga Fazenda Britânia, atualmente, corresponde aos municípios de Marechal Cândido Rondon, Toledo, Quatro Pontes, Entre Rios do Oeste, Pato Bragado, Mercedes e Nova Santa Rosa.

⁶ SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel: ASSOESTE, 1984, p. 38.

humano que, em essência, faria as terras prosperarem. As pessoas tidas como ideais seriam agricultores dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, descendentes de imigrantes italianos e alemães.⁷ Estes, os tipos ideais, estariam comprometidos com o “desenvolvimento” do espaço devido a seus conhecimentos em atividades agrícolas. Convém destacar, a partir do olhar o local “como uma janela para o mundo”, que a população da região Oeste não era exclusivamente, nas décadas de 1960 e 1970, do Sul, como propagado pela literatura que procurou se hegemonizar. Tenho observado que houve um processo constante de migrações de trabalhadores provenientes de várias regiões do país, como Minas Gerais, Bahia e mesmo uma migração interna no próprio Paraná.

Mapa 1- Municípios localizados no âmbito de atuação da Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – Maripá.⁸



Observando as dinâmicas socioculturais que se processaram, quando muitos trabalhadores chegaram à região e a viram como um campo de possibilidades, procurei lançar um olhar diferente para a historicidade da região. Mas, é preciso deixar claro que o espaço que inicialmente fora delimitado para o desenvolvimento da pesquisa constituiu-se num

⁷ SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas...**, op. cit. p. 43.

⁸ Espaço de atuação da Colonizadora Maripá, a partir de leituras sobre a região. Ver também anexo 01.

elemento nivelador, pois as narrativas e trajetórias dos sujeitos ultrapassaram as fronteiras geográficas. Sobretudo, quando a constituição das experiências dos sujeitos não é algo estanque, mas multidimensional, que está para além de fronteiras simbólicas, como a demarcação de um lugar físico específico. Em minha apreensão empírica de campo e nas memórias, trabalhadores diversos estiveram muito presentes neste espaço nas décadas de 1960 e 1970, participando, de uma forma ou outra, das relações constituídas e, portanto, *fazendo-se*⁹ sujeitos históricos participativos. Instruindo-me a um diferente olhar para a região, num período de franca atividade das lavouras de hortelã. Com estas considerações, ressalto que, de modo algum, busquei tomar este espaço como algo dado, mas fruto das relações sociais dos diferentes sujeitos que os constituía.

Procurando compreender, a grosso modo, as relações sociais constituídas a partir das lavouras de hortelã, convém primeiramente destacar que o Paraná, devido à boa fertilidade do solo, na década de 1970 respondia com 95% da produção brasileira de óleo desta planta. Os maiores compradores do óleo de hortelã neste período eram, conforme apontado pelo IPARDES: França, Alemanha Ocidental e Formosa.¹⁰ Este óleo era destinado, sobremaneira, às indústrias de:

Farmacêutica e em diversas outras preparações industriais em geral. Na farmacodinâmica atuam como anestésicos locais, com alívios para dores de cabeça, como anticéptico das vias respiratórias. Na indústria de alimentação, como aromatizantes de bolos, doces, bebidas, gomas de mascar (chicletes, balas de hortelã, licor, pipermit, etc.). Na indústria de tabacos para aromatização e ‘refrescamento’ de diversos tipos de cigarros, além de numerosas outras aplicações.¹¹

O mercado consumidor, segundo o estudo indica, necessitava de uma produção considerável de óleo, sendo o mesmo utilizado em diversos produtos industrializados, como nas atividades farmacêuticas, alimentícias e, também, em perfumaria e tabaco. Na tabela da próxima página, pode-se observar a produção de hortelã no Paraná em 1970.

A partir dos dados levantados pelo IPARDES, nota-se que o Oeste do Paraná teve uma significativa participação na produção hortelaneira do Estado. A hortelã, que até na década de

⁹ O *fazer-se* aqui é entendido a partir da leitura de Edward Thompson, que ao analisar a formação da classe operária inglesa destacou que ela se constitui no seu *fazer-se*. THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Os trabalhadores com os quais dialoguei também se constituem no *fazer-se* trabalhador, sobretudo quando migraram/migram de uma região a outra em busca de melhores condições de sobrevivência.

¹⁰ FUNDAÇÃO IPARDES: Estudos para o desenvolvimento de atividades agrícolas e industriais integrados, projetos especiais – menta. Curitiba, 1977, p. 27. Disponível em: www.ipardes.pr.gov.br. Acessado em 12/01/2009.

¹¹ Jornal **Informativo Copagril**. Marechal Cândido Rondon, novembro de 1977, nº 14, p. 11. Acervo da unidade sede da Cooperativa Copagril de Marechal Cândido Rondon.

1950 achava-se concentrada no estado de São Paulo, em 1953 é incorporada na região do Vale do Paranapanema e, em seguida, nos vales dos rios Ivaí e Piquiri, no Paraná, com deslocamentos contínuos para as microrregiões de Campo Mourão e Extremo-Oeste.¹² Esta produção se manteve interligada às relações sociais que se estabeleceram entre os diferentes sujeitos que participaram da atividade. Evocando características como estas, a região Oeste, assim, apresentou outras tramas de compreensão e historicidade.

Tabela 1 - Produção de hortelã por microrregião no Paraná– 1970.¹³

Microrregiões	Produção rama (T)	Participação no total da produção (%)
Norte Novo de Maringá	1.875	1
Norte Novo de Apucarana	10.400	6
Norte Novíssimo Umuarama	8.340	4
Campo Mourão	136.025	72
Extremo-Oeste Paranaense	32.800	17

Fonte: D. E. E.

Sobre o passado destas relações sociais que problematizo, toma-se alguns sinais ou pistas ativas no presente, particularmente as memórias, a partir das quais tornou-se possível conhecer algumas peculiaridades que até o momento eram silenciadas.¹⁴

Entendo a memória a partir da perspectiva de Pierre Nora, que afirma em seu diálogo entre “Memória e História”:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (...) A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.¹⁵

Nas indagações sobre o “eterno presente” das lembranças e do recente passado da história do Oeste do Paraná, procurei perceber a atuação dos sujeitos nas suas dinâmicas, que as transformaram conforme suas necessidades e possibilidades. Assim, a feitura deste trabalho se concretizou no sentido de ouvir diferentes participantes da historicidade como sujeitos

¹² FUNDAÇÃO IPARDES: Estudos para o desenvolvimento de atividades agrícolas..., op.cit. p. 25.

¹³ Idem, ibidem.

¹⁴ TOMAZI, Nelson Dacio. “**Norte do Paraná**”: histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000, p. 108.

¹⁵ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, PUC/SP, nº10, 1993, p. 09.

sociais ativos. Uma gama de questões se desenhou, pois a região que acreditava conhecer apresentou-se mediada por relações socioculturais amplas e, até o presente momento, desconhecidas em termos de estudos acadêmicos. Para mim, foi um desafio redesenhar a atuação dos sujeitos em suas diferentes relações narradas, primordialmente quando procurei dialogar com as trajetórias dos mesmos. Tenho observado que, via de regra, as relações de trabalho instituídas no campo não ocorreram de forma tranqüila, mas a partir de tensões e rearranjos, os quais foram interpretados e apreendidos pelas e nas lembranças daqueles que relataram suas experiências e memórias.

Nesta análise do cotidiano, procurei também trabalhar na perspectiva da memória, enquanto uma “função decisiva no processo psicológico total”. De acordo com Ecléa Bosi, esta é uma:

Memória [que] permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.¹⁶

Entendendo a memória enquanto operação de socialização do e no passado, procurei legitimar sobrevivências ao mesmo tempo através das lembranças lançadas a partir dos sentidos das experiências. Na observação das dinâmicas populacionais e de trabalho processualizadas na região, algumas questões pessoais têm me inquietado e colocado a refletir, já há algum tempo, sobre as plantações de hortelã. Refiro-me ao processo decorrido com estas lavouras, a partir do qual coloquei-me a investigar o atual município de Mercedes. Isto significa dar respaldo a questões que também vivenciei, desde criança, em meu cotidiano. Minha experiência como morador e trabalhador do campo, por vezes como bóia-fria, possibilitou-me conhecer e conviver com migrantes do período hortelaneiro. Em conversas entre vizinhos e também na esfera familiar, ouvia pais e avós narrando questões ocorridas naquele período, pois os mesmos também haviam participado ativamente daquelas dinâmicas.

Partir de experiências vividas no âmbito familiar significou, neste trabalho, perceber como as tensões e conflitos se fizeram presentes neste espaço em decorrência da produção hortelaneira. Ao recordar histórias de família percebo o quanto era evidente o grande número de trabalhadores vindos de outras áreas do Brasil, e não apenas do Sul, que habitavam e trabalhavam na região. Em uma única propriedade várias famílias residiam em casas feitas,

¹⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 46-47.

muitas vezes, de “*pau-a-pique*”, uma próxima à outra, conforme as lembranças trazidas à tona. Constantemente, eram apontados lugares em que poderiam ou ainda podem ser encontrados vestígios – marcas residuais daquele passado – de construções de casas onde residiam trabalhadores ou mesmo restos de construções ou alambiques¹⁷ onde se processavam as ramas da hortelã. Neste referencial de memórias transparecem também os nomes das famílias participantes do processo vivido. Nomes que eram de “origem alemã” ou “italiana”, mas também característicos de pessoas de outros estados, os quais são reconhecidos pelos sulistas com o termo *nortistas*.

Na trilha destas questões, passei a construir o objeto desta pesquisa, o qual despontou de uma ligação íntima entre o desejo de lembrar e o tema proposto. Na colaboração às minhas indagações sobre a pesquisa, pensei muito no que bem destacou Maria do Pilar, que há de “surgir de uma relação íntima entre sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado”.¹⁸ Esta relação, acredito ter se concretizado no trabalho de campo que desenvolvi, pois a partir daí, outras questões me levaram à compreensão deste espaço. Principalmente, quando percebi que a história sobre o Oeste do Paraná pode ser vista por diferentes ângulos. Trata-se de novas perguntas feitas ao passado para procurar melhor compreendê-lo. A este diálogo ou imagem do passado, os escritos de Walter Benjamin me ajudaram, pois destacam que:

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impede à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa.¹⁹

Para a História, quaisquer dimensões sussurrantes não podem ser consideradas perdidas. Na procura de algumas respostas sobre tais questionamentos a respeito do período hortelaneiro, sabia que somente os números estatísticos, mesmo apresentando-se importantes, não dariam conta das respostas. Trazendo somente dados estatísticos estaria silenciando dimensões importantes do processo, como as trajetórias dos sujeitos que vivenciaram o período. Tratar destas relações enquanto um processo histórico vivido é dar respaldo à *experiência humana*, uma vez que ela não é algo externo ao ser humano, conforme Edward Thompson pontuou na sua crítica ao pensamento de Althusser, pois as pessoas “experimentam

¹⁷ Os alambiques, também conhecidos como destiladores, eram estruturas organizadas como uma espécie de máquina, constituída por um conjunto de elementos, sendo eles: a dorna, o condensador e a caldeira, que operavam em conformidade com a extração, por intermédio da destilação do óleo da rama da hortelã.

¹⁸ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em história**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 34.

¹⁹ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. 1), p. 223.

sua experiência como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores...”²⁰

A partir de leituras como as de Thompson, percebo que fui atraído pelas experiências narradas por alguns destes trabalhadores migrantes. Estes, por sua vez, expuseram diferentes dimensões de suas vidas enquanto sujeitos sociais, imprimidas em ambientes múltiplos e, por vezes, conflitivos. As trajetórias dos migrantes pesquisados evocam uma maneira de ser, de estar e de participar do espaço em estudo, elaborando e reelaborando, às suas maneiras, a participação no processo. Discuti-las significa interpretar o passado a partir da maneira como foi apresentado pelos sujeitos a partir de seus relatos.

Neste caminho, procurei compreender como as pessoas se organizam e se articulam em relação a este processo de produção que, em muitos casos, é desencadeado por um sistema de exploração e expropriação, o qual foi empurrando trabalhadores de um lugar a outro na busca por melhores condições de sobrevivência. Notadamente, a partir dos relatos, os sujeitos entrevistados resignificam o cotidiano vivido pelas e nas relações sociais. A experiência vivida e narrada por cada um dos sujeitos por mim questionado apresentou uma gama de histórias e memórias, as quais procurei apreender e problematizar. As informações colhidas partiram de múltiplas interpretações e perspectivas da realidade, que não se esgotam a partir destes relatos colhidos. A partir dos mesmos pude apreender uma possibilidade de compreensão do real.

As experiências relatadas rompem com o tempo ordenado, apoiando-se em inúmeros pontos de referência numa forma de legitimação daquilo que se buscou expressar. Na rememoração, o narrador procurou recriar uma cadeia de episódios vividos, de um passado que se fez presente como um elo na recordação dos fragmentos de sua vida. A este esforço do narrador, em reconstruir uma imagem do passado orientada pelo lugar social a que está localizado no presente, Marina Maluf observou:

O trabalho de rememoração é um ato de intervenção no caos das imagens guardadas. E é também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido do passado, e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar – ou de um fragmento que tem a força de iluminar e reunir outros conteúdos conexos, “fingindo” abarcar toda uma vida.²¹

Com relatos ordenados e/ou desordenados nas reminiscências do cotidiano lembrado, procurei dar sentido à problematização desta pesquisa. Apropriei-me, então, destas

²⁰ THOMPSON, Edward P. “O termo ausente: experiência”. In: **A miséria da teoria ou um planetário de erros** (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 189.

²¹ MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 29.

reminiscências, principalmente a partir das narrativas, pois estas se constituíram, a grosso modo, nas fontes deste trabalho. A História Oral, neste caso, foi utilizada como uma importante metodologia de problematização e análise de historicidades. Um objeto que foi construído e reconstruído a partir das lembranças daqueles que, na simplicidade do cotidiano e na abertura interpessoal, se propuseram a relatar suas experiências.

As narrativas e/ou memórias que procurei analisar foram tratadas como um mosaico complexo de experiências individuais. Estas experiências lembraram-me que o espaço de análise não se caracterizou como homogêneo, mesmo percebendo que muitas delas constituíram-se de modo compartilhado. Neste estudo, a visibilidade que se buscou dar ao objeto colocou-se como resultado de sujeitos reais, que modificaram/modificam o espaço e a si mesmos.

Na reflexão do uso das fontes orais, Alessandro Portelli chama a atenção:

A história oral e as memórias (...) não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis.²²

Apreender as diferentes experiências vividas pelas testemunhas que narraram sobre o período hortelaneiro (ou não exclusivamente sobre o mesmo), requer, a partir das vivências, observar outras expectativas em relação ao tema proposto. As narrativas marcavam outros pontos de vista, falando de uma história que, de acordo com Ecléa Bosi: “deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos”.²³ Cada sujeito que narrou procurou imprimir e construir significados próprios, conscientes ou inconscientes, de sua maneira de ser sujeito ativo e participante do espaço social em estudo. O ato de lembrar e/ou rememorar se estabeleceu a partir de um conjunto de reflexões que esteve imbuída de incontáveis experiências subjetivas recriadas num campo de significados próprios. Neste viés, Yara Aun Khoury chamou a atenção sobre como explorar o significado histórico e da atenção que deve ser considerada a estas experiências:

(...) nosso interesse é trabalhar a narrativa oral no movimento da história; como uma prática social, ela tem sua própria historicidade; o narrador constrói sua identidade, fazendo uso dos elementos de sua cultura e

²² PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 72.

²³ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos..., op. cit. p. 90.

historicidade e recorrendo a um passado significado e resignificado no presente, ao tempo em que expressa tendências do processo vivido.²⁴

O movimento da história transcreve-se com as trajetórias individuais dos sujeitos protagonistas de seu texto narrativo. Neste ato de lembrar, alimentado pelo passado, os sujeitos, por sua vez, expressam sentidos da existência social, falando de outras temporalidades e espaços. Pensando no *movimento da história* destacado por Yara Khoury, procurei abordar as narrativas de um modo atento, buscando compreender as múltiplas experiências, principalmente daqueles que migraram para a região Oeste nos primeiros anos da sua ocupação como fronteira agrícola. Pude perceber que muitas das experiências compartilhadas pelos entrevistados, constituíram-se muito antes do início do período hortelaneiro na região. Tem-se, a partir disto, um quadro complexo e desafiador de histórias narradas, as quais precisaram ser apreendidas para que pudesse adentrar na *invenção da experiência humana*, no dizer de Regina Beatriz Guimarães Neto.²⁵

Estas histórias/memórias não-hegemônicas, por sua vez, apresentam-me, como tem observado Peter Burke: “forças históricas por seus próprios méritos”.²⁶ Alguns relatos foram mantidos num tom coloquial, mas em todos houve recortes, num trabalho de burilação e lapidação de modo a articulá-los à pesquisa. Como bem observou Carlo Ginzburg: “(...) o fato de uma fonte não ser ‘objetiva’ não significa que seja inutilizável. (...) Mesmo uma documentação exígua, dispersa e retinente pode, portanto, ser aproveitada”.²⁷ Cada entrevistado, de forma individual, expôs a sua visão de mundo que passou a ser interpretada no campo da diversidade social e contradições apresentadas em cada relato.

As entrevistas foram realizadas a partir de um diálogo aberto e espontâneo. De todas as pessoas que concederam relatos, somente Dona Gladis Mohr não teve um contato mais direto com as lavouras de hortelã. Meu interesse por suas lembranças ocorreu porque, certa vez, afirmou que ainda permanecia em sua memória o ronco de motosserras derrubando a mata e toda a paisagem ser destruída. Os ricos detalhes de suas lembranças podem ser observados no decorrer do texto. Através de Dona Gladis, entrei em contato com seu pai, o senhor Theobaldo, que também não trabalhou nas lavouras de hortelã, mas tinha um contato

²⁴ KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”..., op.cit. p.128.

²⁵ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração**: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006, p. 56.

²⁶ BURKE, Peter. “História como Memória Social”. IN: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 85.

²⁷ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 21 e 22.

próximo com trabalhadores e as lavouras quando concertava equipamentos provenientes dos alambiques que eram utilizados para destilação de hortelã.

Neste contato direto com moradores, a partir do trabalho de campo, a pesquisa foi se constituindo. Alguns dos entrevistados eu já conhecia, como o senhor José Honorato Alves, que havia concedido outra entrevista para a realização do meu trabalho na graduação. O senhor Francisco Ferreira da Silva, o senhor Geraldo Alves Gonçalves e o senhor Milton José Sehnem eu também os conhecia das relações cotidianas. Outros, porém, fui buscando conhecer a partir de indicações das pessoas com quem já havia mantido contato para ver a possibilidade da realização de entrevistas: Adolfo Hobus, Antoniel Matos dos Santos, Azelino Lange, Benedito Lopes Gonçalves, Gilson José Philippsen e Sebastião Germano Filho. Todos os relatos analisados no decorrer do texto, exceto o do senhor Milton, foram produzidos nas moradias dos entrevistados.

Um dos critérios utilizados na seleção de quem eu ouviria foi o de procurar pessoas de diferentes experiências no processo. Gravei, então, entrevistas com duração variada de 20 a 50 minutos, em gravador digital, com pessoas procedentes de várias áreas do país e de diferentes idades. Outro critério foi o de narrar a própria história de vida partindo do questionamento do que se lembrava sobre o período das lavouras de hortelã. Dessa maneira, não parti de um questionário pronto, pois as pessoas que narraram tiveram a livre escolha de relatarem suas lembranças naquele momento da entrevista.

Além das narrativas utilizadas como fontes, dialoguei com algumas edições do jornal Informativo Copagril e com uma única edição do jornal Posição. Este último foi emprestado pelo senhor Azelino. Ainda auxiliaram-me alguns poemas de autoria de Dona Gladis Elfi Mohr, então professora da rede pública estadual de ensino em Mercedes há muitos anos. Estes poemas não foram publicados, compostos num caderno de anotações.

Instaurando uma cotidianidade a partir do diálogo com as fontes, organizei o trabalho em três capítulos. O primeiro, intitulado “Memórias da ausência nas trajetórias dos migrantes”, analisa o processo de constituição da região ocorrido com as migrações na fronteira Oeste do Paraná. Através das narrativas, observei que trabalhadores de diferentes regiões se fizeram presentes, apresentando-me outro espaço de movimentação social ao qual estava inserido. Se, por um lado, temos os migrantes sulistas que chegaram numa forma de ocupação planejada, por outro, há os migrantes que vieram à região em busca de outras possibilidades, inclusive de trabalho. As trajetórias com as quais trabalhei contemplam uma realidade diversa daquela que se propagou através de parte da literatura dita oficial, ou

hegemônica. Na análise das narrativas soaram fortes as memórias do ausente. Com o sentido de perda, os entrevistados relataram mudanças sociais e físicas ocorridas na região.

O segundo capítulo, intitulado “*“E ninguém, parece, sentiu saudade”*: a presença do ‘outro’ nas plantações de hortelã”, é dedicado a pensar os estranhamentos entre diferentes sujeitos que marcaram sua presença neste espaço. Os migrantes chegados dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que adquiriram terras, por vezes auferem uma imagem de certa inferioridade aos trabalhadores vindos de outras regiões. As diferenças socioculturais parecem incomodar estes migrantes, pois com eloquência narraram estas diferenças, enquanto que para os chamados de *nortistas* o estranhamento se constituiu na apreensão dos modos de trabalho com a hortelã.

O terceiro capítulo, intitulado “As plantações de hortelã e as memórias da devastação no Oeste do Paraná”, apresenta uma discussão das narrações em torno dos processos de devastação da natureza. As dinâmicas de ocupação processualizadas na região extrapolaram o uso dos recursos naturais. As narrativas procuraram imprimir uma consciência da ocupação em que ocorreu a degradação de um espaço que os próprios narradores colaboraram para modificá-lo. O estudo da região, de modo algum, apresenta suas dinâmicas definidas. Os entrevistados, por vezes, sentem-se expropriados da paisagem desta região de fronteira e a entendem relacionadas às plantações de hortelã de outrora.

CAPÍTULO I

MEMÓRIAS DA AUSÊNCIA NAS TRAJETÓRIAS DE MIGRANTES

Memórias

*Debruço os olhos no horizonte
E nada a minha procura...
Levaram a mata
Em forma de castelos,
Os ipês floridos
Como rainhas de vestidos rodados.
Levaram a casa de paredes nuas
Cheias de nós, formando desenhos.
O arado, o carro de boi,
As rodas dos sonhos.
Ficaram apenas memórias
E espelhos de buscas sem fim.
Vãs procuras de mim.*

(Gladis Elfi Mohr, Mercedes/PR, mimeo. Setembro de 2001)

Na apreensão das experiências constituídas no período hortelaneiro, as memórias evocam a presença de sujeitos sociais que não mais estão presentes, pelo menos em sua totalidade, mas daqueles que participaram do processo e, por força de circunstâncias diversas, deixaram a região. Aqueles que permaneceram relembram o cotidiano vivido – por vezes de maneira difícil, dolorosa –, quando se tinha ainda na região tudo ou quase tudo por se fazer para que a terra produzisse. Na derrubada da mata e na preparação do terreno, muito esforço e energia humana foram remetidos pelos trabalhadores. As expectativas de encontrar trabalho ou as condições de uma vida melhor fizeram com que a migração para o Oeste do Paraná se tornasse uma constante, sobretudo a partir de meados da década de 1950.

Na escuta das trajetórias, o senhor Theobaldo Mohr, que chegou ao atual município de Mercedes em 1956, proveniente de Taió, Santa Catarina, apresentou alguns aspectos da vinda de sua família ao Paraná:

Olha, foi o seguinte, meu pai veio antes de nós se mudar pra cá. O meu pai veio, então ele comprou duas chácaras e uma colônia, mas não sabia nem onde é que ficavam. Era só comprado, feito um contrato e dado um sinal, não sei de quanto, e daí mais tarde veio pra cá de novo. Daí já escolheu, e já foi duas chácaras mais aqui embaixo, já eram medidas daí. Aberto uma estrada provisória assim e medido. E uma colônia foi aqui pro lado do Belmonte [ao sul de Mercedes] naquela época. E essa colônia então, a chacara foi agora vendido tempos atrás pra outros. Senão era, eles [os pais] moravam ali sempre. E assim muita gente comprou sem ver as terras e sem, quer dizer, via a região, mas não era demarcada ainda.²⁸

²⁸ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr, 72 anos, concedido em 02 de agosto de 2007.

O significado atribuído pelo senhor Theobaldo na interpretação da trajetória da migração trocada por sua família o colocou sem um sentido fixo no processo vivido. A memória ressaltou os primeiros tempos da ocupação e da chegada ao lugar. Recorreu ao tempo de antes, anterior à mudança para o Paraná, para falar do seu estabelecimento no espaço que é a atual Mercedes. A migração ocorria sem que houvesse uma regulamentação legal das terras, como afirmou o senhor Theobaldo “*não era demarcada ainda*” e sem conhecimento de sua localização, “*não sabia nem onde é que ficavam*”. Mas era uma migração orientada que colocou em mobilidade inúmeras famílias que saíram do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, as quais acreditavam que o lugar de destino, o Oeste do Paraná, possibilitaria melhores condições de vida.

A “terra prometida”²⁹ ainda fazia parte de um espaço que precisou ser ocupado, o qual se articulou nas narrativas numa visão positivada sobre sua realização. Esta visão ganhou relevo na leitura do senhor Theobaldo em justificativa ao fato de seu pai conseguir adquirir as chamadas “colônias” que, neste caso, considera-se uma área de terra titulada a partir de uma empresa privada de colonização. Analisando a narrativa acima, observa-se uma sensibilidade de distinção entre a “colônia” e a chácara. Para muitos migrantes sulinos, colônia era uma área de dez alqueires, que era o modelo de colonização proposto pelas empresas também no Sul. Já ao referir-se à chácara, o narrador procurou mensurar uma área menor, geralmente localizada próxima à vila ou à cidade.

Na força subjetiva do relato, a então terra prometida pareceu ter se concretizado para a família do senhor Theobaldo. Ele mesmo afirmou que seus pais “*moravam ali sempre*”. A terra desconhecida e, por vezes, prometida, foi a provedora da subsistência daqueles que *sempre* ali viveram. Um lugar distante do local de saída, almejado e experimentado que fundamenta nos signos de vivência e, no presente, das recordações instituídas no novo lugar.

Quando o pai do senhor Theobaldo migrou para a região e adquiriu terras da então colonizadora Maripá, “*não sabia onde é que ficavam*”. A mata era densa e ainda não havia sido explorada, tampouco as terras estavam demarcadas. Um “novo mundo” de expectativas colocava-se à família do senhor Theobaldo. No momento da compra, como ressaltou no relato, era “*feito um contrato e dado um sinal*”. O “sinal” era uma parcela em dinheiro paga à

²⁹Tomo de empréstimo o termo utilizado por Regina Beatriz Guimarães Neto, a autora problematizou como “a terra fantástica da Amazônia” atraiu trabalhadores de várias regiões do país, sobretudo da região Sul. Esse deslocamento, muitas vezes, se projeta numa construção imaginária de uma *terra prometida* que alcançaria a salvação. Este discurso ganhou foros nas mensagens propagandísticas das empresas privadas de colonização, quando muitos trabalhadores acreditaram no mito da ascensão socioeconômica. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**: política de colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá: UNICEN, 2002.

colonizadora antes mesmo de saber onde ficava a área adquirida. A compra de terras, “às escuras”, não aconteceu somente com a família do senhor Theobaldo, como mesmo compartilhou em sua narrativa: “*e assim muita gente comprou sem ver as terras...*”. Sem conhecimento de como eram as terras na região, as famílias se colocaram *pari passu* numa migração induzida, uma vez que este espaço era apresentado como próspero e com clima favorável ao desenvolvimento das atividades agrícolas, de acordo com as propagandas das companhias colonizadoras que atuavam no Sul.³⁰

As narrativas sobre a vinda das primeiras famílias de migrantes carregam o sentimento de que elas vieram ocupar um espaço, aparentemente, desabitado. Um espaço que “necessitava” ser explorado e modificado por eles próprios. As lembranças compartilhadas pelo senhor Theobaldo me instigaram a saber os motivos de sua vinda. Assim ele se expressou:

Olha, eu na época não tinha assim uma iniciativa própria. Eu mais vim porque meus pais vieram pra cá, quando eu era novo ainda, sabe? E daí, então a gente veio junto porque a propaganda era grande; vendedor de terra das Companhias existiam por tudo, e assim foi levas de gente pra cá e foram comprando as terras. E, de pouco em pouco ia se mudando pra cá. E assim aconteceu com muita gente, não só com nós, com todos...³¹

Ao compartilhar suas experiências do tempo da chegada ao Paraná, o senhor Theobaldo articulou a vinda da família e a de outros migrantes à atuação das companhias colonizadoras. Estas, segundo o relato, “*existiam por tudo*” e, através do uso da propaganda, vendiam terras na região. Notadamente, eram os representantes de empresas colonizadoras, como a Maripá, que atuavam junto aos “colonos” do Sul com objetivos de vender e “colonizar” as novas terras.³² Movidos por perspectivas de ascensão socioeconômica, muitas famílias deixaram o Rio Grande do Sul e Santa Catarina e rumaram ao Oeste do Paraná. No centro da argumentação o senhor Theobaldo ressaltou que as famílias foram se mudando: “*pouco em pouco*”. A migração não ocorreu de um dia para outro, ela foi e é caracterizada por uma movimentação constante que desloca as famílias de acordo com a realidade social que se molda. Para o entrevistado, o uso da “*propaganda era grande*” fazendo com que os migrantes fossem, a grosso modo, convencidos a se colocarem em movimento na esperança de ter melhores condições de vida no novo lugar, que ainda apresentava-se como desconhecido.

³⁰ Ver anexo 02, panfleto utilizado por corretores na venda de terras.

³¹ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

³² TARGANSKI, Sérgio. **Rumo ao novo eldorado**. Marechal Cândido Rondon, Editora Germânica, 2007, p. 25.

Similarmente a essa idéia do “desconhecido”, Regina B. Guimarães Neto também retratou o processo de ocupação na Amazônia, sobretudo Mato Grosso e Rondônia, nas três últimas décadas do século XX. A autora ainda caracterizou, através do que chamou de a “arte de narrar”, a focalização dos primeiros moradores nos “*novos lugares*”. Estes proprietários, arrendatários ou parceiros chegaram naquela região vindos de várias partes do Brasil. Ao mesmo tempo, chegaram os “despossuídos” de quaisquer bens, da terra e das ferramentas – estes especialmente do Nordeste. Por intermédio daquilo que, segundo ela, “guardam na memória”, problematizou “as inúmeras histórias, as quais evocam a terra desconhecida”.³³ Nas chamadas *redes da memória* permaneceram os desafios de um mundo desconhecido, de relações sociais, e também onde os mistérios da natureza, ainda tida como selvagem, estavam por ser desvendados.

Dialogar com as memórias sobre as dinâmicas socioculturais que se processaram neste espaço da *fronteira*,³⁴ os quais em inúmeros aspectos permanecem invisibilizados ou desconhecidos, contrasta com memórias produzidas por empresas colonizadoras e/ou órgãos oficiais, sobretudo quando a experiência de muitos permanece ainda silenciada. Estou falando daqueles migrantes que vivem numa sociedade que os exclui e, ao nos debruçarmos para ouvi-los, temos expectativas de compreender como eles se *fazem* sujeitos através da migração, do trabalho e das relações de alteridade.

A constituição do espaço desta pesquisa de *fronteira* do Oeste do Paraná também pode ser compreendida a partir da observação da propaganda de jornais da época. O jornal *Posição*, que circulou na região na década de 1970, em 1975 publicou uma matéria exclusiva sobre a constituição de Marechal Cândido Rondon quando este comemorava 15 anos de emancipação política. De acordo com esta matéria:

Colonos de origem alemã, provenientes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, chegaram as terras férteis, planas e sem pedras, nos quais se plantando tudo dava. É interessante notar que colônias alemãs (...) do sul, se transferiram em parte para esta região, quase sem se misturar, delineando perfeitamente colônia alemã em Mal. Cândido Rondon (...). A notícia da Fundação de uma colônia alemã em terras vermelhas do Paraná do Oeste, correu e vieram mais famílias a Marechal Cândido Rondon, que cresceu.³⁵

³³ GUIMARÃES NETO, Regina B. “Personagens e memórias. Territórios de ocupação recente na Amazônia”. In: CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Histórias em cousas miúdas**. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p. 08.

³⁴ Ao falar de *fronteira* tomo por base o espaço deste estudo localizado no Extremo-Oeste do Paraná às margens do rio Paraná, fronteira com a República do Paraguai. E também nas relações de alteridades instituídas pelos diferentes sujeitos. Ver mapa 1.

³⁵ Marechal Cândido Rondon, 1975 – ano 15. **Posição**. Curitiba, out/nov de 1975, nº 6, p. 7. Arquivo particular do Senhor Azelino Lange.

Nota-se uma exaltação à “origem” dos migrantes, que fundaram uma colônia numa região de “terras férteis, planas e sem pedras”. O fato do solo ser propício a todos os tipos de culturas agrícolas chama a atenção. Interessante perceber como a matéria jornalística publicada em Curitiba ressalta a formação de um *novo eldorado*, em que se “plantando tudo dava”. É um olhar de fora sobre Marechal Cândido Rondon que destaca e exalta o fato de as pessoas se transferiram de um lugar para outro “quase sem se misturar”. Isto é, pela matéria jornalística procurou-se reproduzir a “colônia alemã”, da mesma forma que supostamente haveria nos estados de origem dos migrantes.

De outro modo, o que se percebe é que se procurou reconstruir um espaço com características idênticas ao lugar de saída de um grupo de migrantes. Na região estes migrantes encontraram, segundo Sérgio Targanski, para além das dificuldades, as terras vermelhas idênticas “às do Rio Grande do Sul e Santa Catarina”, e as madeiras de lei, um clima que “também era igual, com chuvas regulares e inverno rigoroso, com frio e geadas”.³⁶ Como se percebe, as pessoas são destituídas de suas pertencas e “transplantadas” no Paraná. Como as plantas de um canteiro são transferidas para um lugar onde podem continuar desenvolvendo suas raízes. O ato de migrar não implica somente a ocupação de outro espaço. Migrar significa construir e reconstruir outras relações no lugar de destino. É preciso construir identificações com o *jeito* do novo lugar, o que pressupõe, de acordo com Jones Goetttert: “a *des-identificação* com o lugar *deixado*. Identificação e *des-identificação* entre, nos e dos lugares, faz com que aquela ou aquele que migra *transite* sobre diferenças”.³⁷

A partir de e com as diferenças, o lugar foi sendo produzido e reproduzido. Com a chegada de migrantes, aos poucos, o espaço até então considerado “sertão” ou pouco habitado, passou por transformações³⁸, num primeiro momento, relacionadas à paisagem social do espaço. Na abordagem das questões suscitadas acima, Gilmar Arruda, em seu estudo sobre a ocupação da região dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, através da memória e da história oral problematizou a idéia de ocupação e de “progresso” existente nas imagens da época. De acordo com o autor, tanto as cidades quanto os *sertões* podem ser reconhecidos como “lugares de memória” na funcionalidade dos sentidos atribuídos as estes

³⁶ TARGANSKI, Sérgio. **Rumo ao novo Eldorado...**, op. cit. p. 26.

³⁷ GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou**. Mato Grosso do Sul: Editora da UFGD, 2008, pp. 42-43.

³⁸ Tomo aqui de empréstimo as reflexões de Gilmar Arruda quando procurou problematizar este conceito. Para este autor, “falar de ‘sertões’ significa, entre outras coisas, dialogar com os significados atribuídos à natureza na construção de identidades e memórias”. ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru, SP: EDUSC, 2000, p. 18.

lugares. Cidades e sertões não são lugares determinados e específicos. Conforme Arruda, ao dialogar com Pierre Nora, os lugares podem ser entendidos “como investimentos simbólicos que, dependendo dos grupos sociais e períodos históricos mudam de significados”.³⁹

As imagens acerca deste espaço, neste campo de significação, são representadas pelas lembranças de antigos moradores. A paisagem social que se desenhou no espaço em estudo está relacionada à idéia de um lugar que passou a ser ocupado por diferentes grupos étnicos. Neste trabalho, procurei fazer com que suas memórias sejam parte integrante – principalmente daqueles da atual Mercedes, que passou a ser o ponto de partida. Necessita-se destacar que o atual município começou a constituir-se enquanto núcleo populacional em 1952, juntamente com a vila de General Rondon (hoje o município de Marechal Cândido Rondon), ambas na época pertencentes ao município de Toledo. Em 1960, Marechal Cândido Rondon teve sua emancipação política e Mercedes passou a fazer parte desse município. Em 1962, a vila de Mercedes tornou-se Distrito Administrativo e Judiciário de Marechal Cândido Rondon.⁴⁰ Esses dados possibilitam uma melhor compreensão do que estou problematizando, em especial para se pensar sobre a hortelã.

Diante destas considerações, as transformações ocorridas no lugar, a partir da participação de diferentes sujeitos, pareceram reatar as possibilidades de permanência dos migrantes após chegar à região. Instigado a relatar sobre a população que encontrou ao chegar em Mercedes, o senhor Theobaldo comentou:

Então tinham muitos desse pessoal que trabalhavam nessas áreas de medição e as vilas, isso era aqui em Mercedes, era em Quatro Pontes, tudo tinha que ser medido os lotes. E isso, a mata, a firma mandou mesmo, ela mesmo pagou para derrubar o que era a vila, um patrimônio. Isso era mais ou menos uns mil por mil metros quadrados. Isso a própria firma derrubava, deixava já a mata derrubada e quem eram os que derrubavam eram tudo os paraguaios. Os paraguaios eles derrubavam o mato, pagos pela companhia.⁴¹

A recordação do senhor Theobaldo, já de primeiro momento, lançou outro olhar na participação de diferentes sujeitos sociais nesta paisagem que se constituía. Na tentativa de apresentar quem eram os trabalhadores que aqui se encontravam, as trajetórias dissonantes dos *paraguaios* aparecem associadas à paisagem social da região. O relato, num sentido ufanista, ressaltou a necessidade que a colonizadora tinha de devastação: “a própria firma derrubava, deixava já a mata derrubada”. Cedendo certa credibilidade aos migrantes, a

³⁹ ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões**..., op. cit. p. 50.

⁴⁰ SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas**: história de Marechal Cândido Rondon. Cascavel. ASSOESTE, 1985.

⁴¹ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

companhia colonizadora foi quem “pagou para derrubar”, principalmente os centros das primeiras vilas, chamadas pelo senhor Theobaldo de “patrimônio”. Ao mesmo tempo, destaco que a terra valorizada naquele período era a que tinha a sua madeira explorada, com a floresta destruída. Esta mesma terra, beneficiada, desmatada, estava pronta para ser utilizada na produção agrícola. A agilidade da empresa na derrubada da mata atraía mais compradores de terras, pois estava auxiliando com a mão-de-obra para “desbravar” a região. Sobre esta atividade exploratória, Ruy Wachowicz observou que houve o recrutamento de mão-de-obra *paraguaia* em alguma escala considerável:

Dos mensus paraguaios ainda muitos permaneciam na região, principalmente nas margens do rio Paraná. Se preciso fosse, recrutar-se-iam os mesmos, no próprio Paraguai. (...) Segundo o padre [Antonio] Patuí, os colonos não agüentavam a dificuldade dos mosquitos. Os paraguaios agüentavam mais facilmente. [Como diz Patuí] ‘Os paraguaios tinham pernas grossas, assim, já inchadas’. Dessa forma, o trabalho mais pesado, mais difícil, de derrubada da mata, e a construção da estrada entre Toledo e Porto Britânia, foram obras dos ‘guaranis modernos’ paraguaios.⁴²

Conforme o autor apresenta, no processo de ocupação do Oeste do Paraná somente se tem uma visão utilitária dos chamados *paraguaios* ou *guaranis modernos*. Recrutados para o trabalho, estes foram considerados mais “fortes” que os colonos sulinos. Eles “aguentavam” os insetos, participando do processo de devastação da mata. É como se fosse uma espécie de mão-de-obra sobressalente e por isso utilizada. De outro modo, cria-se uma imagem das condições a que estavam postos os *paraguaios*. Faz-se a construção de uma suposta identidade pela diferença, pois eles “tinham pernas grossas, assim, já inchadas”, resultado do trabalho pesado praticado, na derrubada da mata e também na construção de estradas, como a entre Toledo e Porto Britânia.⁴³

Trabalhadores preparados para atividades pesadas. Desse modo elaboraram-se hierarquizações de pertencimento, conforme leitura de Venilda Saatkamp: “os trabalhadores paraguaios pertencem a classe social mais baixa devido as suas constantes migrações”.⁴⁴ Numa forma de silenciar a participação destes trabalhadores *paraguaios* na região, Saatkamp faz uma diferenciação de classe ao falar da população, o que de algum modo acabava inferiorizando-os. A respeito destes trabalhadores, produziu-se certo estigma “como atrasados

⁴² WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrages, mensus e colonos**: história do oeste-paranaense. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982, p. 168-169.

⁴³ O Porto Britânia fica localizado no atual município de Pato Bragado, no Paraná.

⁴⁴ SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas**..., op. cit. p. 85.

e incultos, que usavam ferramentas não-modernas”.⁴⁵ Enquanto a literatura somente constata a presença de *paraguaios* como recrutados para o trabalho, nas narrativas a presença destes trabalhadores aparece de forma contumaz. O senhor Azelino Lange, que migrou com sua família em 1953, de Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul, para a região, compartilha outras memórias sobre Marechal Cândido Rondon, narrando sobre a derrubada da mata que era feita por:

Paraguaios que faziam empreita... Derrubavam mato, empreitavam. Ali dava roubo e morte a rolê naquela turma de lá na época aí. Isso não tinha nada para perder e vinham aí e qualquer bagunça e qualquer briga que dava para eles, tanto fazia. Uma peixeira na cinta e... É paraguaiada ali, na época ali era cheio, vinham empreitar porque serviço lá não tinha. Eles vinham pra cá e fazia empreita, um meio de ganhar dinheiro...⁴⁶

No relato, observa-se uma comparação com os *de lá*, do Paraguai, com os *de cá*, do Brasil, afirmando diferença que é constituída num campo de conflituosidade. O senhor Azelino de algum modo estigmatizou os *paraguaios* que estavam na região. Estes foram lembrados por atribuições pejorativas, diferenciando-os dos sulinos. A narrativa colocou ainda a definição de uma imagem de superioridade em relação à “*paraguaiada*”, quando a “*empreita*” era uma forma dos mesmos ganharem dinheiro. Os paraguaios, por sua vez, participaram da modificação da paisagem natural da região. Trabalharam a seu modo para dar lugar ao chamado “progresso” e aos chamados “pioneiros”. Por “pioneiro” compreende-se, a partir da literatura sobre a região, os “desbravadores” ou primeiros ocupantes do espaço. No espaço que estou lidando, somente os migrantes sulinos que obtiveram destaque socioeconômico são tidos como pioneiros.⁴⁷ Aos demais, por vezes são lembrados como portadores de valor humano inferior, como quando são lembrados na narrativa acima: *bagunceiros*, *ladrões*, *violentos*, ou simplesmente esquecidos numa forma de ocultar as memórias destes hoje ausentes.

Na problematização dos diferentes sujeitos sociais que participaram da constituição deste espaço, percebo que não eram somente os descendentes de alemães que aqui se encontravam. Tenho observado nas narrativas que era grande a presença de trabalhadores oriundos do Paraguai, bem como se tem também a presença daqueles “nortistas”, sobre os quais buscarei discutir no decorrer deste texto. Muitos destes encontravam-se na região sem um sentido fixo, sem a propriedade da terra. Embora por vezes se procure ocultar a

⁴⁵ GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no oeste do Paraná (1940-70). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002, p. 160.

⁴⁶ Relato do senhor Azelino Lange, 60 anos, concedido em 30 de março de 2008.

⁴⁷ GREGORY, Valdir; VANDERLINDE, Tarcisio; MYSKIW, Marcos. **Mercedes: uma história de encontros**. Marechal Cândido Rondon, Germânica, 2004.

participação daqueles provenientes de outras regiões, aqueles que vieram do Sul e que não tiveram possibilidades de adquirir propriedade também não participam das memórias eleitas. Pois muitos vieram a “*procura assim de um trabalho, uma colocação*”,⁴⁸ como asseverou o senhor José Honorato Alves, procedente do estado de Santa Catarina.

A fala do senhor José apontou que nem todos os sulistas obtiveram êxito na compra de terras. Por isso procurou uma “*colocação*” em um espaço que, acreditou, tinha mais possibilidades de melhorar suas condições de vida, pois o seu lugar de partida não supria as necessidades socioeconômicas de sua família. Segundo a literatura, os trabalhadores “dos dois Estados Sulinos” fariam a região desenvolver-se com êxito.⁴⁹ Mas, é preciso caracterizar que isso somente foi possível a partir da presença de outros agentes que, valendo-se da força de trabalho, colaboraram na transformação do espaço.

Nesse caminho de “desbravamento” e no desvendar das memórias, o espaço sofreu modificações à medida que as famílias foram chegando. Como lembrou o senhor Theobaldo: “*não demorou muito tempo. Daí entrou aquela história daquela hortelã, da hortelã. Menta, também falavam. Menta ou hortelã. E assim daí foram vários anos naquela luta de hortelã*”.⁵⁰ A hortelã, nas lembranças do entrevistado, tornou-se atividade agrícola logo nos primeiros anos que os proprietários adquiriram as terras: “*não demorou muito tempo*”. A referência ao *tempo* para o senhor Theobaldo está entremeado pelo ato de *memoriar*, impregnado do tempo passado e presente. O relato mostrou ainda que o senhor Theobaldo se colocou de fora do processo decorrido com as lavouras de hortelã: “*aquela história daquela hortelã*”. Ele não se vê no processo, mas foi um período que experimentou de forma intensa, pois “*foram vários anos naquela luta de hortelã*”. As lavouras aparentemente apresentam-se distantes na interpretação narrativa, mas aparecem como uma “*luta*” e não como uma dádiva. E sobre esta o entrevistado marcou sua experiência colocando-se de fora da atividade que durou alguns anos.

O senhor Theobaldo não cultivou hortelã, nem tampouco trabalhou nestas lavouras. Todavia, a sua experiência enquanto morador do lugar constituiu-se concomitantemente ao período hortelaneiro, a partir do qual narrou tais processos. Quando chegou com os pais a Mercedes, foram morar numa propriedade que haviam adquirido da colonizadora. Fizeram a derrubada da mata e plantaram milho para a criação de porcos. Segundo ele: “*no início, então, toda a atividade, assim, agrícola e econômica da região era a criação de porcos, num*

⁴⁸ Relato do senhor José Honorato Alves, 71 anos, concedido em 1º de setembro de 2003.

⁴⁹ SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas**..., op. cit. pp. 42-48.

⁵⁰ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

sistema muito mais simples, meio rudimentar, não é igual como é hoje".⁵¹ Outra dimensão posta nas suas palavras, a criação de porcos como uma das atividades que os migrantes passaram a desenvolver. Para o senhor Theobaldo, esta foi uma atividade "*agrícola e econômica*" na região. Mas alertou, "*não é igual como é hoje*", a criação de porcos ocorria "*num sistema meio rudimentar*", contrapondo-se às técnicas de criação de porcos que estão postas na atualidade.

A criação de porcos foi uma atividade econômica que se estendeu a uma parte da região Oeste do Paraná. Por ocasião da comemoração do 15º aniversário de Marechal Cândido Rondon, o jornal *Posição* destacou que: "de início a economia se baseou na suinocultura e Rondon chegou a ser a capital sul americana da suinocultura. Apesar das estradas ruins, o porco saía dali para São Paulo por via rodoviária".⁵² De início, criavam-se porcos num sistema "*meio rudimentar*", como narrou o senhor Theobaldo. O sistema "rudimentar" pode ser entendido como uma forma de justificação do entrevistado em relação a uma produção "moderna" no presente, quando as técnicas de criação de porcos precisam estar adequadas a um sistema mais amplo de qualidade e também de controle sanitário.

A criação de porcos é lembrada como uma das principais atividades desenvolvidas nas décadas de 1960 e 1970 na região. Observo, assim, que a atividade com a hortelã não ocorreu de forma homogênea, mas esteve intercalada com outras atividades. As tabelas a seguir, com dados estatísticos organizados por Venilda Saatkamp, mostram a produção agrícola comercializada em Marechal Cândido Rondon na década de 1970. A produção mais considerável neste período era a soja.

Tabela 2 – Principais produtos agrícolas cultivados em Marechal Cândido Rondon em 1975 e 1976.⁵³

Culturas	Área Plantada	Área Mecanizada	Produção Total (T)	Produção Vendida
Soja	70.000	95%	168.000	90%
Trigo	65.000	100%	27.000	100%
Milho	20.000	40%	96.000	70%
Arroz	500	—	1.750	10%
<i>Hortelã</i>	5.000	—	500	100%
Feijão	200	—	198	100%

Fonte: IBGE.

⁵¹ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

⁵² Marechal Cândido Rondon, 1975 – ano 15. **Posição**. Curitiba..., op. cit.

⁵³ Apud: SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas...**, op. cit. p. 121.

Tabela 3 – Principais produtos agrícolas cultivados em Marechal Cândido Rondon em 1977 e 1978.⁵⁴

Culturas	Nº de Produtores		Área Plantada (ha)		Produção Total (T)	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978
Soja	3.700	3.700	85.000	86.000	204.000	139.242
Trigo	3.500	3.300	75.000	75.000	112.500	78.190
Milho	1.650	2.960	10.000	8.000	40.000	18.000
Arroz	700	600	1.000	800	2.800	75
Hortelã	100	200	100	1.200	70	44
Feijão	180	180	100	100	80	60

Fonte: ACARPA.

Tabela 4 – Preços mínimos para a safra agrícola 1979/1980.⁵⁵

Produto	Unidade	Preço mínimo – safra 79/80	Variação 79/80 – 78/79
Soja	60 kg	CR\$ 315,00	110.0
Milho	60 kg	CR\$ 185,40	71.7
Arroz	50 kg	CR\$ 320,00	75.8
Feijão	60 kg	CR\$ 612,00	65.8
Menta	1 kg	CR\$ 210,00	52.2
Algodão	15 kg	CR\$ 201,90	49.5

Fonte: Jornal Informativo Copagril.

No rol das atividades agrícolas praticadas na década de 1970, destacou-se também a produção de hortelã. Mesmo não se apresentando como a mais significativa, estes indícios ajudam a perceber uma significativa parcela de produtores atuando na atividade hortelaneira. Em 1978, aproximadamente 200 produtores estavam praticando-a. Esta estatística possibilita, também, concluir que o número de trabalhadores envolvidos com as lavouras de hortelã era considerável, uma vez que todas as etapas da produção eram feitas de forma manual e cada proprietário tinha várias famílias morando em suas terras, empregados em atividades com a hortelã.

Na tabela 4 é interessante perceber a proporção de 1 kg de óleo de hortelã em relação aos demais produtos. Quando a saca de 60 kg de soja alcançou o preço mínimo de CR\$ 315,00, 1 kg de óleo de hortelã na mesma safra, 1979/1980, chegou a alcançar o patamar de

⁵⁴ SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas...**, op. cit. p. 123.

⁵⁵ Preços mínimos para a safra agrícola 78/79. **Informativo Copagril**. Marechal Cândido Rondon, agosto de 1979, nº 18, p. 09. Acervo da unidade sede da Cooperativa Copagril, de Marechal Cândido Rondon.

CR\$ 210,00. Através destes dados é possível perceber a valorização que as plantações de hortelã tiveram na região. Por outro lado, ainda para perceber a importância da produção hortelaneira, de acordo com o IPARDES, o preço do óleo da hortelã sofria constantes oscilações, “em função principalmente do comportamento do mercado internacional, e da existência de especuladores. Em novembro de 1975, a Comissão de Financiamento da Produção fixou em CR\$ 82,50 o preço mínimo por quilo de óleo bruto de menta”.⁵⁶

Observa-se que o preço mínimo do óleo sofreu variações em virtude dos atravessadores, que eram compradores que chegavam às propriedades, adquiriam o produto e revendiam para as indústrias de beneficiamento por um preço mais elevado. Estas indústrias de beneficiamento estavam instaladas em São Paulo como pode ser observado nos anexos 3 e 4. Nessa transição, o produtor acabava perdendo o valor de seu produto. Considerando o preço do produto, no final da década de 1970, é possível presumir que a atividade hortelaneira já estava num período de decadência e a pouca produção, então, assumindo um preço mais elevado naquela safra.

Juntamente com estes dados estatísticos, que por si só não me permitem dar continuidade ao trabalho, o diálogo com as narrativas novamente se fez de fundamental importância. Recorro, mais uma vez, às lembranças do senhor Theobaldo. Conforme narrou, “já tinha um certo conhecimento da atividade como mecânico”⁵⁷ e passou, então, a trabalhar no ramo consertando motores. Como o seu trabalho foi progredindo e lhe eram destinados muitos motores e equipamentos de alambiques de hortelã para o conserto, mudou-se para a cidade. Com 72 anos no momento da entrevista, o senhor Theobaldo não se considerou aposentado, pois continua trabalhando diariamente em sua oficina mecânica consertando equipamentos agrícolas, juntamente com seus funcionários.

Interessante notar que o senhor Theobaldo não desenvolveu atividade nas lavouras, como a maioria dos trabalhadores que vieram ao Paraná. Com conhecimento de mecânica, como ele próprio diz, veio “*morar dentro da cidade, pra continuar naquele ramo como a gente já conhecia uma boa parte*”.⁵⁸ Um conhecimento que desenvolveu no campo, com o conserto de equipamentos utilizados na agricultura e peças de alambiques. Foi no trabalho como mecânico que passou a ter mais conhecimento sobre a atividade hortelaneira:

⁵⁶ FUNDAÇÃO IPARDES – Estudos para o desenvolvimento de atividades agrícolas e industriais integrados, projetos especiais – menta. Curitiba, 1977, p. 22. Disponível em: www.ipardes.pr.gov.br. Acessado em 12/01/2009. Ver também anexo 03 e 04, nota fiscal de venda de óleo de hortelã.

⁵⁷ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

⁵⁸ Idem.

Quando eu já trabalhava aqui na cidade, que já tinha oficina então aparecia bastante... Algum objeto, alguma coisa que era proveniente de uma caldeira ou de uma serpentina [equipamento usado no aquecimento da planta da hortelã nos alambiques de destilação]. Tudo que precisava pra isso ali. Pra conserto. Então, eu sei que a gente soldava aquelas caldeiras quando tava um trinco [danificadas].⁵⁹

Nestas relações de trabalho que se moldaram, o ofício de mecânico fez o senhor Theobaldo reconhecer-se e conhecer aquelas dinâmicas. O trabalho praticado em sua oficina é marco na trama de suas lembranças. O entrevistado, numa dimensão resignificada, revelou o campo social de sua atuação e observação das atividades com a hortelã. Numa forma de reconstruir detalhadamente e, com voz cansada, ele expressou sua força narrativa demonstrando como era feita a destilação da erva para a extração do óleo nos alambiques:

Então aquela caldeira era com a água e fogo. Lenha tinha sobrando. Então dava aquela pressão de vapor. Daí pra carregar [encher a pipa do alambique] era levado, enchido uma tina grande de material, assim de folha, quer dizer de ferro. Folha grossa, chapa grossa. Daí, então, quando estava bem carregado e socado aquele material ali dentro, daí se fechava em cima bem fechado e ligava o cano do vapor, e daí abria a caldeira. Daí aquele vapor é que cozinava aquele produto e levava o óleo pra fora, pra baixo. Olha, ele saía água. É que o vapor lá dentro com o tempo vira em água. Com aquele calor aquele óleo sai e com a água ele desce, e daí quando desce tem uma coisa que pega, uma lata, qualquer coisa põem debaixo. Mais era um recipiente de vidro. Daí você via bem a separação do óleo e a água porque era diferente. O óleo ia pro fundo e a água ia pra cima. Então, assim, e muitos óleos, a maioria do óleo vai por cima e esse ia para o fundo. Um óleo pesado. E daí quando eles tinham um certo prazo que ele ficava fervendo, fica lambicando, eles falavam fica lambicando, daí quando viam que [não] saía mais nenhum óleo, só água, isso eles tinham que saber, então desligavam a... Aquela caldeira. Fechavam a caldeira e daí tiravam o tampão de cima e daí por um trilho, tipo um trilho de trem, mais ou menos, aquele, aquela uma, tina eles chamavam, ele corria em cima de rodas e lá diante tinha um guincho, ele puxava aquele negócio pra cima, aquela tina, que era cônica, puxava pra cima, daí aquela massa daquela rama de hortelã ficava ali e sempre colocava num jeito que ela caía tipo um barranco, um pequeno precipício que derrubava pra baixo. Depois largavam fogo [queimava-se a massa que sobrava] pra não acumular demais. Porque isso, quando é lambicado, assim isso pouco tempo que estava lá fora já pegava, podia colocar fogo já queimava. Que ficava seco de tanto calor lá dentro [na tina de destilação]. Daí eles guardavam aquele óleo e o comprador comprava qualquer quantidade, se um tinha mais ou menos e... Era interessante.⁶⁰

Ao reconstituir a atividade praticada por outros trabalhadores a lembrança do senhor Theobaldo tornou-se palavra “pensada, praticada, escrita”. Palavras que podem ser entendidas

⁵⁹ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

⁶⁰ Idem.

enquanto um “exercício de liberdade” e uma arma na luta “contra o esquecimento”.⁶¹ Água e fogo, dois elementos opostos que fazem parte de uma memória que se tornou palavra falada, gravada, transcrita. No diálogo com e sobre os modos de processamento da hortelã, o senhor Theobaldo expressou significados da sua experiência enquanto mecânico no conserto de alambiques. As partes que compunham toda a estrutura de destilação foram lembradas: a caldeira, a pipa, a tina, e demais peças foram recordadas com certa eloquência. Surpreendeu a forma como relatou o processo de destilação da planta da hortelã para obtenção do óleo. A riqueza de detalhes submergidos pela força subjetiva da memória demonstra os *sentidos compartilhados* que marcam sua vida. Uma experiência adquirida com os trabalhadores hortelaneiros e não propriamente como um trabalhador das lavouras de hortelã. A “*história daquela hortelã*” foi parte significativa na sua vivência, pois redesenha a sua “*iniciativa própria*”, que o levou a trabalhar como mecânico colocando-o em contato direto com outras trajetórias e experiências.

No campo das significações relatadas a planta da hortelã era submetida a procedimentos técnicos para a extração do óleo. Conforme também pontuaram Samuel dos Santos e Vicente de Oliveira:

A erva cortada é depois de murcha submetida à destilação a vapor, processo adotado para extração do óleo essencial nela existente. Esta operação é, na prática, executada pelo próprio agricultor por meio de alambique, obtendo-se o óleo bruto, produto final da fase agrícola.⁶²

Na operacionalização dos procedimentos para chegar ao produto final que é o óleo, a atividade com a hortelã necessita também de conhecimentos. Pelos narrar os trabalhadores compartilham suas experiências na atividade. O senhor José Honorato Alves por força das circunstâncias em que vivia, também se fez migrante e trabalhador hortelaneiro. Em 1969, migrou com esposa e filhos de Imaruí, Santa Catarina, a atual Mercedes. As condições materiais postas no lugar em que vivia com a família despertaram no senhor José a vontade de recomeçar a vida em outro lugar. Tais condições matizavam uma impossível ascensão socioeconômica: “*as terras eram poucas e não muito boas, tinha muito morro e a família era grande*”.⁶³ Impulsionado pelo desejo de migrar, uma vez que um de seus irmãos já havia se lançado ao Paraná, não titubeou e seguiu o caminho rumo ao Oeste. Instalado na região, o

⁶¹ GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento**..., op. cit, p. 79.

⁶²Santos, Samuel Ribeiro dos; OLIVEIRA, Vicente Gonçalves de. “Espaçamento para Menta (*Mentha Arvensis*)”. In: **BRAGANTIA**: Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Estado de São Paulo. Vol. 20, nº 29, Campina, julho de 1961, p. 702.

⁶³ Relato do senhor José Honorato Alves..., relato citado.

senhor José teve a primeira oferta de trabalho nas lavouras de hortelã. Ele foi um daqueles que trabalhou vários anos nas plantações. Sobre o processo de destilação do óleo, relatou:

Era interessante. Nós colocávamos a erva dentro de um aparelho que chamava-se pipa. E dali abaixo de vapor, então saía o óleo misturado com o suor do calor e passava por uma tal serpentina e, ali o óleo então saía embaixo do preparo em canos e assim já o óleo frio, só que separado da água. Uma pipada, assim, quando era época boa, mesmo na época do hortelã quando tava maduro, bem florado, ele dava uma base de quinze, dezessete kg assim por pipada. Demorava numa base, uma pipada assim, umas duas horas escorrendo até quando a gente conseguia tirar tudo.⁶⁴

O relato demonstra o ofício vivido pelo senhor José. Na apreensão da atividade, tanto o senhor José como o senhor Theobaldo denotam que “*era interessante*” o processo de destilação. Eles mesmos, por vezes, se surpreenderam com os procedimentos técnicos para a obtenção do óleo. Água e fogo, água e óleo, são elementos presentes nestas articulações e nos detalhes da execução do trabalho nos alambiques. O mesmo ainda parece vivo ao ser relatado no momento da entrevista. Em outras palavras, é possível perceber o frescor de uma ação de ontem que, há poucos momentos, foi desenvolvida na lembrança.

Mesmo com idade avançada, o senhor Theobaldo lembrou-se do início e do final em que foram plantadas as lavouras de hortelã na região: “*isso começou lá por [19] sessenta e oito, e foi forte até [19] setenta e cinco, [19] setenta e seis. Daí começou a fraquejar mais, foi baixando em virtude da mecanização da lavoura, da lavoura mecanizada*”.⁶⁵ Nota-se que a memória do entrevistado situou-se na temporalidade histórica das modificações ocorridas no campo. O desdobramento representativo de sua lembrança atuou no sentido de apontar elementos responsáveis pelo término das lavouras de hortelã, como a utilização de máquinas agrícolas e a prática de outros cultivares como a soja, o milho e o trigo. Segundo Sérgio Targanski, no início da década de 1970 “foram surgindo inovações no manuseio da terra, como o surgimento de tratores e máquinas para fazer as colheitas das culturas de trigo, soja e milho”.⁶⁶ Desse modo, as lavouras, que até então eram preparadas de forma manual, foram incorporadas a um sistema mecanizado de produção, pelo menos algumas delas.

As narrativas demarcam uma temporalidade histórica vivida pelos trabalhadores e a “*mecanização da lavoura*” é posta como uma representação negativa, que modificou o processo de produção, levando, inclusive, à extinção das lavouras de hortelã. Por outro lado, o

⁶⁴ Relato do senhor José Honorato Alves..., relato citado.

⁶⁵ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

⁶⁶ TARGANSKI, Sérgio. **Rumo ao novo eldorado...**, op. cit. p. 29.

plantio da soja e mesmo do trigo surgiram como atividades que poderiam ser produzidas de forma mecanizada, em larga escala de produção. Segundo o senhor Theobaldo:

Começou a entrar os primeiros tratores e aquela terra que era já mais fraca, por causa do hortelã, não tinha como renovar, porque era tudo terra bruta. Então começou a entrar muitos tratores esteira e foram derrubando matas e roças antigas, já limpando tudo pra mecanização, pra soja e trigo, principalmente.⁶⁷

Pela prática da atuação dos sujeitos no espaço o narrador reelabora uma realidade determinada pelas ações do passado, resignificadas pelo lembrar. Aquele espaço que parecia ainda ser novo necessitou ser atualizado. As “*roças antigas*” foram devastadas para dar lugar a outros tipos de cultivo agrícola. Os sujeitos fazem parte do processo de transformação destas atividades agrícolas. Eles experimentaram as situações cotidianas e pelo relato expressam um horizonte interpretativo inscritos nas lembranças. O campo, que até meados da década de 1970 poderia ser compreendido simbolicamente como “sertão”, passa por modificações desde a entrada dos primeiros “*tratores esteira*”. Este campo que passou a ser modificado numa velocidade mais acentuada pelo processo da mecanização. Campo este no qual as relações de trabalho sofreram mudanças, principalmente, porque a força humana passou paulatinamente a ser substituída por máquinas. Modificaram-se, deste modo, as relações sociais, econômicas e, ao mesmo tempo, o meio ambiente. A terra passou a ser explorada de outra forma: o manual foi substituído pelo mecânico, pois para o senhor Theobaldo: “*não tinha como renovar*”.

Os relatos atribuem à “mecanização agrícola” e à entrada das máquinas no campo como sendo elas as causas da substituição das antigas formas de trabalho. Demarcando um chão tenso de exclusão, o senhor Benedito Lopes Gonçalves narrou: “*isso começou a destacar. E aí começou maquinário a trabalhar, aí foi acabando [as lavouras de hortelã]. Começou do hortelã e depois o maquinário entrou, aí foi acabando pra nós. Pra quem era o mais fraco tinha que sair, trabalhá aonde? Não tem condições mais*”.⁶⁸

Conforme o relato, o fim da atividade hortelaneira excluiu os trabalhadores pobres e despossuídos da terra e das máquinas. As lavouras foram tomadas por máquinas e os trabalhadores, especialmente não proprietários, ficaram sem condições de existência social naquelas dinâmicas: “*aí foi acabando pra nós*”. Com conotação de perda, a fala do senhor Benedito, conhecido também como seu Dito, nome que usarei no decorrer do texto, sentenciou o fim do trabalho nas lavouras de hortelã. Ele configura sua condição existencial frente às mudanças que nesta realidade se moldavam. Aquele trabalhador com menos

⁶⁷ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

⁶⁸ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves, 57 anos, concedido em 26 de abril de 2008.

condições, sendo destituído do espaço em que realizava atividades para a sua sobrevivência, não tinha mais como permanecer ali: “*trabalhar aonde?*”.

Um silêncio se fez sentir. Uma pergunta feita pelo narrador ao seu passado que ele próprio parece não ter conseguido responder. A procura por uma resposta no horizonte interpretativo de suas lembranças, sem muito esperar, o fez pronunciar: “*não tem mais condições*”. As mudanças nas relações de trabalho e de produção agrícola parecem desnortheastá-lo. Era preciso se “adequar” a outras atividades, em que somente o trabalho manual não era mais possível, pois “*começou maquinário a trabalhar*”.

Os elementos de enfrentamento e outras resistências frente às mudanças ocorridas naquelas relações estão muito presentes nas narrativas. As suas dinâmicas estão matizadas com uma dimensão temporal muito forte nas trajetórias, como expressou o senhor Francisco Ferreira da Silva:

A desvantagem que o agricultor ele deu para outras pessoas. Ele [o proprietário de terras] tomou das pessoas [dos arrendatários], que o hortelã ele não ia fazer. Por que ele não gosta de serviço braçal. Ele tomou por conta disso. Mas, o hortelã ainda dá até hoje. Você quer ver roçar um mato e plantar hortelã, que você vê. Só não tem até hoje por causa do agricultor. Ele queria plantar o soja, pra fazer com o maquinário. O hortelã, a única coisa que pode entrar no meio do hortelã é você cortando ele é... Entrar e puxa a hortelã cortada pra lambicar. Que não tem jeito de entrar com maquinário ali no meio não. O problema é esse. Por isso que não tem essa planta aqui mais.⁶⁹

A mudança do sistema produtivo parece abarcar uma trama inaceitável para muitos trabalhadores, sobretudo os não-proprietários. As atividades laborais na agricultura, que passou do braçal para o uso de máquinas, surgem de maneira constante nas lembranças destes trabalhadores. O proprietário de terras, para o senhor Francisco, “*não gosta de serviço braçal*”. Numa forma de marcar a diferença o senhor Francisco coloca o proprietário como “ele” e, o trabalhador da hortelã como “nós”. A mecanização, deste modo, alterou as relações socioeconômicas destituindo muitos dos trabalhadores não-proprietários do meio em que viviam. De acordo com o senhor Francisco, foi uma forma utilizada pelos proprietários para negar o arrendamento de terras aos hortelaneiros. Ele “*tomou das pessoas*”, pois “*ele queria plantar o soja*”.

As relações sociais, como podem ser observadas, foram tecidas numa forma de enfrentamento entre proprietários e não-proprietários. Uma versão carregada de sentidos próprios se produziu na fala do senhor Francisco. Segundo ele, a monocultura da soja e o uso de maquinários fizeram as lavouras de hortelã desaparecer: “*por isso que não tem essa planta*

⁶⁹ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva, 67 anos, concedido em 06 de abril de 2008.

aqui mais”. A força narrativa do senhor Francisco atuou no sentido de denunciar a pressão exercia sobre a condição existencial de muitos trabalhadores que são excluídos deste mundo do trabalho.

O processo decorrido com a mecanização do campo, de fato, destituiu muitos trabalhadores das possibilidades de permanecer em atividades na terra. Uma vez que, com as lavouras de hortelã, todas as atividades eram desempenhadas de forma braçal. Conforme relatou o senhor Francisco: “*o hortelã, a única coisa que pode entrar no meio do hortelã é você cortando ele*”. A narrativa chamou a atenção para um modelo de produção que se tinha, na qual os trabalhadores se viam como elementos quase indispensáveis, pois estes moviam as lavouras de hortelã. Eram eles os responsáveis por todas as etapas da produção. Com os maquinários, o contato direto com a terra deixou de ser feito com as mãos, sendo os trabalhadores destituídos da atividade que tinha como um ofício, permeado de saber e conhecimento. Assim, parece decorrer uma disputa tensa quando o narrador procurou se inserir de algum modo noutras relações de trabalho.

As formas de trabalhar a terra inserem-se, sobremaneira, em disputas forjadas nas relações cotidianas. Isa Marta Batisti também observou, em seu estudo sobre Bela Vista D’oeste, que: “o cultivo da hortelã ocorria em áreas desmatadas, no meio de troncos e raízes, com o auxílio apenas da tração animal e do trabalho familiar”.⁷⁰ Ao mesmo tempo em que as máquinas auxiliavam na produção em escala mais elevada, elas surgem como um “problema” para os trabalhadores. As máquinas teriam acelerado as desigualdades socioeconômicas e privado os trabalhadores braçais daquele modo de produção agrícola a que estavam vinculados.

Outras fontes também auxiliam na compreensão do processo decorrido com as lavouras de hortelã na região. No jornal Informativo Copagril,⁷¹ nº 13, de 1977, foi possível perceber uma abordagem sobre a situação da “cultura da menta” naquele período:

Apesar do país ser um tradicional exportador de Mentol e Óleo Desmentolado nota-se que a cultura diminuiu ano após ano, restando como principal produtor o Estado do Paraná. Essa diminuição deve-se ao fato de que a variedade plantada nessa região já apresentar uma alta susceptibilidade ao ataque de doenças, pela baixa tecnologia utilizada e também em função da diminuição das florestas naturais. O que faz com que o agricultor

⁷⁰ BATISTI, Isa Marta. **A modernização da agricultura e a decadência de Bela Vista D’oeste – Guaíra – 1960-2000**. Marechal Cândido Rondon, 2005. Trabalho acadêmico (TCC) – Geografia, UNIOESTE, p. 27.

⁷¹ A Copagril é uma Cooperativa agrícola fundada em 09 de agosto de 1970 e suas atividades iniciaram-se em 1º de setembro do mesmo ano, num prédio alugado na Rua Dom João VI, em Marechal Cândido Rondon. A cooperativa recebeu seus primeiros produtos num armazém inflável. Informações disponíveis em: www.paginarural.com.br, acessado em 09/02/2009. O jornal Informativo Copagril impresso passou a circular, principalmente entre seus associados, em março de 1976.

abandone a cultura, migrando ou emigrando para outras regiões e países, ou ainda, substituindo-a por outras culturas cujos preços oscilam bem menos, tem uma boa infraestrutura de comercialização e também uma assistência técnica mais efetiva.⁷²

Através desta fonte percebe-se que a produção da hortelã se extinguiu pelas doenças e pela falta de florestas naturais. Por outro lado, há o silenciamento sobre o processo de mecanização suscitado pelos relatos o qual teria contribuído sobremaneira para a extinção desta atividade. Mas, a fertilidade do solo também tornou-se um referencial para se ter uma boa produção de hortelã, como já afirmou o senhor Francisco: “*você quer ver roçar um mato e plantar hortelã*”. A falta de terras recém desmatadas pode ser colocada como um empecilho para a produção. Por sua vez, o informativo ainda ressalta que se tinha uma oscilação dos preços, fazendo com que outras “culturas” fossem produzidas. O proprietário que permaneceu na região deu continuidade ao trabalho agrícola cultivando outros produtos, enquanto o trabalhador não-proprietário, que não conseguiu exercer outra atividade, buscou inserir-se no meio urbano ou migrou para outras regiões na tentativa de continuar trabalhando na terra.

As itinerâncias de trabalhadores também foram constantes neste processo, apontando para dimensões muitas vezes desconhecidas.⁷³ Assim como Robson Laverdi em seu estudo, também encontrei durante a minha pesquisa trabalhadores provenientes de lugares diferentes, os quais se inscrevem na história do Oeste do Paraná.

A pesquisa de campo, especialmente num trabalho como este, proporciona muitos encontros, ou melhor, relações sociais vividas no processo da pesquisa. Num destes, pude conversar com o senhor Francisco Ferreira da Silva, 67 anos, com o qual já dialoguei antes. Sua vinda para o Paraná não foi para comprar terras, como ocorreu com a família do senhor Theobaldo. O senhor Francisco veio ao Paraná em busca de trabalho. Nascido em Governador Valadares, Minas Gerais, chegou ao Oeste em 1965 para “*fazer serviço em geral. Eu não sabia nem o quê?*”.⁷⁴ Sem ter conhecimento em que iria trabalhar no Paraná, o senhor Francisco migrou. Ele se colocou numa situação de lida com o desconhecido e a sua fala permitiu compreender o processo de passagem de um lugar para outro, pois foi ele próprio quem resignificou sua trajetória.

⁷² MATTER, Vilmar. Situação atual da cultura da menta. **Informativo Copagrill**. Marechal Cândido Rondon, outubro de 1977, nº 13, p. 08. Acervo do Centro de Pesquisa da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon.

⁷³ LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005. Laverdi oportunizou a leitura, pela oralidade, de um processo social de exclusão vivido por trabalhadores itinerantes vistos como “outros” na cidade de Marechal Cândido Rondon. De forma crítica, os relatos orais são apresentados “a contrapelo” da história oficial, mostrando que os trabalhadores podem ser protagonistas de suas próprias trajetórias.

⁷⁴ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

Os migrantes se colocaram/colocam em movimento com expectativas de melhorarem sua situação socioeconômica. Com iniciativa própria ou sem um sentido fixo, a migração não se apresentou como um lugar para os trabalhadores fixarem-se, mas como um campo de possibilidades. Isso não ocorreu somente com pessoas vindas dos estados do Sul do Brasil, mas também de outras regiões, como o senhor Francisco. Mesmo sem saber no que iria trabalhar:

Tanto faz! Eu vim pra topar, a não ser fazer desordem. Serviço de roça, fazer qualquer coisa. Então eu vim pra cá e topei esse negócio de plantação de hortelã, então enfrentei. Então, mas eu vim pra cá pra fazer qualquer serviço compreendeu? Eu entrei aqui e já entrei nessa dureza. Num sabia nem o quê que era derrubada e roçada de mato, já entrei nessa dureza. Só cheguei e já fui derrubar mato. Derrubemos, plantemos hortelã. Fizemos muito dinheiro. Mas tem uma coisa: a desvantagem que era tudo terra dos outros, terra dos outros. Mais que era muito melhor que hoje, era.⁷⁵

A riqueza de detalhes do relato do senhor Francisco me comoveu. Com seu modo de falar e o jeito simples de ser, homem da roça que por força das circunstâncias necessitou viver na cidade, recordou sua migração em que a intenção era de “apenas” trabalhar. Resignificando sua itinerância, questionou: “*trabalhar em quê?*” Sem alternativas logo respondeu: “*tanto faz*”. A rememoração de um *fazer-se* trabalhador no lugar de destino, como recordou, pareceu ter se apresentado de forma muito dolorosa quando chegou e enfrentou a realidade que se moldava. Ele não queria “desordem”, apenas queria “*serviço de roça, fazer qualquer coisa*”. O estigma da desordem que parece outrora ter vivido foi tecido com ressentimento. Ele deixou bem claro que não era esse seu objetivo ao vir para o Paraná. Suas experiências, portanto, foram tecidas nas relações sociais. Ao que tudo indica, o senhor Francisco necessitou lidar com algumas diferenças, como o fazer-se migrante do jeito do lugar, ao buscar trabalho neste novo espaço. Por outro lado, nota-se que a possibilidade de trabalho não estava fixa, mas instituída na itinerância, como ocorrera com muitos outros trabalhadores na região neste período.⁷⁶

As lavouras de hortelã possibilitaram o necessário para a sobrevivência do senhor Francisco e da família. Ele chegou e “*topou*” fazer o trabalho que lhe ofertaram. Esse ato o colocou em consonância com o novo lugar. Ele precisou atar outras relações no novo espaço e, a partir do trabalho, se fez sujeito no lugar de destino. Então trabalhou na derrubada da mata e na plantação de hortelã.

⁷⁵ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

⁷⁶ LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas...**, op. cit.

Lidar com o plantio de hortelã não foi somente fazer com que as lavouras se desenvolvessem ou mesmo trabalhar no processo de destilação. Esta atividade foi muito mais do que isso. Como recordou o senhor Francisco: “*já entrei nessa dureza, só cheguei e já fui derrubar mato*”. A mão-de-obra utilizada nas lavouras de hortelã também foi “aproveitada” para a devastação das matas. Era nas áreas de derrubadas de matas recentes que se plantavam as lavouras de hortelã e isso o senhor Francisco precisou fazer também: “*derrubemos, plantemos hortelã*”. E foi um enfrentamento: “*então enfrentei*”. O desconhecido se fez conhecido para o narrador. Ele necessitou lidar com o que não sabia, aprendeu, trabalhou e sobreviveu. Narrou assim este seu conhecimento que se fez palavra transcrita, escrita, fez-se como memória.

Na constituição daquelas relações de trabalho relatadas é imprescindível notar que não foram somente os *paraguaios*, como percebemos anteriormente, que auxiliaram na derrubada da mata. Os brasileiros migrantes não proprietários, os meeiros e agregados, foram utilizados enquanto mão-de-obra na lida pesada da derrubada das florestas e limpeza da área que serviria para as novas lavouras. Como narrou o senhor Francisco, que sempre trabalhou na “*terra dos outros*”, a derrubada constituiu-se numa *dureza*. O não ser proprietário também pode ser compreendido como uma dureza ou um *enfrentamento*. Pois foi ele quem fez o mais pesado, o “sujo”. O trabalho “duro” da derrubada emergiu ressentido em suas recordações. E foi na posição de arrendatário que sempre trabalhou naquelas terras. Ele pareceu mensurar um sonho não realizado, de trabalhar em terra própria, quando sempre trabalhou para os “*outros*”.

Interessante ressaltar no diálogo com as lembranças do senhor Francisco, que sua força narrativa atuou no sentido de dar crédito a este pesquisador: “*você mesmo dá valor, mais outras pessoas não dão*”. Uma proximidade se fez sentir entre narrador e pesquisador. Aqui, gostaria de mensurar que a “arte de ouvir” experiências como esta fez com que estabelecesse este plano de relação social. A importância de ouvir as pessoas relatarem suas vivências faz com que elas se sintam importantes. É uma retomada da própria trajetória exposta pelo narrador.

A narrativa do senhor Francisco dá indícios do tempo de antes e do agora. Passado-presente-passado fazem parte de suas lembranças, possibilitando a compreensão de um espaço-movimento de processos constantes de migração. Compartilho com Yara Aun Khoury

quando diz que: “o trabalho com as fontes orais é um encontro entre pessoas dispostas a dialogar sobre questões que interessam a ambas, embora de maneiras diferentes”.⁷⁷

O senhor Francisco pareceu buscar transpor diferenças que estavam postas ao retornar com indagações a mim: “*compreendeu?*” ou “*você sabe, né, Gilson?*”. Com certa dinamicidade, ele atribuiu a si próprio o conhecimento em expressar sua trajetória. Sobre as formas de expressões do entrevistado, Alessandro Portelli ajudou-me nesta compreensão:

Na busca pela diferença, não podemos nos esquecer de que também acalentamos um sonho de compartilhar, de participar, de comunicar-nos e de dialogar. É isso que implica o caráter dialógico da História Oral, bem como seu trabalho de campo: a fim de sermos totalmente diferentes, precisamos ser verdadeiramente iguais e não conseguiremos ser verdadeiramente iguais se não formos totalmente diferentes.⁷⁸

A tranquilidade da conversa fez com que houvesse uma cumplicidade dialógica entre entrevistado e pesquisador. A diferença é transposta através do diálogo. Um diálogo que aproxima, explica, ensina. O narrador é possuidor do conhecimento que passou a ser compartilhado com o pesquisador. E é no ambiente da sua própria casa, e na iniciativa da aproximação, que o relato transpôs, se é que houve, as linhas que nos separavam. Ser igual, mas, com algo que ao mesmo tempo diferencia. São outras perspectivas relacionais de leituras das experiências. Assim, “o trabalho de campo é, por necessidade, um experimento em igualdade, baseado na diferença”.⁷⁹

Ao dialogar com trajetórias como a do senhor Francisco, Portelli alerta para a atenção que deve ser despendida ao entrevistado. Nós não estamos falando com fontes, “mas com pessoas”.⁸⁰ Estas nos recebem e compartilham experiências com alguém que busca ouvi-las e interpretá-las. Ressalto que o senhor Francisco eu já conhecia, mas não a sua trajetória nas lavouras de hortelã. O trabalho de campo, assim, se fez como um grande auxiliador na pesquisa. Foi por intermédio dele que fui conhecendo as pessoas que compartilharam suas histórias de vida para esta pesquisa.

Na interpretação das narrativas é que temos em mão um rico material que, analisado, ajuda a compreender o processo histórico em questão, principalmente quando essas pessoas possuem o sonho acalentado, como bem observou Portelli: “de compartilhar, de participar, de

⁷⁷ KHOURY, Yara Aun. “O historiador, as fontes orais e a escrita da história”..., op. cit. p. 43.

⁷⁸ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, 15, 1997, p. 19.

⁷⁹ Idem, *ibidem*.

⁸⁰ Idem, p.25.

comunicar-nos e de dialogar”.⁸¹ Os feixes de sentido atribuídos pelos migrantes sobre as condições de trabalho os evidenciam relações situacionais de inconformidade. O primeiro trabalho do senhor Francisco ao chegar ao Paraná foi em áreas de:

Puro arranha-gato [espécie de erva daninha em meio à mata], que você roçava o dia inteiro e não caía uma árvore. Você só limpava os pés do mato, é das árvores. E derrubamos de machado, não era de motosserra, era de machado. Agora depois que queimar você pega e desgalha aquilo tudo de machado, isso tudo pedacinho assim e põem fogo.⁸²

Na demarcação e afirmação da atividade das lavouras de hortelã nas áreas recém-desmatadas o senhor Francisco prosseguiu:

Aí tudo limpinho, você vai colocando as mudas. Vai furando [a terra] e pondo as mudas [de hortelã]. Quer dizer, eu lutei foi muito nisso tudo. A coivara, [área recém desmatada com leiras de lenha], aí nós cortava de enxada e alfanje [espécie de foice], nós cortava aquele hortelã. Ele é um serviço bom e é sofrido né? E nós lutemos muito com isso. Aqui na beira do Guaçu [rio], ali na Rincão [nome da fazenda pertencente ao município de Guaíra], só eu e esse finado Borges [cunhado], pai dessa Dalva [sobrinha], nós rocemos e derrubemos 150 alqueires, tudo pra hortelã (...) É igual estou te falando: então peguemos, rocemos, derrubemos, desgalhemos e queimemos e plantemos hortelã. Mas o hortelã, se você tem uma terra boa, ele fica de metro de altura, Gilson.⁸³

Além das lembranças sobre dificuldades na derrubada da mata, o senhor Francisco relembrou o preparo do terreno para o plantio das mudas de hortelã. Quando o terreno estiver *“tudo limpinho você vai colocando as mudas. Vai furando e pondo as mudas”*. Num diálogo aberto com a realidade social que se moldava, a narrativa individual reflete as experiências de trabalho demonstrando significados pessoais únicos, da dimensão do vivido, que passou a ser compartilhado. Constrói a significação do trabalho da derrubada resignificando e demarcando o campo de sua atuação.

Interessante destacar que a entrevista torna-se um espaço de valorização dos saberes do entrevistado. Sobretudo quando ele procurou dar uma aula sobre as formas de trabalho na agricultura, em especial no preparo do terreno para o plantio da hortelã. Relembrou passo-a-passo, como era feita essa atividade. Ao mesmo tempo, este é um passado que ainda, de algum modo, lhe incomoda: *“hortelã, ele é um serviço bom e é sofrido, né?”*. Um trabalho *bom e sofrido* em um passado interpelado por elementos opostos fazem parte das experiências do senhor Francisco. De maneira nostálgica o *bom* está relacionado à abundância de terras para trabalhar e também pode ser atribuída à fertilidade dessas terras, nas quais a hortelã

⁸¹ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho..., op. cit. p. 19.

⁸² Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

⁸³ Idem.

ficava “*de metro de altura.*”.⁸⁴ E, na certificação de que eu estava compreendendo sua trajetória, afirmou: “*é igual estou te falando*”. Assim, procurei conhecer aspectos que fazem parte da construção deste cotidiano. Como advertiu Portelli: “*lançar novas luz[es] sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas*”.⁸⁵

Ao problematizar trajetórias como a do senhor Francisco, procurei fazer com que reluzissem outros personagens nas cenas da história do Oeste do Paraná, uma vez que, como o próprio afirmou: “*nós lutemos muito com isso*”. Essa “luta” ocorreu no sentido de permanecer e sobreviver neste lugar que se apresentou como uma possibilidade. O lugar de destino após a migração sempre se constitui numa “luta”. Para o senhor Francisco a “luta” esteve relacionada com a atividade hortelaneira, quando o trabalho pesado estava todo ou quase todo por ser feito. Neste sentido, a hortelã envolveu muita gente, pois:

Só ali na [fazenda] Rincão, era cento e cinquenta peão plantando, cento e cinquenta peão [trabalhadores]. Ali tinha casa é por tudo quanto é lado, cada um tinha o seu trecho, Gilson. Cada um tinha o seu trecho. Dali de perto do Dário [ao norte do município de Mercedes] até lá, você sabe ali onde é [que fica] a Curva da Onça, ali indo pra Santa Rita?

Gilson: Sim.

Francisco: Pois é, dali lá tudo era roça de hortelã, tudo, tudo, tudo.⁸⁶

A narrativa multidimensionou sua experiência. Em suas lembranças, o senhor Francisco compartimentou no espaço as suas relações de trabalho com as dos demais trabalhadores: “*cada um tinha o seu trecho*”. Denota-se que o campo de cultivo era vasto na fazenda Rincão onde ele trabalhou e mais “*cento e cinquenta peão*”. Cada trabalhador tinha o seu espaço de atuação na fazenda. Um campo demarcado para a atividade na qual “*cada um tinha o seu trecho*”, mas não eram proprietários, eram somente “*peão*”. O expressivo número de trabalhadores envolvidos na atividade foi recordado: “*cento e cinquenta peão*”. Por sua vez, novamente me envolveu em sua narrativa, “*você sabe ali onde é...?*”. Um questionamento está posto ao *memoriar* aquele lugar. Nos embates das forças dinâmicas, cada entrevistado tem uma versão sobre as experiências vividas. Yara Aun Khoury ajuda a interpretar os problemas dessa relação. Segundo a autora: “(...) estamos sempre correndo o

⁸⁴ Conforme o jornal Informativo Copagril, a hortelã é uma planta herbácea, semi-perene, podendo atingir até 80 cm de altura. Seu sistema radicular é formado por numerosos rizomas que se espalham pela camada superficial do solo, emitindo raízes das quais brotam novas plantas. **Informativo Copagril**. Marechal Cândido Rondon, op. cit.

⁸⁵ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, PUC/SP, nº 14, 1997, p. 31.

⁸⁶ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

risco de nos deixar envolver por olhares nostálgicos sobre lugares e causas perdidas, fazendo prevalecer uma certa imobilidade na reflexão”.⁸⁷

As lembranças do senhor Francisco se colocaram em movimento, no caminho em trânsito da reflexão e do seu plano interpretativo horizontal. Elas dialogam com os espaços geográficos e com a população que a experimentou, tal como ele, o processo hortelaneiro. Parece que, de modo intencional, situou a fazenda Rincão, localizada no município de Guaíra. A “Curva da Onça”, próxima a Santa Rita d’Oeste, divisa dos municípios de Nova Santa Rosa e Terra Roxa, enquanto ele próprio se situou, nessa dinâmica interpretativa, no atual município de Mercedes. Os espaços destas memórias que encontrei na pesquisa de campo podem ser observadas a seguir, no mapa 2.

As lembranças, neste sentido, não são estáticas. Elas ultrapassam as fronteiras geográficas. Apresentam-se como memórias da vastidão do território com a população que ali se fizera presente. Como lembrado na narrativa: “*tudo era roça de hortelã, tudo, tudo, tudo*”. Um movimento do rememorar faz parte dos significados expressos pelo relato. O horizonte interpretativo vem carregado do movimento da realidade socioespacial vivida e de pertencimento a um lugar onde tudo era hortelã.

Uma perspectiva histórica das dimensões socioculturais vividas nas lavouras de hortelã pode ser apreendida também nos relatos de outros hortelaneiros. A respeito desta dimensão o senhor Geraldo Alves Gonçalves expressou:

Tinha bastante essa plantação de hortelã por aqui. Tudo aqui tinha hortelanzal [faz gesto com as mãos mostrando as regiões onde tinha plantação], aqui para cima, aqui no Berkenbrock [Linha Sanga Mineira], aqui no Zequinha Alves. Ali no França, ali tudo era hortelanzal. Ali para baixo onde mora aqueles Pivato [Linha Sanga Forquilha], ali para baixo tudo era hortelã na época que tinha aqui. É que ali foi o começo. Aí do Aurino, que já morreu, o falecido Aurino, que morava no Paraguai. Ali ele tinha um boteco na época. Então ali para baixo descendo para o Mário [na Linha Sanga Forquilha], ali tudo era hortelanzal, naquela época.⁸⁸

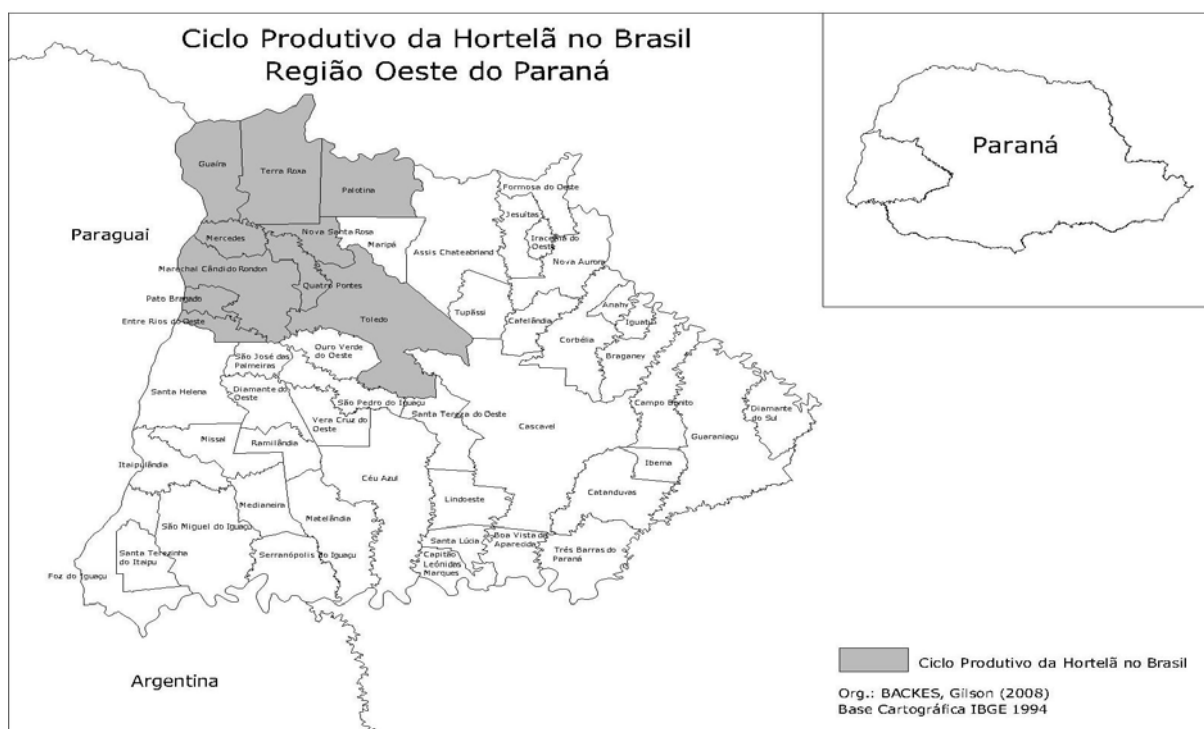
As lembranças do senhor Geraldo situaram-se dentro da temporalidade da existência das lavouras de hortelã. Pelo relato ele traça um mapa em suas memórias a partir de lugares conhecidos, vividos por ele e que não coincidem exatamente com os nomes “oficiais”. Como pude perceber, na produção de suas lembranças sobre este período, a percepção de que tudo ocorreu de modo intenso, envolvendo muitos trabalhadores. Com um gesto contumaz, no momento da entrevista, sentados pesquisador e entrevistado em um banco debaixo de árvores

⁸⁷ KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e sujeito na história”..., op. cit. p. 136.

⁸⁸ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves, 49 anos, concedido em 06 de abril de 2008.

em frente de sua casa, o senhor Geraldo procurou fazer com que eu me localizasse geograficamente e tomasse a consciência da dimensão do cultivo da hortelã, para perceber o quão amplo esse processo se constituiu: “*tudo era hortelanzal naquela época*”. Conforme seus referenciais de relações, levou-me a transpor as barreiras do tempo e imaginar a paisagem constituída com as suas lavouras, sobretudo quando estas eram desenvolvidas nas áreas recém desmatadas.

Mapa 2 – Região Oeste do Paraná, em que observamos o desenvolvimento de lavouras de hortelã.⁸⁹



As narrativas, interpretativas e instigantes, me oportunizaram pensar que os homens não são “*neutros no interior da região*”, como afirma Armand Frémont.⁹⁰ Eles são ágeis e esta ação faz com que produzam uma lembrança/memória do ausente, “*tudo era hortelanzal*”. O senhor Geraldo narrou um espaço que tinha a hortelã, mas não existe mais. Recordou do boteco que tinha à época e que não está mais ali. Também se lembrou do conhecido que ali vivia e “*que já morreu*”. O espaço dos homens assim pensado, lembrado, vivido, não é um espaço delimitado e inconsciente. São eles, como busquei interpretar, que elaboram

⁸⁹ Mapa da região Oeste do Paraná onde observamos, a partir de leituras, o desenvolvimento de atividades hortelaneiras.

⁹⁰ FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra, Livraria Almedina, 1980, p. 16.

significados sobre os lugares, criando e resignificando suas próprias histórias. A partir destas lembranças, consciente ou inconscientemente, elaboram e reelaboram a sua existência social neste espaço que busca hegemonizar o único.

As trajetórias me oportunizaram um “redescobrir” a região. Uma região humanizada em que as lembranças emitiram signos e significados da pertença comum dos homens ao lugar. Uma vista apreendida a partir de trajetórias em suas múltiplas interrelações com o espaço. Armand Frémont ajudou-me a pensar a partir destas relações sociais:

Ora o homem não é um objeto neutro no interior da região, como muitas vezes se poderia julgar pela leitura de certos estudos. Apreende desigualmente o espaço que o rodeia, emite juízos sobre os lugares, é retido ou atraído, consciente ou inconscientemente, engana-se ou enganam-no... Do homem à região e da região ao homem (...). O ‘espaço vivido’, em toda sua espessura e complexidade, aparece assim como revelador das realidades regionais; estas têm certamente componentes administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, mas também, e mais profundamente psicológicos (...). Redescobrir a região é pois procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens.⁹¹

Problematizar a região a partir das trajetórias é uma maneira de redescobri-la. Assim, os sujeitos que migraram fizeram com que ela se tornasse um espaço em movimento. O “espaço vivido” pode ser compreendido em sua amplitude por intermédio das trajetórias narradas, modeladas, projetadas, problematizadas. A região pode ser vista como “os homens vivem-na à sua maneira, assimilando-a à sua própria organização com meios tecnicamente limitados e bastante diferentes consoante [a]os grupos”.⁹² As experiências são, assim, construídas com a chegada de migrantes de diferentes frentes de destino incerto. Com uma maior parcela vinda do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e da própria migração interna dentro do Estado, como podemos ver na tabela a seguir:

Tabela 5 – População por Sexo e Estados de origem do município de Marechal Cândido Rondon – PR – 1970.⁹³

ESTADOS	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
Pernambuco	28	25	53	0,12
Bahia	66	45	111	0,26
Minas Gerais	282	205	487	1,13
São Paulo	139	142	281	0,65
Paraná	6.576	6.220	12.796	29,60
Espírito Santo	44	46	90	0,21
Santa Catarina	4.787	4.429	9.216	21,32
Mato Grosso	22	14	36	0,08

⁹¹ FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido...**, op. cit. p. 16 -17.

⁹² Idem, p. 173.

⁹³ Apud: SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas...**, op. cit. p. 88.

Rio Grande do Sul	10.516	9.586	20.102	46,51
Outros	33	20	53	0,12
TOTAL	22.493	20.732	43.225	100%

Reveladores, os números apresentados por Venilda Saatkamp demonstram uma confluência diversificada de migrantes que chegaram à região naquele período. A população não chegou exclusivamente nos anos 1970, mas em anos anteriores quando se tinha a notável migração de catarinenses e gaúchos. Ainda, conforme Saatkamp, em 1960 a população do distrito de Mercedes era de 1.509 pessoas; já em 1981, os dados populacionais eram de 5.752 pessoas. Neste mesmo período, a população total do município de Marechal Cândido Rondon era de 57.629.⁹⁴ Estes dados podem ser relacionados com os da região Oeste como um todo. Segundo o IPARDES, “o Extremo-Oeste Paranaense em 1970 respondia por 13,6% da população rural do Paraná, com cerca de 602.914 habitantes”.⁹⁵ As taxas de crescimento anual da população do Paraná também podem ser observadas na tabela a seguir, comparadas à população nacional.

Tabela 6 – Taxas de crescimento anual da população 1940-1970 (%).⁹⁶

	1940-1950	1950-1960	1960-1970
Paraná	5,51	7,28	4,98
Brasil	2,39	2,99	2,89

Fonte: FIBGE.

É possível perceber que o aumento populacional no Paraná atingiu um crescimento acelerado, principalmente, entre as décadas de 1950 e 1960. O Oeste do Paraná também, em especial nas três primeiras décadas de sua ocupação, passou por um processo migratório constante, o que culminou num crescimento populacional incomum, se comparado com outras regiões do Paraná. De acordo com o IPARDES:

Entre os anos 1950/1970, a população total do Oeste paranaense passa de pouco mais de 16.000 para mais de 760.000 habitantes, num crescimento não verificado em nenhum outro espaço paranaense. Nos dez anos seguintes, 1970/1980, esse crescimento se desacelera e o espaço apresenta uma taxa de crescimento populacional de pouco mais de 2% ao ano, o que, em termos

⁹⁴ SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas**..., op. cit. p. 91.

⁹⁵ IPARDES – FUNDAÇÃO ÉDISON VIEIRA: Nova configuração espacial do Paraná. Curitiba, 1983, p. 12. Disponível em www.ipardes.pr.gov.br. Acessado em 12/01/2009.

⁹⁶ Apud: IPARDES – FUNDAÇÃO ÉDISON VIEIRA. O Paraná: economia e sociedade. Curitiba, 1981, p. 72. Disponível em www.ipardes.pr.gov.br. Acessado em 12/01/2009.

absolutos representa um incremento em termos de 200 mil novos habitantes.⁹⁷

Ao que tudo indica, em consonância com as informações colhidas no trabalho de campo e nas próprias narrativas, a busca por novos espaços de exploração de recursos naturais e de trabalho assumiu a centralidade desse movimento migratório. Nos lugares, muitas vezes distantes, colocam-se as expectativas de ascensão socioeconômica. Os sentidos da migração podem ser percebidos nas trajetórias daqueles que vieram, os quais ouviram sobre o Oeste do Paraná ou a *fronteira* e, imbuídos das expectativas daquilo que se propagava, colocaram-se em mobilidade. Para outros, a *transitoriedade*⁹⁸ foi se ladrilhando e o Paraná apresentou-se como uma “opção” de melhorar de vida ou obtenção de melhores condições de sobrevivência em relação aos que estavam postos no lugar de origem.

O senhor Geraldo Alves Gonçalves, que também colaborou com muitos elementos e questões para esta pesquisa, compartilhando comigo sua trajetória, afirmou sua *transitoriedade*. Nascido em Ipoté, Minas Gerais, Geraldo saiu da casa de sua mãe aos onze anos de idade e veio em busca de trabalho. A respeito de sua vinda ao Paraná, num só fôlego procurou reconstruir sua trajetória:

Então foi assim: eu vim para São Paulo, cheguei em São Paulo, o meu irmão já era casado. Meu irmão casou com treze anos, treze, catorze anos na época. E daí eu cheguei na casa dele, você sabe que os paulista são sempre um pouco meio nojentos assim, né? Não é como aqui, porque aqui o pessoal não tem luxo. Mais lá já tem luxo. São Paulo tem luxo. Esse pessoal que tem um pouquinho de dinheiro já tem luxo. Aí me colocaram para vender picolé, arrumou [o irmão] um serviço lá para vender picolé. Ta, eu fui vender picolé, mas o que eu fazia no dia eu comia no dia mesmo. Daí não estava dando, eu peguei e fui vender jornal, entregar jornal. Eu ganhava uns trocos também e sobrava um pouquinho de dinheiro ainda. O caso é que lá não tinha como, né? Ganhava só por mês. Aí venceu um dia, o mês, eu peguei falei para o meu irmão, eu escutei Marechal Cândido Rondon... Ah! Curitiba, Paraná, daí peguei e falei para o meu irmão: eu vou embora. Aqui não dá pra mim! Eu quero conhece o mundo mesmo. Eu quero andar. Ele falou não, mas fica aqui que eu vou te ensinar de pedreiro, não sei o que tem, que ele era pedreiro. Era não, é ainda pedreiro. Você fica por aqui que eu vou te ensinar a você a trabalha assim e assim, de repente você pode ter sua casinha ali, você mesmo pode construir, não sei o que tem. Daí eu disse não! Eu quero ir embora porque quero conhecer o mundo.⁹⁹

⁹⁷ FUNDAÇÃO IPARDES – os vários Paranás – Oeste paranaense: o 3º espaço relevante, especificidades e diversidade. Curitiba: IPARDES, 2008, p. 16. Disponível em www.ipardes.pr.gov.br. Acessado em 12/01/2009.

⁹⁸ GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento...**, op. cit. A transitoriedade migratória tornou-se um conceito central na obra de Jones, a qual é trabalhada de forma criativa a partir das falas das mulheres e homens, trabalhadoras e trabalhadores, que se colocaram em *trânsito* ou deslocamento procurando definir seus lugares no tempo e no espaço indo da região sul do país ao Mato Grosso.

⁹⁹ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

Para o senhor Geraldo, desde a infância, a ação de migrar pareceu decisiva. As circunstâncias vividas no lugar de origem, Minas Gerais, fizeram com que tomasse a decisão de seguir a rota empreendida pelo irmão mais velho rumo a São Paulo. Todas as oportunidades de trabalho que lhe foram colocadas (vender picolé, vender jornal ou trabalhar de pedreiro) não lhe satisfizeram. Com o trabalho que desenvolvia não sobrava dinheiro algum, pois: *“o que eu fazia no dia eu comia no dia mesmo”*. No centro argumentativo de sua lembrança ficou evidente que a permanência na cidade de São Paulo também se esvaia. Aquele lugar poderia não lhe proporcionar o futuro desejado que, ainda criança, almejava.

A situação deixou o migrante menino inconformado, fazendo com que fosse buscar alternativas. Ele tomou a decisão de romper as barreiras de pertencimento e decidido afirmou: *“eu quero andar”*. Seu irmão ainda insistiu para que ficasse. Geraldo negou. São Paulo colocou-se para ele como um lugar estranho. Os paulistas eram *“meio nojentos”*. Segundo ele, estranhou o povo e o jeito daquele lugar. Em São Paulo: *“não é que nem aqui, que aqui o pessoal não tem luxo”*. Ele não se fez sujeito do jeito do lugar chegado.¹⁰⁰ Estranhou São Paulo e decidiu: *“eu quero conhecer o mundo”*.

Daí peguei e vim para Curitiba. Daí cheguei em Curitiba, um frio danado, que nunca tinha visto em minha vida era esse tal de frio. Nunca vi frio na minha vida. Daí, tá... Eu peguei e cheguei em Curitiba de manhã cedo, de manhã cedinho tinha parecia uma neve assim. Daí eu fiquei encolhidinho assim ali sentado [na rodoviária] aí veio um senhor lá e falou assim: escuta moleque, tu está com frio? Falei estou. Daí ele pegou um casaco dentro da mala dele e me deu aquele casaco, isso eu não esqueço até hoje. Aí ele pegou, eu vesti aquele casaco, ele pediu se eu estava com fome. Eu disse não, não estou com fome não. Então está bom. Você tem dinheiro? Eu falei: tenho uns trocos, dá para se virar, para comer uma coisa por aí. Daí ele pegou e foi embora.¹⁰¹

Destarte, importa considerar que o senhor Geraldo prosseguiu com palavras compassadas relatando a trajetória que vivera:

De repente chegou um ônibus de Curitiba a Marechal Cândido Rondon, daí eu peguei e falei: sabe de uma coisa, eu vou conhecer esse Marechal Cândido Rondon. Aí saí. Quando cheguei lá comprei a passagem, daí fui olhando, fui olhando, fui olhando assim porque tinha pouco estudo, tinha que olhar bem, soletrar bem a letra para poder saber onde ia aquele ônibus. Tá, daí vi onde estava escrito Marechal Cândido Rondon, eu disse: é esse aqui mesmo! Daí pra mim não embarcar às vezes, que estava confundido do ônibus daí eu peguei e mostrei a passagem para o cobrador, aí o cobrador falou: esse ônibus vai para Marechal Rondon, você é de lá? Eu falei não, nunca fui, é a primeira vez que estou indo para lá.¹⁰²

¹⁰⁰ GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento...**, op. cit.

¹⁰¹ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

¹⁰² Idem.

O “mundo” se fez para Geraldo em sua decisão de migrar. Nota-se no relato, as minúcias utilizadas na reconstrução da trajetória até chegar a Marechal Cândido Rondon, em 1973. Mesmo com poucos estudos, necessitou “*soletrar bem a letra*” para não se perder e numa forma de afirmar esta sua decisão procurou dar um sentido à sua vinda: “*eu quero conhecer o mundo*”. O Paraná, para ele, ganhou significado de mundo. Ele não o conhecia, por isso encontrou outra dimensão da realidade da qual vivia em Minas Gerais e São Paulo, por onde transitou. O migrante “*moleque*”, que queria conhecer o mundo e fugir das condições socioeconômicas que se encontrava, de súbito ressaltou o primeiro estranhamento ressentido ao chegar no Paraná, o frio: “*que nunca tinha visto na minha vida era esse tal de frio*”. Um estranhamento que ficou preso à teia de suas lembranças, porque lhe causou sofrimento, como impregnou numa imagem de sua recordação: “*eu fiquei encolhidinho assim ali sentado*”. Ao mesmo tempo ressaltou as solidariedades, quando um senhor desconhecido “*pegou um casaco dentro da mala dele e me deu aquele casaco, isso eu não esqueço até hoje*”.

As primeiras impressões de Geraldo sobre o Paraná ainda foram tecidas na capital, Curitiba. No processamento de suas recordações colocou-se em trânsito, rumo ao lugar e, talvez, ao emprego desconhecido, para chegar a Marechal Cândido Rondon, já que “*é a primeira vez que estou indo lá*”:

Aí eu peguei e vim. Cheguei ali na rodoviária de Rondon. Frio também. Frio, frio. E eu... Tínhamos aquela malinha pequeninha do lado. Sentei ali, no tempo que tinha aquela rodoviária velha ali. Fiquei sentadinho ali, de repente chegou um gaúcho lá. Aí o gaúcho: Oh! Vamos morar comigo piá? Eu pensei assim não! Um barbudão, assim, eu falei: não vou morar com esse homem não! Vamos, vamos morar comigo, eu preciso, eu tenho só duas meninas lá e eu preciso de um machinho lá comigo. Eu olhei bem e falei: já estou num beco sem saída. Ta, eu vou. Ele tinha uma Kombi assim: por baixo ela era azul e por cima era branca.¹⁰³

Construindo as significações de sua trajetória, pelo relato o senhor Geraldo demonstrou que o Oeste do Paraná era um lugar com possibilidades de fixação. Ele que rumara ao desconhecido estava assim apreendendo os sentidos daquela migração. Já havia conhecido alguém que lhe ofereceu trabalho. Num primeiro momento hesitou em aceitar a primeira proposta que lhe foi feita. A hesitação pode ser interpretada como fruto do estranhamento que vivera. Decidiu acompanhar aquele homem, pois interpretou que naquele momento não tinha outra opção: “*já estou num beco sem saída*”. Para quem não conhecia

¹⁰³ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

nada, já havia conhecido um “gaúcho barbudão” que lhe oferecera moradia e lhe comprara roupas e calçados.

Dando extrema atenção ainda ao itinerário do senhor Geraldo que, pelo exercício da memória, trouxe incorporado os significados protagonizados pela trajetória:

Aí, peguei e entrei naquela Kombi, mas estava meio ressabiado. Aí ele pegou minha mala, olhou minha malinha, assim, dentro. Aí ele me levou lá na loja, comprou roupas para mim, comprou roupas de frio. Calçados eu não tinha, aí ele comprou tudo para mim e me levou aqui para o Guavirá, como eu falei. Ali foi onde eu falei que fiquei cinco anos. Aquele homem me ensinou tudo: trabalhar com trator, tratar os porcos, falar um pouco em alemão. Se eu tivesse ficado lá hoje qualquer coisa que você falasse em alemão para mim eu sabia. Mais eu não fiquei mais tempo ali.¹⁰⁴

O senhor Geraldo, pelas forças das circunstâncias que se apresentaram naquele momento, precisou fazer-se trabalhador no lugar de destino. Ele que tinha o desejo de “conhecer o mundo” iniciava uma relação que possibilitaria a sua fixação. Pela força marcante do relato recordou que recebera do homem que o acolhera, o que lhe faltava, “*roupas de frio e calçado*”, e o homem, então, lhe ensinou a trabalhar. Aquela relação que se iniciara, aparentemente, parecia ser movida por atos de solidariedade. Esta foi uma forma de versar e de legitimar a sua estada junto daquela família. Assim, o trabalho na roça, na Linha Guavirá, em Marechal Cândido Rondon, surgiu como uma “oportunidade” de se estabelecer. Naquela propriedade familiar Geraldo aprendeu o que ainda não sabia, “*trabalhar com o trator, tratar os porcos*”:

Daí eu tratava os porcos, tirava o leite, já sabia tirar leite na época. Daí ia para a roça carpir com as meninas. As meninas sempre falavam em alemão comigo, para tratar os porcos em alemão, chamar o gado em alemão. E aí recolher os ovos das galinhas, que tinha muita galinha lá na época. E mais, quando ia pra roça daí também me chamavam em alemão. Mas não faltava nada pra mim lá. Se ele [o patrão] ia para cidade, lá em Marechal, se ele comprava duas balas ele comprava três. Então uma era para mim. O homem tanto gostava de mim lá que Deus o livre.¹⁰⁵

De início, o relato deu conta da permanência do entrevistado naquele lugar demonstrando aquelas circunstâncias vivida como uma conquista. Mas, as dimensões de sua vivência junto à família que o acolhera extrapolam as relações de trabalho. Imbuída, por vezes, de um caráter nostálgico, a narrativa evidenciou o estranhamento vivido nas relações com aqueles com que foi morar. Mesmo estabelecendo-se certa afetividade é possível perceber como demonstrou um distanciamento entre ele e o patrão, fruto, talvez, de sua posição subalterna em relação a aquele “homem”. O espaço que o senhor Geraldo descobria

¹⁰⁴ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

¹⁰⁵ Idem.

pareceu causar-lhe tantos estranhamentos. Mesmo assim, as atividades que desenvolveu no campo, tais como tirar leite, tratar os porcos, cuidar das galinhas ou ir para a roça colocaram-no como um agregado daquela família que o acolhera. Todo o tempo de vida transformado em trabalho. Quando o homem “barbudão” convidou Geraldo para morar com ele, não viu apenas um menino que necessitava de guarida. Olhou-o como mão-de-obra. A partir da leitura dos escritos de José de Souza Martins é possível perceber que ele era mais um trabalhador nas teias das “forças produtivas [que] se desenvolvem mais depressa do que as relações sociais; no capitalismo, a produção é *social*, mas apropriação dos resultados da produção é *privada*”.¹⁰⁶ Mesmo junto a um pequeno proprietário, as relações de subalternidade no trabalho extrapolaram as perspectivas de ascensão socioeconômica no lugar que se apresentara desconhecido.

A língua alemã e os novos modos de trabalhar puseram o senhor Geraldo em inconformidade com aquelas relações sociais vividas. Narrou que não lhe faltava nada, mas “*quando ia pra roça daí também me chamavam em alemão*”. Foi preciso fazer-se trabalhador do jeito do lugar. O ato de “chamar” daqueles que o acolheram o colocou em inferioridade nas relações de trabalho que estavam postas naquele momento. Eles chamavam e ele obedecia. Eles mandavam e ele fazia, zelava, carpia. Era um trabalhador submetido e, ao mesmo tempo, “expropriado da possibilidade de viver”.¹⁰⁷ Este papel foi desempenhado não somente por Geraldo, mas por tantos trabalhadores. Estas não são apenas relações de trabalho, mas também formas forjadas no campo social de lutas de fixação por melhores condições de sobrevivência.

Na minha interpretação, o fato de ter sido agregado deu motivos para que ele deixasse a família para procurar trabalho em outro lugar. Ao ser indagado porque deixou o lugar, em que a princípio lhe haviam tratado como um “filho”, assim falou: “*quando eu tinha já dezesseis, dezessete anos daí eu peguei e fugi*”. Com a voz embargada, silenciou. Seu olhar procurou no horizonte uma resposta para aquele questionamento. Um ressentimento de perda se fez sentir. Pela lembrança ele fez reconhecer-se aquela relação de subordinação no período em que vivera com aquela família, o qual pareceu não se justificar. A inconformidade se buscou expressar por uma ação, impensada/pensada: a decisão de fugir ainda pareceu injustificada. Numa propriedade que o trataram como integrante da família, fugira. Uma vontade de independência pode ser a resposta daquela ação, uma vez que ele se colocava

¹⁰⁶ MARTINS, José de Souza. **Frenteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 94.

¹⁰⁷ Idem, p. 95.

como um trabalhador itinerante e permanecendo naquele lugar esvaia-se o seu desejo de “conhecer o mundo”.

Em sua trajetória pelas relações de trabalho, o senhor Geraldo já havia conquistado um espaço, principalmente com uma condição de vida, que hoje pode percebê-la como mais digna, em relação àquela que tinha em seu estado de origem, Minas Gerais. Porque lá, mesmo criança, via que a perspectiva de um futuro esvaía-se: *“então eu vi que não dava. Porque eu vivia só de camisinha, aquelas camisinha volta mundo [estilo], aquelas uma, calçãozinho, descalço. Porque você não tinha como comprar um calçado.”*¹⁰⁸

O senhor Geraldo viveu no Paraná uma realidade diferente da qual estava acostumado em Minas Gerais. Ele quis “conhecer o mundo” e a oportunidade conseguida foi por ele rejeitada. Novamente seguiu sua incursão quando então veio: *“aqui na Forquilha (...). Eu não conhecia hortelã. Daí ali eu comecei a plantar hortelã, colher hortelã, lambicar...”*.¹⁰⁹ Outras perspectivas estavam postas na itinerância do senhor Geraldo. O trabalho nas lavouras de hortelã não deixou esvaír-se em seu pertencimento ao lugar que escolhera como destino.

Outra situação de trabalho foi por ele experimentada. Novamente algo desconhecido precisou fazer-se sabido. Mesmo não tendo conhecimento algum a respeito do cultivo da hortelã, Geraldo observou: *“então eu vim parar ali [Linha Sanga Forquilha], e já comecei a plantar ali aqueles hortelanzal. E eu não sabia o que era isso, hortelã?”*.¹¹⁰ O primeiro efeito da nova atividade que o senhor Geraldo iria exercer no campo foi de estranhamento. Ele próprio questionou suas lembranças, mas *“o que era isso, hortelã?”* Característico de sua experiência enquanto sujeito social, o desconhecido ou estranho é parte integrante do lugar de destino. O novo trabalho se colocou como uma condição para permanecer. Foram novas relações produzidas junto a outros trabalhadores e o trabalho pode ser visto como um forte elemento para a socialização no novo lugar.

Tocado pelo exercício de apreensão da nova atividade, o senhor Geraldo rearticulou sentidos: *“daí ele [o patrão] ia fazendo as covas de hortelã e eu ia com as mudinhas atrás. Não era só eu, eram vários. Bastante gente. Aí é que foi produzindo hortelã, produzindo hortelã e tal, e tal... Cortava hortelã de um, cortava de outro, cortava de outro”*.¹¹¹ Na recomposição das lembranças soam fortes as demarcações situacionais da atividade. Embora,

¹⁰⁸ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Idem.

muitas vezes, o processo fosse apresentado com naturalidade: “*foi produzindo hortelã, produzindo hortelã*”, esta atividade ocorreu a partir e com a sua força de trabalho e de outros.

A narrativa ainda se articulou no seu fazer-se como trabalhador hortelaneiro entre outros presentes naquelas lavouras: “*não era só eu. Eram vários. Bastante gente*”. Uma atividade praticada pela atuação dos homens no espaço. A hortelã não se produziu de maneira natural, era preciso fazer as covas e colocar “*as mudinhas*”.

Interrogado sobre tais relações de trabalho instituídas nas lavouras de hortelã, o senhor Geraldo, imbuído de um olhar nostálgico, recordou:

E era assim, todo mundo era unido. Se você tinha dois alqueires, se era vinte peão [trabalhador], colônia, todo mundo se juntava e ia lá cortar a tua roça. Acabava a tua roça passava para minha, da minha passava para do outro, do outro passava... Era assim. Em dois, três dias você cortava três, quatro alqueires de rama de hortelã. E hoje você procura gente para fazer um serviço assim, há vamos ajudar fulano? Eles não querem, ah não vou ajudar fulano porque fulano é isso, fulano é aquilo. Então, antigamente era melhor do que hoje.¹¹²

No cotidiano das atividades das lavouras de hortelã todos, de alguma maneira, se ajudavam. Exemplificando as relações situacionais que se moldavam, Geraldo concede a mim, a ele e a um outro a propriedade de posse da lavoura, numa forma de emoldurar as significações da ajuda entre os diferente sujeitos. Nestas relações de trabalho está posta uma interseção entre passado e presente, na qual a solidariedade pareceu sempre soar forte: “*acabava a tua roça passava para minha, da minha passava para do outro, do outro passava... Era assim*”. Mas, e hoje? Segundo o entrevistado, hoje não se consegue algo assim: “*hoje você procura gente pra fazer um serviço... Eles não querem*”. As relações de trabalho sofreram modificações. Os trabalhadores parecem não serem mais os mesmos e as atividades também já são outras. Assim, Geraldo interpretou aquelas relações que vivera no período hortelaneiro: “*então antigamente era melhor do que hoje*”. Apesar do árduo trabalho, este foi compreendido como um período bom: “*você trabalhava de noite, trabalhava de dia, de tarde e vai indo (...), trabalhava bastante e tinha dinheiro, hoje você trabalha muito e não tem dinheiro*”.¹¹³

Sobre quando ocorreu a extinção das plantações de hortelã, o senhor Geraldo transpôs a linhas imaginárias do espaço e relatou mais um pouco de sua trajetória:

Quando acabou a hortelã, eu fui dois anos para o Mato Grosso [do Sul] e depois vim aqui para Guaíra. Daí eu estava em Guaíra, para trabalhar de balseiro [balsa]. Daí trabalhei dois dias e duas noites. Então eu pedi para eles

¹¹² Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

¹¹³ Idem.

assim, quanto eles iam me pagar? Foi daí que eles falaram que era doze cruzeiros por mês e não tem hora extra. Daí eu falei não dá. Foi aí que eu saí. Daí eu peguei e vim embora trabalhar aqui na construção da ponte naquela vez [ponte sobre o rio Guaçu, na BR 163, que liga os municípios de Mercedes e Guaíra]. Não... Daí eu fui para o quartel, primeiro servir o quartel lá em Iguatemi [MS]. Fiquei lá em Iguatemi um ano. Depois daquele ano, eu voltei para cá e consegui entrar na ponte ali da Construtora Marna. Que tenho até o PIS na minha carteira, até hoje eu recebo na Caixa Econômica, ainda.¹¹⁴

Entre idas e vindas, a trajetória do senhor Geraldo parece ter sido de uma itinerância constante. Com o fim das atividades com a hortelã na região, seguiu até o Mato Grosso à procura de trabalho. Lá serviu o “*quartel*”. Depois Guaíra apresentou-se como um local com possibilidade de trabalho, primeiro de balseiro e depois na construção de uma ponte. Mas, suas lembranças produziram outras significações. Um dos marcos de sua trajetória é apresentado como uma conquista ao destacar que teve sua carteira assinada e ainda recebe o PIS na Caixa Econômica Federal.

O cotidiano contado é permeado de reelaborações construídas no momento da fala. São as lembranças que afloram a partir da instigação da memória e que delatam aquele cotidiano vivido como bom, apesar, muitas vezes, da transitoriedade empreendida à procura de trabalho. O exercício da memória é, nesta tarefa, um constante vai-e-vem, o qual demanda exercitar atos interpretativos do narrador e do pesquisador. Atos de interlocução entre as atividades exercidas em diferentes tempos. O senhor Geraldo narrou o passado como inacabado. E meu exercício foi o de compreender este passado, com as significações atribuídas pelo entrevistado no presente. Sua memória, entusiasmadamente, ressaltou a hortelã como algo que foi bom.

Dialogando com as trajetórias individuais, sobretudo relacionadas às atividades com as plantações de hortelã, o senhor Benedito Lopes Gonçalves também compartilhou suas lembranças. Ele é morador da localidade de Arroio Guaçu, situada à Oeste do município de Mercedes. O Arroio Guaçu faz divisa com a localidade de Salamanca, Guaíra, e com a República do Paraguai, sendo seu limite geográfico representado pelo Lago de Itaipu, antigo Rio Paraná e o Rio Guaçu.¹¹⁵ O senhor Benedito, conhecido popularmente como seu Dito, falou de sua trajetória e o que o trouxera para a região:

Porque nós viemos para cá, geralmente nós morava na região, município de Guaíra. Mas nós morava aqui pertence para o [Rio] Guaçu mesmo, beirando o Guaçu. Daí aqui nós ficamos, ali do outro lado do Guaçu. Ali nós começamos com o hortelã e lavoura de milho e porcos, essas coisas daí.

¹¹⁴ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

¹¹⁵ Ver anexo 05, mapa do território de Mercedes.

Depois, nós passemos para cá. Lá nós moremos vinte e cinco anos e mais vinte e cinco anos morando aqui na região de Mercedes, daí nós estamos aqui.¹¹⁶

Seu Dito, que morava em Arapongas, no Paraná, se fez migrante dentro do próprio Estado. Em 1960, veio residir juntamente com seus pais e irmãos no município de Guaíra, como ele mesmo narrou: “*beirando o Guaçu*”, próximo à localidade do Arroio Guaçu. Dos 50 anos que reside na região, seu Dito esclareceu que “*vinte e cinco anos*” moraram onde pertence a Guaíra, e mais “*vinte e cinco*” anos no atual município de Mercedes: “*daí estamos aqui*”.

Estar aqui para o narrador tem a conotação de permanecer, resistir e enfrentar as modificações ocorridas neste espaço. Dentre as primeiras atividades destacadas no relato, a hortelã também surgiu com forte conotação, além da lavoura de milho e a criação de porcos, que eram atividades praticadas próximas ao rio Guaçu. Naquele lugar: “*nós começamos com o hortelã*”. Seu Dito não falou por ele próprio. Suas lembranças carregam um horizonte de pertencimento a um grupo, num movimento enunciado, vivenciado, comunicado: “*nós viemos*”, “*nós morava*”, “*nós fiquemos*”, “*nós começamos*”, “*nós passemos*”, “*nós estamos*”. Com um sistema de significações “*cá*” e “*lá*”, Mercedes e Guaíra, a narrativa envolveu os espaços de agora e de antes, numa rede que envolveu a família, os amigos e demais trabalhadores. Sua lembrança, assim, transpôs as barreiras do espaço e do tempo para dar visibilidade ao seu pertencimento ao lugar a partir das vivências:

A primeira planta que nós plantemos, nós plantemos feijão, milho. Tinha criação de porcos, porco comum. E era assim. Daí entrou os japoneses e começaram a incentivar nós a plantar hortelã. Nós plantemos hortelã. Daí começou a chegar cada vez mais famílias: da Bahia e tudo quanto que é lugar. Aí foi...¹¹⁷

As primeiras atividades agrícolas praticadas pela família de seu Dito foram destinadas à produção de alimentos de subsistência, como assim narrou: “*plantemos feijão, milho e tinha criação de porcos*”. O próprio feijão, que se desenvolvera muito bem em áreas de derrubadas recentes, dividiu espaço com a hortelã. Todavia, não foram somente as atividades de subsistência que seu Dito e família praticaram, por que: “*daí entrou os japoneses e*

¹¹⁶ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

¹¹⁷ Idem.

começaram a incentivar nós a plantar hortelã”. Ele recordou que outras pessoas os “incentivaram” a plantar hortelã.¹¹⁸

Outras dimensões sociais estavam postas: as relações étnicas. Os “japoneses”, conforme pude perceber, eram os compradores do óleo na região. Estes eram proprietários de empresas de comercialização do óleo destilado da hortelã que, inclusive, era destinado a outros países.¹¹⁹ Características semelhantes foram destacadas por Cláudia Cristina Boeira, em seu estudo sobre Palotina quando observou que as empresas *Brasmentol* e *Braswey* faziam a compra do óleo. Estas empresas, segundo ela, exportavam o óleo para países da Ásia, de onde eram originárias as empresas.¹²⁰

Nas lembranças de seu Dito surgiram, com espontaneidade, notas sobre a vinda de pessoas de tudo “*quanto que é lugar*”. Estes migrantes, grosso modo, se enquadrariam noutra categoria, que é a de arrendatários. Eles não eram proprietários de terra e, portanto, trabalharam em terras alheias: “[n]essas colônias aí, tinha colônia aí com quatro, cinco empregados. Daí depois que terminou o hortelã foram tudo embora. Foram vendendo as terras e acabou com tudo.”.¹²¹ Como se pode observar, seu Dito, pelo trabalho da memória, explicitou a denuncia das transformações das relações de trabalho que, aos poucos, foi tomando conta da região e expulsando muitos trabalhadores de terras alheias.

Abordando também a localidade de Arroio Guaçu, Janete Triches estudou as transformações ocorridas naquele espaço geográfico. Sobre a atividade hortelaneira, observou que os “agricultores que conviveram com a cultura do hortelã afirmam que esta ocupava grande quantidade de mão-de-obra, tanto no plantio e limpeza, quanto na colheita, pois todas essas atividades, inclusive o processo de destilação eram executados manualmente, por pessoas oriundas da região ‘norte’ do país”.¹²² A afirmação quanto à criação de empregos percebida na literatura e nos relatos mensura formas de trabalho não assalariado. O uso de terras férteis e virgens provocou a possibilidade dos trabalhadores produzirem hortelã; “esses

¹¹⁸ De acordo com Santos e Oliveira, a hortelã “*foi introduzido por imigrantes japoneses e a sua cultura acha-se, hoje, firmemente implantada no Brasil*”. Santos, Samuel Ribeiro dos; OLIVEIRA, Vicente Gonçalves de. “Espaçamento para Menta (*Mentha Arvensis*)”. In: **BRAGANTIA**..., op. cit. p. 701.

¹¹⁹ Ver anexos 03 e 04, notas fiscais de venda de hortelã. Acervo particular do senhor Quirino S. Backes.

¹²⁰ BOEIRA, Cláudia Cristina. **A cultura da hortelã na colonização de Palotina 1965–1975**. Marechal Cândido Rondon, 2002. 57 p. Trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE, p. 29 – 30. Segundo dados da pesquisa de Boeira, a “*menta arvensis*”, conhecida também como “*menta japonesa*”, espécie com alto teor de mentol, era usada na exploração industrial, não destacando o tipo de produto industrializado.

¹²¹ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

¹²² TRICHES, Janete. **Organização do espaço agrícola regional**. Estudo de Caso: Arroio Guaçu – Mercedes. Marechal Cândido Rondon, 1996. 69 p. Trabalho acadêmico (Monografia de Especialização em Geografia), Unioeste, p. 29.

produtores de hortelã eram arrendatários que recebiam a terra *in natura*”.¹²³ Estas relações de trabalho de modo algum podem ser descaracterizadas como uma forma de emprego, pois mesmo trabalhando em terras alheias, caracterizou-se pela venda da força de trabalho.¹²⁴

Ao ser instigado a relatar sobre quem fazia a compra do óleo na região, seu Dito, em um dilema com suas lembranças, relatou: *“eu não lembro mais o nome da firma. Agora, os japoneses, alguns eu lembro: tinha o Ângelo, tinha o Norberto. Todos esses compravam o óleo. Agora os outros eu não lembro mais. Tinha muitas firmas assim compradoras. Seu Dito não se lembrou do nome das empresas que faziam a compra do óleo na região. Mas, tocado pelas relações, recordou o nome dos compradores: “tinha o Ângelo, tinha o Norberto”. Com uma força subjetiva, os nomes dos compradores de óleo surgiram nas lembranças, pois fizeram parte daquele ambiente social do qual seu Dito também fazia parte. A empresa compradora para ele talvez não tenha se colocado tão importante quanto os compradores, e nessa interlocução narrou: “esse é o problema, que a gente não lembra”*.”¹²⁵

O ato de narrar, para seu Dito, compôs-se numa luta na tentativa de recordar mais sobre aquelas relações. Esforçou-se em lembrar, mas não conseguiu, apontando o esquecimento como um problema. Gostaria de notar que é preciso compreender como lembrou Ecléa Bosi que, “seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial”.¹²⁶

Na escuta de seu Dito, observei um relato entremeado pelas formas de fixação ao lugar com a atividade das primeiras lavouras de hortelã:

Que as primeiras mudas de hortelã nós busquemos lá no [Rio] Piquiri. Era tudo picadinho [as mudas], a raiz para fazer canteiros. Daí nós fizemos os canteiros. Daí foi chegando gente. Quando nós chegamos na beirada do [Rio] Guaçu ali, não tinha um pé de pau derrubado! Nós entremos pela picada, a esteira estava lá em cima e nós descemos pela picada e fizemos acampamento ali. Debaixo do mato nós fizemos o rancho...¹²⁷.

A narrativa possibilitou-me perceber que a atividade mais intensa de plantação de lavouras de hortelã ocorreu próxima aos rios. Os rizomas, as mudas para iniciar uma plantação, foram buscados pela família de seu Dito no Norte do Paraná, próximo ao rio

¹²³ TRICHES, Janete. **Organização do espaço agrícola regional...**, op. cit.

¹²⁴ BOEIRA, Cláudia Cristina. **A cultura da hortelã na colonização de Palotina...**, op. cit. Segundo a pesquisa, em Palotina foi freqüente a relação arrendatário e meeiro. Este último participava das atividades com sua força de trabalho e o proprietário – arrendatário – com os meios de produção (ferramentas e alambiques), p. 28.

¹²⁵ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

¹²⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 37.

¹²⁷ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

Piquiri, divisa com o Estado de São Paulo.¹²⁸ As lavouras em que seu Dito e a família trabalharam eram próximas ao rio Guaçu.¹²⁹ Sobre aquele lugar lembrou que a chegada de trabalhadores migrantes também se fez sentir naquele período: “*daí foi chegando gente, da Bahia e tudo quanto que é lugar*”.¹³⁰ Ele pareceu assustar-se com a intensa chegada de outros migrantes: “*daí foi chegando gente*”. Ao mesmo tempo ele se colocou juntamente com o seu grupo como desbravadores daquela “beira” do rio Guaçu: “*quando nós chegemos na beirada do [rio] Guaçu ali, não tinha um pé de pau derrubado!*”. No meio da mata fizeram o “rancho” e passaram a “desbravar” as margens do rio. O trabalho nas lavouras de hortelã, neste sentido, atraiu muitos trabalhadores de outras partes.

Observei também no relato do senhor Theobaldo os significados atribuídos a respeito da chegada de outros trabalhadores: “*quando uma coisa assim dá aquele alarme parece que o pessoal nota isso, daí já vinham com lotação, tipo pau-de-arara e vinha-se chegando cada vez mais. Eles iam atrás do serviço*”.¹³¹ Cláudia Cristina Boeira também observou que em Palotina “foi grande o número de pessoas que se deslocaram de várias regiões do país para trabalharem na cultura do hortelã”.¹³² Segundo ela, estes trabalhadores que chegaram eram provenientes do “Norte do Estado e Nordeste do Brasil”.¹³³ Eram considerados os “*nortistas*” que “vinham na condição de trabalhadores e não de proprietários”.¹³⁴

As lembranças sobre as décadas de 1960 e 1970 contam a chegada de muitas famílias à região. Um dos aspectos apontados nas narrativas foi o grande número de escolas, principalmente as rurais. As escolas rurais, neste sentido, fizeram parte deste processo, principalmente quando os entrevistados relatam sobre a população e, ao mesmo tempo, falam das relações sociais processualizadas na região. Para o atendimento dos migrantes que chegaram foram construídas 19 escolas somente no distrito de Mercedes, na década de 1970,

¹²⁸ Conforme Boeira, a hortelã foi cultivada “nos Vales do Rio Ivaí e Piquiri”, depois no Oeste do Estado. BOEIRA, Cláudia Cristina. **A cultura da hortelã na colonização de Palotina**..., op. cit. p. 22.

¹²⁹ Conforme Saatkamp: “o Arroio Guassu [Guaçu], nasce na Serra de São Francisco próximo a cidade de Toledo, correndo de leste a oeste, tendo como afluente na margem direita o Arroio Jaguarandi e na margem esquerda o Lageado Itu, Sanga Cuê, Sanga Cristino, Sanga Estaporã, Sanga Piapó, Arroio Quatro Pontes, Sanga Santa Tereza, Sanga Boa Vista, Sanga Forquilha, Lageado Mineira, Lageado da Mate, Sanga XV de Novembro e Sanga Guaira”. SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas**..., op. cit. p. 67.

¹³⁰ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

¹³¹ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

¹³² BOEIRA, Cláudia Cristina. **A cultura da hortelã na colonização de Palotina**..., op. cit. p. 27.

¹³³ Idem, p. 24.

¹³⁴ Idem, p. 28.

sendo que muitas delas ficaram pequenas devido ao crescimento considerável da população que ocorreu a partir do cultivo da hortelã na região.¹³⁵

Na instigação das recordações soou forte o grande número de escolas, bem como a população que estava presente naquele período. Ao ser questionado se lembrava destas escolas o senhor José Honorato Alves expressou:

Eu não posso dizer assim o quanto que tinha. Porque para você ter uma base, como ali na Sanga Mineira a Carlos Chagas, era Carlos Chagas a escola, ali tinha era quatro turmas de aula, tanta criança assim tinha. Aqui hoje em dia não tem mais, a Balisa, ali também existia uma escola só me falha a memória agora o nome daquela escola, ali tinha dois turnos também. Existia outra escola em Sanga Forquilha, ali também tinha três turnos, e hoje em dia não existe mais escolas por aqui. Acabou-se assim as escolas, os moradores ficaram bem menos.¹³⁶

Compondo uma memória do ausente, o senhor José narrou a existência de muitas escolas e que agora não estão mais ali. Tinha muitos moradores, mas “*ficaram bem menos*”. Hoje extintas, as escolas, principalmente as rurais, são matizadas pelas lembranças das pessoas que participaram do processo relacionado à recém chegada da população. Estas escolas e também a população estão *ausentes*, mas produzem-se lembranças permanentes por aqueles que permaneceram e recordam aquelas vivências.

No entrelaçamento das narrativas, dialogarei mais um pouco com a do senhor Theobaldo, que também recordou da vinda de muitas pessoas:

Veio muito pessoal do Norte do país. Assim do Norte mais precisamente Bahia e Nordeste, Nordeste veio bastante e já do Centro-Oeste que pertence a Mato Grosso não, era de... E nem de São Paulo tanto, que era um estado bem desenvolvido, veio mais gente do Nordeste mesmo, os plantadores de hortelã mais eram do Nordeste, assim da Sergipe, Alagoas, Pernambuco de lá é que vinha mais gente.¹³⁷

Esta paisagem social em movimento é uma característica das memórias sobre o período hortelaneiro. As pessoas vinham chegando à procura de trabalho, segundo o entrevistado, de lugares menos desenvolvidos, que mensurou ser o Nordeste. Era uma migração que ocorria de forma ampliada, como discutido anteriormente: “*já vinham com lotação*”.

¹³⁵ BACKES, Gilson. **Escolas rurais: um modelo em extinção numa sociedade em mudança**. Mercedes, PR, 1952-1997. Marechal Cândido Rondon, 2005. 64 p. trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE. Ver anexo 06. Tabela organizada por Gilson Backes a partir do Decreto N° 035/78 da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, de 25 de abril de 1978, quando da denominação e regulamentação dos estabelecimentos de ensino municipal, folhas 3 e 4.

¹³⁶ Relato do senhor José Honorato Alves..., relato citado.

¹³⁷ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

A vinda de pessoas de diferentes estados é um marco nas memórias dos entrevistados. Segundo observado por Triches: “o fluxo de pessoas era significativo [no Arroio Guaçu] contando com três empresas de transporte coletivo com várias linhas regulares”.¹³⁸ Nos relatos, outro sentido compartilhado apareceu inscrito. Segundo seu Dito: “*eram muitas famílias! Isso aí tinha muitas famílias morando por aqui, nessa região aqui. Isso aí acabou o hortelã, as famílias foram se retirando e pronto, isso ficou assim*”.¹³⁹

Uma lembrança do *ausente* ficou posta na narrativa de seu Dito. Ele chegou a comover-se ao relembrar da população que ali vivia. O período hortelaneiro, assim, marca com ar de nostalgia a presença de muitas famílias. Por outro lado, as pessoas de repente foram se retirando, como se fosse algo natural e “*pronto, ficou assim*”. Essa interpretação do movimento, que seu Dito reelaborou, é transposta por suas experiências como morador do lugar:

Aqui o Arroio Guaçu [localidade] tinha gente quase igual Mercedes, assim de tanta gente que tinha. Tinha muita gente de fora, gente de Minas, de tudo quanto que é lugar. Tinha gente aqui por causa do negócio da hortelã, daí não sei... Acabou o hortelã começou essas destocas, aí foram indo embora.¹⁴⁰

Os trabalhadores que fizeram parte do “mundo do trabalho” hortelaneiro foram embora. Seu Dito pareceu inconformado ao assistir ao processo de chegada e saída dos trabalhadores. Um processo que molda a realidade que se coloca no seu lugar de vivência, o esvaziamento da localidade, o Arroio Guaçu. Procurando uma explicação para as transformações ocorridas naquele universo social, questionou: “*daí não sei?*”. Suas experiências no lugar e com o lugar parecem não encontrar resposta à ausência dos que ali se encontravam, uma vez que, para ele, foi a “*destoca*” que levou os trabalhadores embora.¹⁴¹

A necessidade que os trabalhadores têm de migrar faz com que não se estabeleçam num único lugar. Talvez quisessem “*conhecer o mundo*”, como o senhor Geraldo, ou estavam sofrendo mesmo com o processo da chamada “*destoca*”, que seu Dito lembrou. Isto é, seu Dito não negou os outros sujeitos que participaram das lavouras hortelaneiras, pois eles foram e ainda continuam sendo importantes na sua existência. A coletividade na narrativa de seu

¹³⁸ TRICHES, Janete. **Organização do espaço agrícola regional...**, op. cit. p. 31.

¹³⁹ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

¹⁴⁰ Idem.

¹⁴¹ De acordo com dados levantados por Triches, o Arroio Guaçu tinha na década de 1970: 1 posto de combustível, 2 churrascarias, 1 moinho de farinha e arroz, 1 farmácia, 1 panificadora, 1 olaria, 2 oficinas, 1 borracharia e mais 18 casas comerciais prestadoras de serviços. Ainda circulavam veículos de passageiros entre Foz do Iguaçu, Guaíra e o Mato Grosso. Em 1996, ano da pesquisa, somente havia 2 estabelecimentos comerciais na localidade. TRICHES, Janete. **Organização do espaço agrícola regional...**, op. cit. p. 31 e 35.

Dito ficou esclarecida quando falou que a população “*foi saindo, foi saindo, alguns para cidade e outros mais para o sertão como para o Mato Grosso e aqui nós estamos até hoje na região de Mercedes aqui*”.¹⁴² Também observei a saída da população em meu estudo sobre as escolas rurais, pois as mesmas foram gradativamente desativadas em virtude da baixa populacional que a região sofreu.¹⁴³

Mesmo com as transformações ocorridas neste meio, seu Dito ainda situou-se dentro da temporalidade histórica de sua existência. Falou daqueles que deixaram a região para se “aventurar” em outras paragens. Ele, no entanto, resistiu e permaneceu: “*estamos até hoje na região de Mercedes aqui*”. Ao lembrar-se daqueles que foram ele representa a sua estadia no lugar, numa forma de não se desconectar do lugar vivido. Ao mesmo tempo, elabora-se uma representação do Mato Grosso enquanto *sertão*. Aquele lugar foi visto enquanto *sertão*, mas com novas frentes que, de acordo com Sérgio Targanski, alimentou o mito do “*eldorado*”,¹⁴⁴ que é representado como algo desconhecido e para o qual rumaram muitos destituídos da atividade hortelaneira na região.

A saída de trabalhadores da região também foi relatada pelo senhor Azelino Lange. De acordo com suas lembranças: “*os nortistas foram sumindo. A maioria foi lá para o Norte: Rondônia, Acre, Mato Grosso. Foram lá para cima. Todo o pessoal que estava por aí está esparramado por aí, a maioria lá para cima e no Paraguai também*”.¹⁴⁵ As transformações nas relações sociais levaram os sujeitos a migrarem. Estes estão “*esparramados por aí*”, foram embora, sumiram, estão ausentes. Os trabalhadores antes presentes fazem parte de uma “*memória feita espaço vivido*”.¹⁴⁶

As transformações na atividade agrícola fizeram com que os trabalhadores se colocassem em movimento. Muitos rumaram ao Paraguai, como observado por Mirian Hermi Zaar, “empurrados” por um sistema que visou a modernização do Brasil a qualquer preço. As frentes de ocupação no país vizinho fizeram-se:

A partir da criação do programa “marcha al este” em 1961, com o objetivo oficial de ocupar a fronteira leste paraguaia com camponeses paraguaios, o processo se acelerou com a venda de imóveis rurais a latifundiários e empresas estrangeiras. Durante as décadas de 1960 e 1970, com o apoio do Instituto de Bemestar Rural (IBR), órgão latifundista paraguaio, algumas destas terras de propriedade de brasileiros foram transformadas em projetos de colonização privados, que ofereciam terras férteis e baratas aos

¹⁴² Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

¹⁴³ BACKES, Gilson. **Escolas rurais: um modelo em extinção numa sociedade em mudança**..., op. cit.

¹⁴⁴ TARGANSKI, Sérgio. **Rumo ao novo eldorado**..., op. cit. p. 31.

¹⁴⁵ Relato do senhor Azelino Lange..., relato citado.

¹⁴⁶ GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento**..., op. cit. p. 58.

agricultores que quisessem migrar para o leste paraguaio.¹⁴⁷

As memórias apontam para a saída de muitos, inclusive para o país vizinho, o Paraguai. Lá, muitos continuaram em lavouras de hortelã. Conforme relatou o senhor Milton José Sehnem, que imigrou para o Paraguai na década de 1970: “*lá daí nós começamos plantar uma parte lá, e nós trabalhamos muito, muito com hortelã. Só que era difícil*”.¹⁴⁸ Enquanto para alguns a hortelã caracterizou-se como “bom”, para outros foi difícil, como para o senhor Milton que continuou trabalhando com a hortelã no Paraguai. Isso me permite pensar naquilo que advertiu Portelli, que as fontes orais nos oferecem um *mosaico* ou uma *colcha de retalhos*.¹⁴⁹ Dialogando com vários fragmentos procura-se formar um todo justaposto pela resignificação narrativa.

A busca por trabalho em outras paragens foi a ação empreendida por muitos que tinham suas relações permeadas pelo sistema de arrendamento da terra. No Mato Grosso, no Paraguai, ou em outro lugar, foi preciso adaptar-se a uma nova realidade socioeconômica. Analisando o processo de constituição da localidade de Naranjal, no departamento de Alto Paraná, no Leste do Paraguai, por trabalhadores saídos do Brasil, Valdemir José Sonda observou que os trabalhadores que migraram para o Paraguai foram “empurrados” pelas:

Alterações emanadas das transformações ocasionadas pela tecnificação e mercantilização da agricultura, facilitaram tal ingresso, no sentido de apontar para a perspectiva de aquisição de terras férteis, a um preço bastante atrativo, em comparação com os preços praticados no Brasil, principalmente pelos que se viam em dificuldades de continuidade de sobrevivência no ramo agrícola.¹⁵⁰

O Paraguai, conforme observado, apresentou-se como uma saída para muitos que continuaram na terra. Lá, também, alguns tiveram a possibilidade de se tornarem pequenos proprietários. Segundo Sonda, muitos continuaram trabalhando com a hortelã, “tendo em vista a existência dos três requisitos essenciais para a produção de menta, a saber, a existência de muita madeira, o solo fértil e a abundância de água”.¹⁵¹ Se, no Brasil, estavam esgotadas as reservas de madeira, utilizada nos alambiques de destilação e, principalmente a terra fértil, no

¹⁴⁷ ZAAR, Miriam Hermi. A migração rural no oeste paranaense/Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, nº 94, 1º de agosto de 2001. Disponível na internet: URL: www.ub.es/geocrit/sn-94-88.htm. Acessado em 05/01/ 2009, p. 07.

¹⁴⁸ Relato do senhor Milton José Sehnem, 49 anos, concedido em 1º de dezembro de 2007.

¹⁴⁹ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho..., op. cit.

¹⁵⁰ SONDA, Valdemir José. **A emigração brasileira para Naranjal – Alto Parana – Paraguai (1973-1995)** – um estudo de caso. Niterói, 2003. 199 p. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Fluminense, p. 86.

¹⁵¹ Idem, p. 131.

Paraguai estes componentes ainda se apresentavam em abundância no período em que estes emigraram para aquele país.

Além da extinção das riquezas naturais indispensáveis à produção hortelaneira, a mudança no sistema produtivo também fez com que, segundo Triches: “a produção do hortelã progressivamente desapareceu, levando esse contingente de trabalhadores a migrar inicialmente para o Paraguai e posteriormente para a Bolívia”.¹⁵² O espaço em movimento se faz sentir através de um processo migratório que, de diferentes modos, é apresentado pela literatura. Movimento este que também é resignificado nas lembranças:

[Aqui] não tem mais serviço. Na verdade, que agora graças a Deus que estou hoje aposentado, ajuda um pouco senão... Essa doença minha atrapalhou muito, está com dez anos que estou com essa doença já. Daí não tem condições de trabalhar mais. Mas graças a Deus criei os filhos e os filhos estão trabalhando, então está bom.¹⁵³

Mesmo sem possibilidades de trabalhar devido a problemas de saúde, seu Dito resiste neste processo de transformação em curso. Conseguiu o benefício da aposentadoria. Uma vitória por ele alcançada como resultado da sua resistência frente aos desafios que a vida lhe impôs. A doença, esta é justificada pela família. Ter criado seus seis filhos, que estão trabalhando, o coloca numa situação de conformidade com a situação vivida.

Os dramas e trajetórias vividas aquietam, principalmente, quando o passado incomoda e o futuro parece incerto. A busca incessante pelo trabalho fez os sujeitos se aventurarem naqueles movimentos migratórios. Lugares deixados e lugares chegados, ambos são marcas nas lembranças.

O senhor Antoniel Matos dos Santos, 56 anos, também teve sua trajetória intrincada pelo período hortelaneiro. Nascido em Boa Nova, Bahia, o senhor Antoniel, ainda muito jovem, iniciou sua itinerância. Interrogado sobre o motivo que o trouxera ao Oeste do Paraná, expressou:

A primeira vez que eu vim, primeiro eu vim para São Paulo. Depois... Aí eu vim para Maringá. Ali eu fui colher algodão, café... Depois, aí eu voltei para o Norte de novo, que foi nos anos [mil novecentos e] sessenta e nove, [mil novecentos e] setenta. Aí eu voltei aqui para Guaíra, e ali, quando eu cheguei ali, o plantio era só hortelã, era muito mato ainda! Aqueles anos de [mil novecentos e] setenta e um era muito mato. Tinha muito mato e plantio de hortelã ainda. Aí nós continuemos plantando hortelã. Até os anos de [mil novecentos e] setenta e oito, ainda era hortelã. Aí depois mudou. O pessoal começou a destocar e plantar soja. Aí depois destocaram tudo daí só soja, trigo, milho, esses casos ali.¹⁵⁴

¹⁵² TRICHES, Janete. **Organização do espaço agrícola regional...**, op. cit. p. 30.

¹⁵³ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

¹⁵⁴ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos, 56 anos, concedido em 17 de maio de 2008.

Na recordação da itinerância, o plantio de algodão, de café e de hortelã foram atividades desenvolvidas pelo senhor Antoniel. Ele apontou as temporalidades diferenciadas justificadas pelo “ainda” numa forma de justificar a atual realidade pelas lembranças quando: *“tinham muito mato e plantio de hortelã ainda”*. O senhor Antoniel percebeu as transformações vividas por ele no campo e procurou justificar-se. O *ausente* soou forte. Ele participou de todo o processo e isso é uma marca na sua experiência pelos lugares transitados.

O migrar fez com que o senhor Antoniel vivesse, pensando com José de Souza Martins: “em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais”.¹⁵⁵ Ir e vir. São Paulo, Maringá e novamente o Norte do Brasil. Ele deixou sua terra natal, Bahia, e rumou a São Paulo em busca de trabalho. Lá, em São Paulo, nas fazendas: *“eu vim colher banana lá em Piruíbe, São Vicente, mais como eu era de menor, as fazenda não contrataram. Aí eu tive de voltar de novo embora...”*¹⁵⁶. Fazendo-se trabalhador temporário, procurou recriar condições de sobrevivência em outro lugar. Deslocou-se ainda muito jovem para a colheita de banana e, “neste caso, a migração temporária envolve especialmente os jovens, muitas vezes apenas adolescentes”.¹⁵⁷

No primeiro momento da incursão de sua trajetória, o senhor Antoniel vê o Estado de São Paulo como uma possibilidade de trabalho. Mas lá não se fixou: *“porque não tinha como trabalhar assim registrado”*. A tentativa inicial de conseguir trabalho esvaiu-se. O senhor Antoniel narrou que teve de voltar novamente para o Norte, a sua região de origem. No entanto, mais uma vez enfrentou a itinerância para conseguir trabalho, desta vez no Paraná: *“depois eu vim, quando eu estava completando dezoito, dezessete, dezoito anos eu vim colher café. Colher café e algodão. Isso era lá em Maringá e Apucarana, essas regiões ali”*.¹⁵⁸

As colheitas de café e de algodão fizeram com que o senhor Antoniel se tornasse temporário no Paraná. Uma atividade circunscrita nas dinâmicas das relações de trabalho. De acordo com José de Souza Martins: “é comum a interpretação de que a migração temporária cíclica separa os membros da família: enquanto alguns permanecem, outros migram, até para regiões distantes, em busca de emprego, de salário, de ganhos necessários à sobrevivência da família”.¹⁵⁹

¹⁵⁵ MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1986, p. 45.

¹⁵⁶ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

¹⁵⁷ MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**..., op. cit. p. 52.

¹⁵⁸ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

¹⁵⁹ MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**..., op. cit. p. 50.

O Paraná surgiu como uma possibilidade para o senhor Antoniel de conseguir trabalho. Migrou jovem e sozinho. Foi um trabalhador temporário que procurou ganhar meios para a sobrevivência dele e de sua família, que permaneceu no Norte. As lavouras cafeeiras no Paraná necessitavam de mão-de-obra. Antoniel, então, migrou, deixou a família e após sete dias viajando de “trem-de-ferro” chegou ao Norte do Paraná, mais precisamente em Maringá, onde trabalhou nas lavouras de café. Em sua viagem assustou-se com o número elevado de pessoas que, naquele período, estavam migrando em busca de trabalho.

O senhor Antoniel precisou *fazer-se* trabalhador no lugar chegado. Primeiro trabalhou em Maringá, “*e depois eu vim aqui para Guaíra, ali teve plantio de hortelã*”.¹⁶⁰ No Paraná, também precisou ir em busca de trabalho, pois não partia de um sentido fixo, ainda era um itinerante. Ao ser interrogado sobre a atividade com a hortelã quando chegou em Guaíra, reconstruiu sua interpretação:

Só foi o hortelã. Era mato, tudo mato. Tinha que derrubar mato com machado, motosserra, roçava. Daí a motosserra tirando aquelas árvores mais grossas e aí indo derrubando. Aí plantado a hortelã, que a hortelã só era plantada com chuva, não com sol. Se parasse de chover agora aí amanhã cedo você já não podia plantar mais porque daí já não pegavam [as mudas], porque você tinha que fazer um furo assim no chão com um negócio assim, com um pau ou senão um ferro e colocando aquelas mudinhas dentro e pisando em cima e afirmando com o pé até... E se ficava aqueles chuveiros assim, aquela chuvinha ali você tinha que estar plantando, não podia parar: Tinha que plantar a maioria com chuva e foi como eu te falei, uns sete, oito anos só... E trabalhava à noite, o hortelã era cada noventa dias. Cortava de dia e de noite ia lambicar, como eles falam. Jogar naquela pipa [a rama da hortelã] e dormia pouco tempo e no outro dia tinha que trabalhar de novo para consegui cortar tudo.¹⁶¹

Num relance da memória, o senhor Antoniel pareceu assustar-se também com o que iria viver em Guaíra: a derrubada da mata e a formação das lavouras de hortelã. Logo, reconstruiu passo-a-passo o processo de plantio das mudas, pois “*tinha que plantar a maioria com chuva*”.¹⁶² Diferente do processo de trabalho que desenvolvera nas lavouras cafeeiras, o senhor Antoniel necessitou ajudar a preparar o terreno, a partir da derrubada da mata, e aprender as técnicas de cultivo da hortelã.

No diálogo com as lembranças do senhor Antoniel, este demarcou ainda a temporalidade de sua permanência na localidade de Salamanca, Guaíra: “*dos anos [mil novecentos e] setenta e um até [mil novecentos e] noventa e cinco. Daí eu fui para São Paulo,*

¹⁶⁰ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² O plantio das mudas deve ocorrer “de preferência em dias encoberto e solos úmidos”. **Informativo Copagril...**, op. cit.

*fiquei dez anos em São Paulo. Não chegou bem dez anos, nove anos. Daí eu vim para cá, tem quatro anos que moro aqui, morava aqui no Belmonte, na Linha Belmonte”.*¹⁶³ A trajetória do senhor Antoniel caracterizou-se fortemente pela busca por melhores condições de vida. Cá e lá, Paraná e São Paulo, são os marcos de sua temporalidade sócio-espacial. Ele – que havia migrado inicialmente da Bahia para São Paulo, novamente retornou à Bahia e, logo após, para o Paraná, depois novamente a São Paulo e regressou ao Paraná outra vez –, tem sua trajetória marcada pela itinerância.

Vários foram os locais nos quais o senhor Antoniel passou até a instalação definitiva em Mercedes. De outro modo, uma vez mais se lembrou da Bahia, a terra natal, a qual parece ser algo ainda a incomodar:

[Lá nós plantávamos] é mamona assim e talvez nem trabalhava tanto porque era meio novo. E eu cuidava da criação dos meus pais. Eu, meus pais e meus irmãos, a gente cuidava. E ainda tinha um armazém também de venda, assim. Hoje em dia eles não falam armazém, não sei como é que se fala. Era um tipo de...

Gilson: Um mercadinho?

Antoniel: Isso, um mercadinho e tinha desde arame, açúcar e todas essas coisas, feijão, arroz, tudo, tudo misturado. O que você precisava dentro do depósito tinha ali para vender. Então, vivia com aquilo ali¹⁶⁴.

A memória do senhor Antoniel reconstruiu um pouco daquelas relações vividas na Bahia. A pequena mercearia de propriedade de seus pais se constituiu numa referência para falar da infância. Além do plantio de mamona, a criação de animais, o comércio da família constituía-se numa fonte de renda. No entanto, o senhor Antoniel não se contentou em permanecer em seu estado de origem. A Bahia pareceu não lhe dar segurança de melhores condições de vida. Desejou migrar e conhecer outros lugares. Ao que tudo indica em sua trajetória, ele “queria conhecer o mundo”:

Foi no plano do Fernando Henrique Cardoso [Ministro da Fazenda] e daí nós plantava aqui e trabalhava, como eu te falei, arrendado. Então financiava às vezes um pouco, daí quando foi naquele período ele entrou [o presidente Itamar Franco] e ficou com noventa dias sem a gente conseguir vender a lavoura. Só, não tinha preço, uma hora não tinha preço e outra hora já fechava o mercado e outra hora já virou aquela revolução do URV, do URV [plano econômico] para o dólar e ali empatou bastante. E daí deu uma meio fracassada e eu falei... Veio um parente meu de São Paulo me convidou para ir para lá daí eu fui junto¹⁶⁵.

¹⁶³ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Idem.

O plano econômico do então Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, no governo de Itamar Franco, desanimou o senhor Antoniel. Ele, que trabalhava de arrendatário, estava inviabilizado de vender os produtos agrícolas que produzira, pois estes não tinham preços. Ele enfrentou grandes dificuldades na agricultura naquele período, uma vez que, com o plano econômico implantado, “*virou aquela revolução*”. Uma revolução que fez o senhor Antoniel decidir pela migração. Ele então se colocou em trânsito, trocou o campo pela cidade grande, migrou. Nas considerações de José de Souza Martins:

A necessidade da migração é resultado de que [o trabalhador] vive no limite da mera subsistência. Fato que se agrava em consequência do cerco que o capital lhe impõe. A deterioração dos preços dos seus excedentes agrícolas lhe é particularmente fatal, pois reduz a sua capacidade de compra dos artigos que complementam a sua subsistência e que não pode produzir diretamente.¹⁶⁶

O senhor Antoniel necessitou recriar outras condições de sobrevivência, desta vez na cidade. Abandonou o campo, deixou de ser trabalhador da terra arrendada para ser assalariado de uma empresa na cidade. Bastou a visita de um parente de São Paulo e o convite. Foi para São Paulo outra vez, agora na condição de funcionário de uma empresa de revestimento térmico. Hoje, sua alegria é ter conhecido muitas cidades do Brasil. Durante os nove anos que trabalhou naquela empresa, viajou por vários estados. Conforme ele: “*eu conheci praticamente todas as cidades do Brasil. Esse trabalho que estou te falando, de regulamento térmico, era viajando no Brasil inteiro*”.¹⁶⁷

Viajar o “Brasil inteiro, conhecer o mundo”. O senhor Antoniel migrou. Retornou. Reproduziu o seu “mundo” através da narrativa. Situou geograficamente, pelos caminhos minuciosos das lembranças, aqueles lugares por ele transitados:

Que nem nós fomos para Manaus, ali nós ficamos noventa dias. De Manaus nós fomos para aquela outra cidade no outro ano. Isso era obra grande que nós ficava noventa dias, isso era obra muito grande. Aí depois foi no outro ano isso foi em dois mil, em [19] noventa e nove aquela usina lá de Tucuruí, do governo lá, tu já deve ter ouvido, nós também trabalhamos. Fizemos o isolamento dela. Tucuruí no Pará e as outras cidades que é as mais distantes que nós fomos e aí no Rio Grande do Sul, Florianópolis, Joinville, Blumenau, é Rio Grande do Sul é... Outra cidade pequena que nós fomos lá. No Paraná aí foi Cascavel, Curitiba... No Mato Grosso conheci Campo Grande, Cuiabá, Dourados também, e foi assim, Rio de Janeiro a gente ia direto, aí Nordeste também teve trabalho. Então foram nove anos bem corridos.¹⁶⁸

¹⁶⁶ MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão...**, op. cit. p. 52-53.

¹⁶⁷ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

¹⁶⁸ Idem.

Através do próprio trabalho o senhor Antoniel conheceu muitas cidades nos “*nove anos bem corridos*”. Para ele a cidade grande, principalmente São Paulo, não lhe pareceu estranha, pois nela encontrou uma possibilidade de ascensão socioeconômica. Segundo ele: “*voltei para cá de novo porque minha família quis que eu voltasse, mas eu não queria, queria ficar lá*”.¹⁶⁹ Ficar em São Paulo ou voltar ao Paraná era uma decisão a ser tomada. A família do senhor Antoniel decidiu por ele, então voltou.

Embora as possibilidades da trajetória do senhor Antoniel não terem se finalizado, ele resolveu ficar: “*agora já me aposentei e acho que eu vou ficar, acredito que para sempre, aqui, eu não vou mais ir embora*”.¹⁷⁰ O senhor Antoniel pareceu estar decidido, voltou ao Paraná para ficar. Aposentou-se e tomou uma decisão: “*vou ficar*”. No entanto, em sua última fala transpareceu a possibilidade de uma nova migração: “*acho que vou ficar*”. A sua estada em Mercedes parece não ser definitiva, uma vez que ele pode novamente colocar-se em trânsito e conhecer outros lugares.

A síntese explicativa para muitos migrantes falarem do deslocamento e da dinâmica sócio-econômico-demográfica é a variável do trabalho. As correntes migratórias se fazem em lugares que proporcionam e asseguram a sobrevivência. Assim, procurei, neste capítulo, apresentar a atividade desenvolvida a partir das lavouras de hortelã quando os trabalhadores migraram à procura de trabalho e para consegui-lo necessitaram lidar com alguns enfrentamentos. As trajetórias de alguns entrevistados ajudaram-me a compreender este processo de migração que esteve imbuído pela possibilidade de trabalho no Oeste do Paraná, envolvendo as plantações de hortelã.

Contudo, já neste primeiro momento, percebi que a atividade não ocorreu de forma homogênea, mas juntamente com outras atividades como a produção de alimentos de subsistência, em um espaço que é, sobremaneira, marcado por uma paisagem diversificada, tanto de produção agrícola e populacional. A chegada de migrantes de várias regiões fez com que ocorressem estranhamentos instituídos pelos modos de viver e narrar o período hortelaneiro.

¹⁶⁹ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

¹⁷⁰ Idem.

CAPÍTULO II

“E NINGUÉM, PARECE, SENTIU SAUDADE”: A PRESENÇA DO “OUTRO” NAS PLANTAÇÕES DE HORTELÃ

*Eles chegavam e não sabiam nem... Eles eram assim, não sei se amanhã eu estou aqui ou estou longe. E também, a maioria não se preocupava em fazer uma economia, ou talvez, assim, prosperar um pouco na vida também. Não se preocupavam também nessa área. Era assim acho que era um pessoal que já era desse tipo de vida assim.*¹⁷¹

O período da atividade produtiva de hortelã no Oeste do Paraná não se processualizou pacificamente, sem estranhamentos e/ou conflitos. Com a inserção neste espaço de migrantes chegados de outras regiões do Brasil, os modos de vida diferentes se conflitaram de muitas maneiras. Cada sujeito, em suas experiências narradas, é portador de uma “bagagem cultural” diferenciada que, na migração, passa a interagir com outros modos de vida. Modos estes que me possibilitaram a compreensão das marcas que estes sujeitos foram imprimindo no espaço social ao longo do processo histórico vivido.

Ao falar de *bagagem cultural* tomo como referência as reflexões de Robson Laverdi, ao tratar dos trabalhadores que, em algum momento de suas trajetórias, fixam-se em um lugar. Embora se fixando, “suas vidas nunca estiveram deslocadas das experiências da migração e das bagagens culturais trazidas de outros lugares, tanto quanto das vivências de maior tempo nessa região de fronteira”.¹⁷²

Levando em consideração tais experiências e a temporalidade histórica da existência dos sujeitos entrevistados, tenho observado que há um grupo que se coloca, por vezes, como estabelecido no lugar desde o início da ocupação. Estou falando dos migrantes chegados no início da década de 1950. Estes, provenientes ou “expulsos” de outras regiões agrícolas, principalmente do Oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, foram os primeiros compradores de terras na região com a atuação da companhia colonizadora Maripá, que “se empenhou em organizar o referido espaço [área denominada de Fazenda Britânia] e nele atuar para efetuar a ocupação”.¹⁷³

¹⁷¹ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

¹⁷² LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005, p. 72.

¹⁷³ GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no oeste do Paraná (1940-70). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002, p. 109.

Na região, estes migrantes – pequenos proprietários rurais –, a partir de um sistema planejado, efetuaram a ocupação de propriedades destinadas à produção familiar. No Sul estes migrantes já trabalhavam em atividades agrícolas que envolviam a rede familiar e no Paraná a ocupação teve, conforme Pedro Calil Padis: “características bastante peculiares e quase específicas”.¹⁷⁴ É preciso destacar que, neste período de ocupação planejada, o Oeste do Paraná já passara por uma intensa atividade de exploração dos recursos naturais, principalmente a madeira e a erva-mate, por companhias estrangeiras que exploravam as terras à margem esquerda do rio Paraná.¹⁷⁵ Estes recursos, através de ações exploratórias, eram destinados e escoados “via Rio Paraná e Estuário do Prata para os mercados argentino (Corrientes, Entre Rios, Posadas) e inglês”.¹⁷⁶

Com o processo de ocupação dos migrantes sulinos, criou-se uma identificação do espaço como próprio de uma cultura alemã, uma vez que os migrantes proprietários eram considerados os de “origem”. Mas, nos anos de 1950 e mais fortemente nas décadas de 1960 e 1970, período de produção hortelaneira, trabalhadores de diferentes regiões, muitos dos quais também afro-descendentes, migraram para o Oeste do Paraná com a perspectiva de encontrar trabalho.

Neste viés, parte da literatura memorialística omite a presença de nortistas, caboclos, paraguaios ou mesmo de migrantes sulistas que não obtiveram destaque no projeto planejado de ocupação da região. A esses sujeitos atribuiu-se o papel de meros coadjuvantes e suas experiências permanecem silenciadas, sobretudo em face de projetos como o de germanização, como é o caso de Marechal Cândido Rondon, que envolvem questões étnicas, entre outras.

Falar de uma literatura memorialística ou de uma memória oficial requer pensá-la enquanto produto de um grupo que se apropria de uma memória e a reformula, homogeneizando um amplo conjunto de sujeitos em suas trajetórias sociais. Assim, o termo “história oficial” é empregado neste trabalho como aquela produzida com base em documentos de instituições públicas e privadas que, por sua natureza, não envolvem determinados aspectos de convívio social, como a presença de trabalhadores que extrapolam os padrões pré-estabelecidos. A essa ou às outras memórias cumpre observar, de acordo com Gonzalez em sua análise sobre Marechal Cândido Rondon, que:

¹⁷⁴ PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso paranaense**. 2ª ed. Curitiba: IPARDES, 2006, p. 227.

¹⁷⁵ LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas...**, op. cit. p. 28.

¹⁷⁶ GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial...**, op. cit. p. 89.

A História oficial que alicerçou nutriu-se de memórias cuidadosamente selecionadas de (e para) alguns sujeitos sociais hegemônicos da cidade. Essa memória é, portanto, o produto final de um processo político de afirmação de *lugares sociais*. A construção da memória é também um processo de disputa política. Isso porque ao fixar sua visão de mundo como a única, *oficial*, seus elaboradores buscaram sobretudo estabelecer lugares sociais nessa disputa pela hegemonia da cidade, dividindo a sociedade entre aqueles que teriam o direito de narrar, a sua maneira e a partir de seus valores, o processo histórico, naturalizando e perpetuando a divisão social de *classes* ali existente. Em contrapartida, estabelecia também quem deveria ser esquecido, ignorado, em suma silenciado.¹⁷⁷

Dizer quem tinha e tem o direito à memória foi uma forma do grupo hegemônico se sobrepor às demais memórias. Ignorar, esquecer, silenciar são também formas de diferenciar e representar os grupos, principalmente quando disputas políticas estão postas. O campo das manifestações artísticas, arquitetônicas, políticas, memorialísticas e folclóricas caracterizam-se como conflitivas por negar a presença de outros sujeitos. Um terreno de divergências culturais se colocou para idealizar os feitos de um determinado grupo. Na perspectiva de uma hegemonização das memórias locais, Ruy Wachowicz identificou a ocultação de outros grupos pela Maripá, principalmente quando esta ocultação foi aplicada com objetivos estratégicos e específicos como, no caso, a imposição de uma “ideologia racial”. Conforme Wachowicz:

A ideologia etno-racial predominante entre os diretores da Maripá deve ter sido a *sulista*, com forte conotação ao *bairrismo* gaúcho. Da colonização das terras da antiga Fazenda Britânia, foram excluídos três tipos de elementos humanos: 1- o colono, também descendente de europeus, que avançavam em direção ao oeste pela linha sul paranaense. Em sua grande parte, era formado de descendentes de imigrantes poloneses e ucranianos; 2- o caboclo paranaense, filho tradicional dos sertões brasileiros, que também encontrava-se na região em número nada desprezível; 3- o pêlo duro, nortista, que representava a frente cafeeira, que estava ocupando todo o norte do Paraná.¹⁷⁸

De acordo com o autor, a presença de “*indesejados*” acarretou um flanco de exclusão dos mesmos como pertencentes ao quadro da memória social. Os trabalhadores “aventureiros”, que não se enquadravam no planejamento de seleção imposto pelos líderes da colonizadora, eram, a grosso modo, excluídos do processo de ocupação. Contudo, aqueles cujas presenças não foram possíveis de serem barradas ou mesmo foram recrutados como mão-de-obra, serviram para trabalhar e ajudar no “desbravamento” da região, em atividades

¹⁷⁷ GONZALEZ, Emílio. “As camadas da memória”: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do Oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950-1990). In: **Tempos Históricos**. Cascavel: Edunioeste, v. 05/05, 2004, p. 189.

¹⁷⁸ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos**: história do oeste-paranaense. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982, p. 174.

como a extração da madeira. A partir destas considerações é que se entende que a maior parte da literatura acadêmica ou memorialística produzida sobre o Oeste do Paraná atribui a perspectiva colonizatória a partir da atuação da colonizadora Maripá.¹⁷⁹ Uma visão que deixa claro que o espaço foi projetado para o estabelecimento dos migrantes “ideais”, aqueles que teriam conhecimento do cultivo da terra.

Analisando a literatura produzida sobre a região e, principalmente, aquela no meio acadêmico, Robson Laverdi destaca:

É consensual nos estudos sobre ocupação da região a importância dada à MARIPÁ, empresa privada, proveniente do Rio Grande do Sul, à qual foi atribuída a responsabilidade da organização, planejamento e execução do projeto de colonização do Oeste do Paraná. Tal atribuição muitas vezes é abordada sob a forma do grande consenso firmado entre os atores envolvidos, a começar pelo conjunto mais amplo de políticas de nacionalização das fronteiras brasileiras, via o Estado Novo, na Marcha para o Oeste.¹⁸⁰

A crítica do autor se faz pelo uso constante de fontes oficiais em alguns estudos para abordar o processo de ocupação da região. Segundo Laverdi, estes trabalhos atuam em defesa de um modelo, de uma memória única fundada em torno da colonização. Modelando um sentido de dominação em seus lugares privilegiados, por um lado, e por outro, memórias “cerzidas” lutam, relembram e sobrevivem na história social. Elas cintilam no horizonte uma paisagem social negada.¹⁸¹ A literatura memorialística então produzida corrobora, de muitos modos, afirmando a exclusão destes outros sujeitos, uma vez que, como observou Wachowicz:

Oberg [Kalervo] e Jabine [Thomas] afirmaram que a presença do caboclo só seria admitida na região, como fonte de trabalho braçal barato. Mas como essa tarefa passou a ser executada por paraguaios refugiados no Brasil, sua presença na região passou a ser desnecessária, o pêlo duro, *nortista*, foi afastado da colonização, porque não entendia do tipo de agricultura praticado pelo sulista. Estava acostumado com a agricultura cafeeira, tropical. Pouco entendia da agricultura temperada de subsistência, praticada no sul. Pelo menos em linhas gerais, esses foram os argumentos

¹⁷⁹ Conforme Gonzalez, p. 191, na década de 1980, foram produzidos vários trabalhos defendendo uma história oficial, os quais mais tarde serviriam como referência para pesquisas produzidas no âmbito da academia. Estes trabalhos foram fartamente produzidos e distribuídos pelas prefeituras municipais e pelo poder econômico e político da região. Nessa linha, podem ser citados os livros de Ruy Wachowicz, **Obrageros Mensus e Colonos: História do Oeste do Paraná** (Curitiba, 1982), Venilda Saatkamp, **Desafios, lutas e conquistas: História de Marechal Cândido Rondon** (Cascavel, 1985), Oscar Silva & outros, **Toledo e sua História** (Toledo, 1988), e José Augusto Colodel, **Santa Helena na História do Oeste do Paraná** (Santa Helena, 1988) como exemplos dessa tendência no âmbito regional. GONZALEZ, Emílio. “As camadas da memória”..., op. cit.

¹⁸⁰ LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas...**, p. 36.

¹⁸¹ Idem, p. 35.

apresentados pelos dirigentes, a fim de justificar a exclusão desses elementos da colonização no interior da Fazenda Britânia.¹⁸²

Nota-se que na versão de Wachowicz, os sujeitos foram excluídos por não deterem conhecimentos sobre as lavouras praticadas pelos sulistas. Na defesa de uma memória oficial e apoiando-se em outros estudos, o autor destaca que não era necessária a presença de trabalhadores *paraguaios*, *nortistas* ou os chamados *pêlo duro*, de acordo com justificativas dos dirigentes da colonizadora. Estes trabalhadores, silenciados e excluídos, foram afastados por não entender das lidas agrícolas. Caracteriza-se, assim, uma forma de negar a presença destes sujeitos, bem como suas memórias, ao mesmo tempo em que também deixam de ter possibilidades de obter conhecimentos das lidas agrícolas praticadas pelos sulistas. Ao que tudo indica, a presença destes trabalhadores, tanto de outras regiões e mesmo outros países como do Paraguai, foi acentuada.

A ocupação deste espaço não se concretizou somente com os migrantes sulinos, os quais reivindicam para si a memória da sociedade local. As memórias produzidas sobre o espaço em estudo podem ser entendidas dentro de um campo de disputas sociais, sobretudo quando buscam a imposição de alguns elementos culturais como hegemônicos: a língua, vestimentas, arquitetura, festas, entre outros. Perceber a realidade circunscrita através de traços culturais delineia a mobilidade social desencadeada também nesta região do Oeste do Paraná, nos primeiros anos de ocupação, bem como daqueles caracterizados como não sendo de “origem”, que participaram das plantações de hortelã. Entendo as representações sobre a região a partir da forma como os sujeitos narram, resignificam e identificam os lugares que ocupam neste meio social.

As experiências dos sujeitos mostraram outras dimensões do real que, ainda, permanecem na invisibilidade, ou que sobre as mesmas se tem poucos estudos. A perspectiva histórica de análise dessas trajetórias pela História Oral, neste sentido, me apresentou um campo de possibilidades. Ela não tem um sentido único e nem é homogênea. Mas, é carregada de significados próprios, como observado nas falas dos entrevistados. Nesta arte de representar e observar a história enquanto processo, Maria do Pilar adverte sobre a tarefa do historiador:

Dessa forma, fazer história com o conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender porque o processo tomou um dado rumo e não outro; significa *resgatar* as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras.¹⁸³

¹⁸² WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, Mensus e Colonos...**, op. cit., p. 175.

¹⁸³ VIEIRA, Maria do Pilar, et al. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989, p. 11.

Nessa assertiva, ao analisar as narrativas percebo que elas se direcionam a outras interpretações sobre a participação de grupos distintos no Oeste do Paraná. Não se trata de operar a historicidade e sinalizar que ela se encontra no veio social, mas sistematizar as informações pelos fatos narrados demonstrando como cada sujeito representa, a seu modo, a dinâmica social e significa a experiência vivida. As memórias, assim, construídas numa rede de relações, negam a direção única. Elas nos levam a refletir sobre a historicidade que as compõem apresentando múltiplas interpretações do social. Cada sujeito, conforme Yara Khoury, compartilha uma memória específica a partir das representações de “códigos, padrões, valores e identidade”, num campo de luta e, principalmente, em oposição a uma memória homogeneizadora. É preciso pensar a produção de uma memória no campo da “experiência social vivida”, numa “relação presente-passado-presente”.¹⁸⁴

Pensando na diversidade da população que compunha este espaço e os conflitos que muitas vezes se engendraram devido a certas diferenças socioculturais, a narrativa de Dona Gladis Elfi Mohr apresenta características daqueles migrantes presentes na região. Ela, que nasceu na vila de Mercedes na década de 1950, vivenciou o processo de transformação do espaço e através do seu relato buscou interpretá-lo, focalizando as diferenças entre estes:

Eles sempre falavam mais do que a gente, eu ouvia era de *nortistas* né, *nortistas*. Mas nem eu na época não sabia o que era *nortista*. Mas eu creio que deve ser do Norte do Paraná. Porque eles vieram... Porque do Sul era tudo alemão ou italiano que moravam aqui, então só pode ter sido de lá, Campo Mourão talvez que lá já morava gente mais.¹⁸⁵

Na instigação das lembranças, a narradora procurou encontrar respostas na definição daqueles trabalhadores: “*eles sempre falavam mais do que a gente, eu ouvia era de nortistas*”. Pressente o campo social com a presença de “outros”, “*eles*”, a memória representou os migrantes auferindo aos mesmos a denominação de *nortistas*.¹⁸⁶ Embora sem conseguir definir quem eram estes, Dona Gladis dialogou com “*eles*”, com os seus, que viram aqueles como “*nortistas*”. Na incerteza de dar uma definição à origem dos trabalhadores, ela fez uma relação com os demais que aqui estavam: “*eu creio que deve ser do Norte do Paraná... porque do Sul era tudo alemão ou italiano que moravam aqui*”. Um relato que por ela não foi finalizado, uma frase incompleta: “*gente mais...*”. Suas lembranças sobre os

¹⁸⁴ KHOURY, Yara Aun. “O historiador, as fontes orais e a escrita da história”..., op. cit. p. 38.

¹⁸⁵ Relato de Gladis Elfi Mohr, 49 anos, concedido em 25 de julho de 2007.

¹⁸⁶ A expressão *nortista* também foi reproduzida pela literatura sobre o Oeste do Paraná ao mencionar as memórias sobre o período da hortelã. Segundo Valdir Gregory, et al., “muitos eram os chamados *nortistas*, que se juntaram aos colonos do sul na época do cultivo da hortelã”. GREGORY, Valdir; VANDERLINDE, Tarcisio; MYSKIW, Antonio Marcos. **Mercedes: uma história de encontros**..., op. cit. p. 76.

hortelaneiros não conseguiram encerrar uma definição. Mas, qual seria o significado que ela procurou expressar? Em minhas interpretações, a partir do campo social que relatou, poderia ser “*gente mais morena* ou de “*pele mais escura*”, numa diferenciação com os de ascendência alemã ou italiana.

As lembranças fazem referências à *gente do Sul* e à *gente do Norte*. A memória, assim, pode ser entendida como uma ligação com o passado vivido. Passado este que, de acordo com Pierre Nora, “se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções”.¹⁸⁷ Alemães, italianos ou nortistas são os sujeitos sociais que muitas vezes são representados nos relatos do período hortelaneiro. Uma memória com efeito revelador e, ao mesmo tempo, que se liga a um campo de identidades que está posto na definição dos outros. Uma identidade na qual nem sempre os sujeitos se reconhecem. E, em oposição aquele que narra, elabora a sua própria identidade. Dona Gladis falou dos outros sujeitos presentes naquele meio social, que eram aqueles que vieram para as lavouras de hortelã.

Na abordagem da presença de *outros*, Robson Laverdi, ao fazer um estudo sobre a constituição do universo urbano de Marechal Cândido Rondon, buscou denotar os *outros* sujeitos sociais presentes naquela sociedade. Analisando uma literatura acadêmica, Laverdi observou uma pequena minoria de “outros” na composição social desta cidade. O autor priorizou em seu estudo, a partir das trajetórias e itinerâncias, histórias orais e de vida de depoentes nordestinos e negros, pelo fato de serem considerados uma minoria e serem aludidos como os “outros” presentes em Marechal Cândido Rondon. Sobre estes sujeitos, em suas análises, se construiu uma imagem de rejeição, uma vez que não se enquadravam no tipo ideal que se preconizava.¹⁸⁸

O *outro* é visto enquanto um problema. No entanto, também pode ser visto como aquele com modos de vida diferenciados. É nessa oposição entre o *nós* e o *eles* que Dona Gladis continuou sua narrativa:

Eu sei que teve muita gente, muitas famílias aqui. E como eu já comentei eles gastavam, porque eles eram diferentes do alemão que é muito mão fechada, que não gasta com nada, ou pelo menos não gastavam. Eles não, o que eles ganhavam eles gastavam, compravam bicicleta cada um. Era um luxo ter a sua bicicleta toda bonitinha, como hoje o pessoal quer ter uma moto eles faziam assim. E gastavam, gastava-se também em festas, gastavam no mercado.¹⁸⁹

¹⁸⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, PUC/SP, nº10, 1993, p. 09.

¹⁸⁸ LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas...**, op. cit. p. 19-27.

¹⁸⁹ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

Na trama da lembrança reveladora observa-se a diferenciação produzida. Os modos de vida foram mensurados como atos de gastar. Ganhar e não gastar: os alemães. Ganhar e gastar: eles, os outros, os *nortistas*. São sinônimos atribuídos na interpretação daquela realidade: “*o que eles ganhavam eles gastavam, compravam bicicleta cada um*”. Pertencer a um grupo ou a outro eram formas de identificação naquele ambiente de sociabilidade. Dona Gladis reelaborou uma linha de demarcação entre os sujeitos presentes naquele sistema social. Construiu, pela forma de narrar, uma fronteira entre diferentes grupos étnicos por ela observados. Para os antropólogos Poutignat e Streiff-Fenart, “as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade (...). Ela só pode ser concebida senão na fronteira do ‘Nós’, em contato ou confrontação, ou por contraste com ‘Eles’”.¹⁹⁰

Reconhecer *eles* pela diferenciação foi o que fez Dona Gladis ao interpretar aquele lugar e as relações sociais vividas. Na composição de sentidos atribuídos aos *outros*, Dona Gladis interpretou uma *fronteira* existente entre os que migraram para as atividades hortelaneiras e os proprietários de terras, ou mesmo entre aqueles que já tinham uma vida na cidade:

Eles viviam lá no lugar deles onde trabalhavam. Vinham à cidade em alguma festa e nas compras e tal, mas não tinham assim muito contato, tanto contato assim entre eles e com os que já moravam aqui. Tanto é que eles parece chegaram e foram e ninguém, ninguém sabe de onde veio e para onde foi. E ninguém, parece, sentiu saudade! Ninguém perguntou nada.¹⁹¹

Intervindo nas lembranças das plantações de hortelã observa-se uma omissão das memórias sobre os seus trabalhadores. Pelo relato, Dona Gladis determinou uma linha divisória demonstrando a separação na alteridade do “nós” em relação aos “outros”, quando “eles” viviam afastados. Eles eram separados dos demais moradores, numa forma de negar o impacto da presença dos mesmos na região. A lembrança, neste sentido, determinou os migrantes como “indivíduos fronteiriços”, como aponta Jones Gottert: “que devem adaptar-se a um novo contexto, novas normas, sobre as quais pesam variadas limitações que repercutem na vida cotidiana”.¹⁹² O convívio na cidade entre diferentes grupos, pelo relato, não foi nada fácil. O preconceito parece predominar ao mensurar a presença de outros trabalhadores que não faziam parte do campo das relações vividas pela narradora.

¹⁹⁰ POUTIGNAT, Fhlippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998, p. 152.

¹⁹¹ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

¹⁹² GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento...**, op. cit. p. 52.

Pela narrativa busca-se entender o papel social que o próprio entrevistado constrói ao elaborar sua interpretação da vida cotidiana. A diferenciação étnica, na base da formulação do relato, parece justificar-se quando o trabalho parece ser o meio pelo qual os grupos poderiam igualar-se. Para isso, os que não se identificavam pelo *ethos* do trabalho precisariam acostumar-se na vida cotidiana com relações e modos de vida diferenciados. Os “outros”, pelo relato, deveriam enquadrar-se num modelo típico, aos costumes dos migrantes sulinos. Ao que tudo indica, isso não ocorrera. E, numa forma de naturalizar a transitoriedade destes trabalhadores, ao destacar a presença e ausência, a entrevista apresentou o seu lugar de pertença que era distante dos trabalhadores conhecidos como nortistas.

Os trabalhadores das plantações de hortelã estão ausentes, mas as memórias sobre eles estão presentes. Uma memória que interpreta e questiona o cotidiano, pois de modo algum as coisas estão dadas, mas em constante reelaboração pelas lembranças. Na análise dos relatos, observo que o senhor Theobaldo pautou lembranças relacionadas aqueles envolvidos:

O que eles ganhavam durante a semana, no fim de semana eles tinham que ir no comércio e já gastavam quase tudo. E tinham que comprar roupas, calçados e comida, alguma coisa que faltava. Embora que na colônia onde eles moravam nas terras do dono da coisa [do proprietário das lavouras], eles tinham muita coisa: tinham mandioca, batata, tudo que era coisa de comer existia.¹⁹³

Importante ressaltar que o senhor Theobaldo vivia na cidade naquele período e sua narrativa foi permeada de estranhamentos refletidos a partir deste ambiente. Para ele, era estranho ver, na vila de Mercedes, os hortelaneiros gastando o que tinham ganhado durante a semana. O modo de vida daqueles trabalhadores era diferente ao modo como o narrador vivia bem como aqueles com quem se identificava. “Eles” não tinham a preocupação de economizar. Todavia, é nesta senda interpretativa que se constrói os embates socioculturais que permeiam aquele cotidiano lembrado.

Outrossim, o comércio foi destacado como o lugar para o consumo, por isso foram apresentados como gastadores, embora necessitassem comprar os víveres no comércio local. Ao buscar compreender os imigrantes-migrantes que ocuparam, principalmente, a região Sul do Brasil, Giralda Seyferth observou que: “as identidades étnicas da maioria dos grupos descendentes de imigrantes são definidas, atualmente, por critérios mais elaborados no passado, como o *ethos* do trabalho, a origem comum, e por traços culturais supostamente tradicionais dos respectivos países de origem”.¹⁹⁴

¹⁹³ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

¹⁹⁴ SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990, p. 89-90.

Um dos principais elementos constituintes da memória da diferença apontados nas narrativas, bem como também destacado por Seyferth em seu estudo sobre os imigrantes alemães e italianos, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, e também japoneses em São Paulo, é a identificação com o trabalho. A constituição de uma sociedade voltada ao trabalho parece ser um mote identificador para muitos colonos do Sul que conseguiram atingir o *status* de pequeno ou médio proprietário rural. O senhor Theobaldo, ao fazer referência aos hortelaneiros, narrou que estes eram diferentes: *“eles eram um pessoal assim, eles quando estavam de folga eles gostavam de sentar no bar e fazer gritaria e tomar cachaça. Ali, assim, desse tipo eles não participavam da sociedade. Eles eram separados, vamos dizer eram isolados”*.¹⁹⁵

Uma imagem do vivido é reconstruída a partir de uma perspectiva pessoal e relacional com aquele ambiente. O senhor Theobaldo se situou numa interação particular, a qual pode ser vista também como uma trama social e cultural na modelação do lugar quando os trabalhadores *“gostavam de sentar no bar e fazer gritaria e tomar cachaça”*. Um estigma parece se estabelecer em relação aos hortelaneiros que foram apresentados como diferentes. A narrativa colocou-os isolados, embora nas propriedades era a força de trabalho destes que fazia desenvolver as lavouras.

Uma ambiência de conflitos, no dizer de Thompson,¹⁹⁶ parece se produzir quando da presença dos hortelaneiros em locais públicos. Marcelo Zanatta também observou a reconstrução de uma imagem depreciativa daqueles trabalhadores em seu estudo sobre Entre Rios do Oeste. Segundo ele: *“a presença dos ‘nortistas’ chegou a gerar, inclusive, alguns conflitos. Com costumes diferentes, dos ‘sulistas’, descendentes de alemães e italianos, não se entenderam com eles, principalmente quando se tratava de eventos sociais, bailes, festas”*.¹⁹⁷ Costumes diferentes que geram conflitos são dimensões que estão presentes na interpretação das relações sociais vividas pela e na diferença. Assim, segundo Zanatta, se constrói uma imagem negativa dos “nortistas”, pois os mesmos foram referidos enquanto *“tomadores de pinga, dando a impressão de que o hábito de tomar pinga é depreciativo, e que eles vinham para a cidade apenas em função desse hábito”*.¹⁹⁸

Pinguços ou não, o que pode ser presumido a partir do consumo de aguardente é que esta seria uma forma para aguentarem a dura jornada, ou mesmo como remédio para os males

¹⁹⁵ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

¹⁹⁶ THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁹⁷ ZANATTA, Marcelo Rogério. **O cultivo da hortelã em Entre Rios do Oeste na década de 1970**. Marechal Cândido Rondon, 2000. 23 p. Trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTES, p. 16.

¹⁹⁸ ZANATTA, Marcelo Rogério. **O cultivo da hortelã em Entre Rios do Oeste na década de 1970...**, op. cit.

do corpo ou do espírito. Observando estas práticas de diferenciação cultural, destaco o estudo de Sérgio Buarque de Holanda sobre a expansão geográfica do Brasil, no qual interpreta a vida e atividades daqueles homens que participaram da “conquista” e integração do território nacional. Em suas considerações sobre a produção de cana-de-açúcar em Cuiabá, observou a industrialização dessa produção para o fabrico de aguardente. Enquanto que os “bandos dos governadores” acreditavam que o consumo deste produto traria malefícios graves, o autor, a partir da análise de suas fontes, observou o contrário:

A aguardente, fonte notória de muitos males, também era remédio eficaz para quase todas as doenças. Em Cuiabá, pelo menos, teve o dom de sustar a mortandade de escravos, curar enfermos, dar a outros boas cores, ‘que thê então tinham-nas de defuntos’ e fazer diminuir as hidropisias e inflamações de barrigas e pernas.¹⁹⁹

A pinga que os chamados “nortistas” tomavam, e que a partir do consumo os tornava diferentes dos “sulistas”, pode ser considerada até como remédio. Um remédio que diferenciou os costumes dos migrantes presentes na região e que os colocou fora dos padrões pré-estabelecidos por aqueles considerados de “origem”. Estar de folga, sentar no bar, fazer gritaria e tomar cachaça foram práticas concebidas como incomuns para os de ascendência alemã. Por isso eles “*não participavam da sociedade*”, eram “*separados*”, “*isolados*”, como lembrou o senhor Theobaldo. A imagem da diferença também transpareceu ao determinar que: “*os alemães são mais de guardar sempre o dinheiro para poder comprar mais terras, comprar outras coisas*”.²⁰⁰ Neste ambiente relacional e permeado de tensões, os sujeitos constroem suas identidades no espaço-tempo de contato com o “outro”. A constituição das identidades é relacional. Ela não se dá no vazio, mas a partir da relação com aquele considerado diferente.

Guardar o dinheiro ou gastá-lo? São interpretações construídas na identificação e pertencimento dos sujeitos que recordam daquelas relações vivenciadas. É partir destas dimensões que os sujeitos, conforme Yara Khoury: “constroem territórios e referências culturais ou deles se apropriam”.²⁰¹ Na abordagem das narrativas, o senhor Gilson José Philippsen falou dos estranhamentos por ele vividos em sua infância, quando residia com os pais na localidade de Alto Santa Fé, município de Nova Santa Rosa. Assim narrou:

Eles [os trabalhadores da hortelã] eram bastante parceiros. Então eles faziam todas as festas deles. Aquilo era tudo, acontecia ali mesmo, no [próprio grupo], praticamente o dinheiro que eles ganhavam com a menta eles

¹⁹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976, p. 53.

²⁰⁰ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

²⁰¹ KHOURY, Yara Aun. “O historiador, as fontes orais..., op. cit. p. 42.

acabavam gastando ali mesmo. Finais de semana, em sábados, domingos era festa. É... Eles tinham as crenças deles, tinham os bailinhos deles à noite, ali em feriados. São João, esses feriados eles obedeciam rigorosamente. Final de ano era foguetório direto, então era uma semana só de festa, de foguete. Então, praticamente o que eles ganhavam eles acabavam gastando ali mesmo. Não se preocupavam com luxo.²⁰²

A narrativa do senhor Gilson José, que também dialogou com práticas de diferenciação entre “eles” e “nós”, tocou noutros aspectos da cultura dos chamados *nortistas*. Eles não foram caracterizados somente como gastadores, como observado em narrativas anteriores. Os trabalhadores da hortelã “*eram bastante parceiros*” e seguiam com rigor alguns costumes, como a crença aos santos, isso lhe causara também um estranhamento. Ao ser entrevistado apontou aspectos vividos no cotidiano definindo aqueles enquanto um grupo: “*eles tinham as crenças deles, tinham os bailinhos deles à noite, ali em feriados*”.

Apreender as relações vividas e valorizá-los enquanto sujeitos históricos requer pensar em todas as dimensões da vida social no plano da cultura. Tal importância os relatos proporcionam perceber, principalmente, nos significados constituídos nas dimensões da vida social, entendido enquanto cultura, o que Yara Khoury afirma que são os modos de “*projetar, trabalhar, morar, se relacionar, se comunicar, festejar, comemorar*”.²⁰³ Apreender como os sujeitos significam, resignificam ou interpretam as dimensões da vida social é compreender a cultura que se forja como campo de disputas entre distintos grupos.

Em um campo tenso, os estranhamentos constituem-se como marcos para falar da presença destes “outros”. O senhor Gilson José, que atualmente é representante de vendas de insumos agrícolas e reside em Marechal Cândido Rondon, também evidenciou a convivência que tivera com estes trabalhadores:

A minha convivência junto com esse pessoal que era de origem, em grande parte de origem *afro-descendente*, a grande maioria. E vindas da região de um outro sistema de vida, eu acho foi um aprendizado. A gente aprendeu a conviver com esse povo do jeito deles, da forma deles. E o que existia era bastante confiança, tanto de um lado como do outro, porque naquela época, até hoje continua, mas naquela época o descendente afro era visto de outra forma, e a gente tinha uma convivência de uma forma muito natural com eles. Com aquele núcleo era totalmente diferente das outras pessoas ali da vila de Alto Santa Fé. Então, a gente convivia bem com eles.²⁰⁴

Nas memórias que procuram diferenciar e colocar cada um destes em seu devido lugar, o senhor Gilson José utilizou um termo que ainda não tinha sido apontado por outras narrativas: a expressão *afro-descendente*, que marca outras temporalidades da narrativa. Ela

²⁰² Relato do senhor Gilson José Philippsen, 40 anos, concedido em 17 de maio de 2008.

²⁰³ KHOURY, Yara Aun. “O historiador, as fontes orais...”, op. cit. p. 24.

²⁰⁴ Relato do senhor Gilson José Philippsen..., relato citado.

pode referir-se a um período da história colonial do Brasil quando escravos da África foram trazidos para desenvolver o trabalho pesado. Da mesma forma como na região, a mão-de-obra destes trabalhadores foi utilizada para as atividades tão pesadas quanto a exploração das matas a partir da derrubada. É possível ainda interpretar que o senhor Gilson procurou apagar os conflitos ao narrar àquelas lembranças num sentido politicamente correto. Ele narrou a partir da temporalidade histórica de sua existência quando também interpreta o campo das relações sociais que estão postos pelas diferenças multiculturais. Na assertiva daquele momento, o descendente de “sulinos” assim observou as relações que naquele lugar estavam estabelecidas: “*então a gente convivia bem com eles*”.

De outro modo, observa-se uma mudança de tom na narrativa. A *confiança* parecia reger as dinâmicas entre os grupos para que houvesse uma “melhor convivência”: “*e o que existia era bastante confiança, tanto de um lado como do outro*”. A diferença acaba se dissolvendo em uma confiança atemporal. As lembranças daqueles trabalhadores acabaram minimizadas como naturais: “*a gente tinha uma convivência de uma forma muito natural com eles*”. Na convivência, que o senhor Gilson José deixou claro que foi harmoniosa, com a confiança e a naturalidade, observa-se que aqueles trabalhadores eram portadores de outro sistema cultural. Em suas lembranças este sistema de reconhecimento foi impresso como “*um aprendizado*”.

A diferença étnica entre determinados grupos constituiu-se na dinamicidade variante destas relações sociais. O uso de termos, como “afro-descendente”, ficou suscetível às interpretações e redefinições, mesmo quando negada a sua importância. Neste aspecto as *Teorias da Etnicidade* de Poutignat e Streiff-Fenart observaram em contraposição a idéia de ver a etnicidade como um fato social invariante. Quanto a esta observação, ele adverte:

Em outras palavras, a etnicidade não se define como uma qualidade ou uma propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduos ou de grupos, mas como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações.²⁰⁵

Narrar a vida social daqueles com os quais convivera na infância como de “origem” afro-descendente pode ser entendido como uma reconstrução da imagem social. Distinguir uns dos outros a partir de características étnicas ou traços culturais é uma forma de marcar o pertencimento a um ou a outro grupo. Na abordagem da problemática do período hortelaneiro no Oeste do Paraná, nas décadas de 1960 e 1970, muitas memórias podem ser instigadas a afirmar a participação de diferentes grupos. Estas diferenciações étnicas podem ser percebidas

²⁰⁵ POUTIGNAT, Fhlippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**..., op. cit. p. 125.

pela forma com que os entrevistados se utilizam para caracterizar e significar o seu próprio mundo social. O senhor Milton José Sehnem também compartilhou suas experiências e conflitos vividos neste período. Nascido em 1958, no atual município de Mercedes, ele falou dos estranhamentos que vivera quando migrantes de outras regiões chegaram para as lavouras de hortelã:

Essa gente veio para trabalhar. Talvez lá na terra deles já não produzia mais bem o hortelã, daí eles pegaram umas terras mais férteis, onde produzia melhor. Desde aquela época que apareceu mais essa gente, mais nordestino, do tempo do hortelã. Antes, quando eu era pequeno ainda, quando ia para escola e se eu via uma pessoa meio morena eu ficava com medo e já não queria ir nem para escola mais.²⁰⁶

As lembranças do senhor Milton historicizam uma tensão particular na constituição da diversidade populacional da região Oeste, descaracterizando esta sociedade como homogênea, como apresentada, às vezes, pela literatura memorialista. Isso, quando se falam dos outros migrantes que ocuparam a região e, inclusive, em Mercedes, acostumados com as lidas agrícolas, acima de tudo, com a “vontade” de cultivarem suas terras.²⁰⁷ As pessoas, sobre as quais o senhor Milton narrou, não faziam parte do grupo com o qual ele se identificou. Ele apresentou uma memória conflitiva, denotando uma dada “qualidade” a aqueles vistos como “*essa gente*”. A marca da diferença é instituída para além da cor, ela está impregnada na expressão da linguagem que o entrevistado utilizou para demarcar o seu lugar social naquele ambiente. Os traços físicos, portanto, pareceram ser fundamentais na definição do “outro” e de si próprio. As pessoas negras ou morenas vieram e plantaram hortelã: “*desde aquela época que apareceu mais essa gente, mais nordestino, do tempo do hortelã*”.

Os relatos apresentaram outras relações sociais, não de uma sociedade que é tida como “perfeita”, mas constituída com e a partir de estranhamentos entre diferentes. Na instigação das lembranças do senhor Milton, o medo foi uma marca constante na relação com os “outros”. Isso somente foi possível superar a partir do momento em que começou a trabalhar nas lavouras de hortelã:

Para nós isso era uma farra. Ninguém olhava assim por causa da raça. Só que tinha muitos já, então, como dizem, eram racistas, não gostavam muito. Mas a gente nunca não tinha nada assim contra o nordestino, o mineiro, o baiano, essa gente assim. Também era gente igual a gente. A gente se dava bem com todos. Só que eles até tinham mais experiência como a gente, de

²⁰⁶ Relato do senhor Milton José Sehnem..., relato citado.

²⁰⁷ GREGORY, Valdir; VANDERLINDE, Tarcisio; MYSKIW, Antonio Marcos. **Mercedes: uma história de encontros...**, op. cit. p. 50.

como mexer com o hortelã, porque decerto lá da terra deles já conheciam. A gente veio só conhecer aqui.²⁰⁸

Os conflitos se engendraram no campo social das relações de trabalho. O senhor Milton narrou a superação do medo que tinha destes “outros” quando desenvolveram atividades laborais conjuntas. Ele recordou que não vivera conflitos: “*a gente nunca não tinha nada assim contra o nordestino, o mineiro, o baiano, essa gente assim*”. Mas, havia outras pessoas que ele considerou como racistas, que não gostavam destes. Ainda provocou uma exaltação a estes migrantes, pois eles tinham “*mais experiência*” com as lavouras de hortelã: “*a gente veio só conhecer aqui*”. Na minha interpretação, *nordestinos, mineiros ou baianos*, denotados como “*essa gente*”, não tinham tanto conhecimento, como foi expresso neste relato.

Tomando um certo ar de inferioridade frente aos outros trabalhadores, a narrativa do senhor Milton ainda se encaminhou a uma emanção de que os chamados de *nortistas* já detinham conhecimento sobre as lavouras de hortelã. De acordo com suas recordações, o cultivo de hortelã era feito pelas “*pessoas mais do Nordeste. Vinha essa gente mais morena, eles eram já mais acostumados, decerto para aquelas regiões antes eles plantavam, cultivavam a menta*”.²⁰⁹ Esta – os *nortistas* lembrados como os detentores do conhecimento da lida com a hortelã – foi a diferença que se formulou nas lembranças do senhor Milton.

Um campo de tensões e conflitos parece ter se processado no Oeste do Paraná na demarcação destes espaços. O ofício parece ser um elemento demarcador de diferenças. Se bem lembrados da trajetória do senhor Geraldo, que veio de Minas Gerais, um trabalhador que nunca tinha ouvido falar da hortelã e que somente veio conhecê-la aqui na região, no momento que passou a atuar com a lavoura. Os conflitos se engendram neste campo de relações sociais, principalmente em demandas por reconhecimento. As pessoas migradas, em especial das regiões Norte e Nordeste, não tinham conhecimento, ainda, desse cultivo, mas aprenderam como uma necessidade nas relações estabelecidas com aqueles que já se encontravam no lugar. Os que vieram de outras regiões não estavam ainda “*acostumados a cultivarem a menta*”. As palavras do senhor Francisco, por sua vez foram expressas com vigor: “*então eu vim pra cá e topei esse negócio de plantação de hortelã, então enfrentei*”.²¹⁰

Uma certa violência, mesmo com ares simbólicos na produção de uma memória dinâmica, afirma-se neste processo. A construção representativa de um espaço social foi feita

²⁰⁸ Relato do senhor Milton José Sehnem..., relato citado.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

através do trabalho, sobretudo quando o grupo étnico predominante exalta-se enquanto *melhor*, minimizando a participação dos demais. Conforme relatou o senhor Azelino Lange:

A maioria [das terras] na época eles davam para esses nortistas, para esse povo vir ali. Derrubavam e plantavam hortelã, que era a cultura da época. Eles vinham mesmo para mexer com o hortelã. Não sei se conheciam melhor ou, se já a *raça* era mais resistente, porque não era fácil mexer com ele.²¹¹

Um dos traços marcantes de alguns relatos é o tom depreciativo formulado por uma síntese de diferença: “*esse povo*” ou “*essa gente*”. São estigmas usados para falar dos “outros” que chegaram depois, uma forma de inferiorizá-los. Um povo que teria se apresentado como mais forte, uma “*raça mais resistente*”, apta às atividades pesadas das lavouras. Observa-se que o senhor Azelino impregnou no relato uma eloqüente criticidade a vinda destes “outros” trabalhadores. O tom argumentativo que alimentou e articulou sua narrativa não ocorreu a parti da noção étnica, mas de *raça*, subjugando, assim, *esse povo* ou *essa gente* a uma racialização da diferença.²¹² Pelo relato percebe-se uma forma de inferiorização daqueles hortelaneiros, que parecem estavam subjugados a “mexer com a hortelã”. Nesta trama interpretativa, legitima-se a posição ocupada por um grupo étnico no espaço social a partir da noção de segregação entre os mais ou menos resistentes fisicamente.

As imagens representativas desta mobilidade social e das relações de trabalho tendem a demonstrar significados preñhes nas experiências cotidianas dos diferentes grupos. Procurando compreender como se dão estas relações, a antropóloga Arlene Renk, ao fazer um estudo sobre a participação de dois diferentes grupos no Oeste de Santa Catarina, observou como estes se representam a partir das diferenciações étnicas. O primeiro grupo havia se estabelecido no século XIX, conhecidos como brasileiros; e o segundo grupo, os de “origem”, italianos vindos do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX. Traçando a trajetória dos respectivos grupos, a antropóloga buscou compreender o que levou o primeiro grupo a ser expropriado de seu espaço e a ser transformado em ervateiro/tarefeiro. A primeira demarcação de fronteira que se fez sentir nas relações entre os dois grupos foi a de que a atividade laboriosa de extração da erva-mate era ofício dos brasileiros. Na justificativa dos de “origem”: “*eles [caboclos] só sabem fazer isso*”.²¹³ Assim, as leituras da diferença são utilizadas na hierarquização das relações entre os grupos. Nas considerações da autora:

²¹¹ Relato do senhor Azelino Lange..., relato citado.

²¹² Ver a respeito do conceito de *raça* em: APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

²¹³ RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2ª ed. Chapecó: Argos, 2006, p. 11.

A representação de trabalho desse grupo étnico [italianos] é construída sob a diferenciação social, na qual a etnicidade, isto é, ‘o caráter ou qualidade do grupo étnico’, é acionada para legitimar as posições ocupadas no espaço social. A inclusão de um e a exclusão de outro criam as fronteiras sociais e étnicas entre os grupos envolvidos.²¹⁴

Ser um “daqui” ou um “de fora”, ou fazer parte de um ou de outro grupo, são expressões que, por vezes, se reproduzem como naturais. Naturalizam-se quando os chamados de *nortistas* “*conheciam melhor*” as lavouras de hortelã e por isso desenvolviam a atividade. O pertencimento a um grupo se fez e se faz pela diferença. A representação do trabalho como um delineador de fronteiras impõe, hierarquiza e exclui os sujeitos no meio social, atribuindo-lhes qualidades com que muitas vezes não se reconhecem.

Matizando estas memórias de diferenciação e de estranhamento, o espaço-movimento ou em movimento foi narrado de modo marcante por Dona Gladis. A paisagem social recriada com a chegada de outros sujeitos provenientes de diferentes lugares causou-lhe espantos. Isso se tornou um marco em suas lembranças:

Eu deveria ter o quê? Uns dez anos, por aí, que começou a fase da agricultura do hortelã. Eu acho que foi então em mil novecentos e sessenta e oito, por aí, que começou. Então começou a vir bastante gente. Eu sei que eu morava ainda no sítio quando começou isso, porque eu lembro que quando eu vinha para cidade nos sábados, para comprar coisas era aquela movimentação. Isso primeiro não tinha. E foi uma fase que foi a fase do hortelã.²¹⁵

A narrativa de Dona Gladis, na linearidade interpretativa do cultivo das lavouras de hortelã, expressou dimensões ricas para serem problematizadas. Primeiro, descreveu o período hortelaneiro em que “*começou a vir bastante gente*”. O processo de migração fez-se perceber de modo intenso. Por outro lado, a “*fase da agricultura do hortelã*” surgiu como um estranhamento vivido por ela. Orientada pela resignificação, narrou que quando foi à cidade, ou à vila, no caso, se deparou com “*aquela movimentação*”. Assustou-se com o que viu. Mas, não foi a movimentação em si que provocou estranhamento à Dona Gladis, mas o fato de aqueles que ali se encontravam serem sujeitos alheios ao universo social que estava acostumada. “*Isso primeiro não tinha*”, mas passou a ter, segundo suas lembranças, no ano de 1968. Ela ainda foi enfática ao afirmar: “*e foi uma fase que foi a fase do hortelã*”.

De acordo com a entrevistada, a presença de pessoas diferentes aos grupos vindos do Sul causou mudanças naquela paisagem social em formação. E foi neste espaço que as relações foram tecidas. Um ambiente que se apresentou com estranhamentos e diferenciações

²¹⁴ RENK, Arlene. **A luta da erva...**, op. cit. p. 194.

²¹⁵ Relato de Dona Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

nas sociabilidades. Na configuração de um espaço comum, como a este que aludi, Antonio Arantes observou que num espaço “que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações”.²¹⁶

Os espaços das relações sociais podem ser assim entendidos como lugares de memória, como marcou Nora. Os sujeitos se cruzam e se entrecruzam neste ambiente de movimentação, de mobilidade demográfica. É a partir destes espaços que interpretam o cotidiano vivido, resignificam-o e “formam zonas de transição”²¹⁷ entre passado e presente. Pelo ato de narrar o espaço habitado, Dona Gladis *compôs* suas lembranças para dar sentido à vida e suas experiências. Ela demonstrou as possibilidades de sustentação da memória revelando-as como uma “voz do passado”.²¹⁸ Com estas preocupações, demonstrou um pouco mais das mudanças no espaço de sua vivência, principalmente quando se buscava a prática de atividades diferenciadas de produção agrícola:

Olha! Bem no início, eu ainda me lembro, teve até áreas com café. Eu me lembro grandes áreas com café tivemos aqui. Aí aquilo parece que não conseguiram muito efeito. Ainda dava muita geada e não tinha muita gente para trabalhar nisso.²¹⁹

Na dimensão de outras experiências e práticas agrícolas, a atividade cafeeira esteve de algum modo intercalada com a produção hortelaneira. Como podemos observar, as lavouras de café também foram marcadas com forte conotação: “*eu me lembro grandes áreas com café tivemos aqui*”. Esta foi uma experiência sem grandes resultados, conforme relatado, e a falta de mão-de-obra parece ter sido o maior obstáculo. Segundo a literatura corrente, as variantes climáticas na região dificultaram o desenvolvimento da cafeicultura. A sua produção teria sido inviabilizada pelas fortes geadas que destruíram as plantações.²²⁰ De acordo com Venilda Saatkamp, a experiência cafeeira na região motivou a vinda de muitos. Esta atividade, em virtude da fertilidade das terras, parecia ser a mais promissora na época. Todavia, ela “não trouxe os resultados esperados porque as geadas (esparsas) trouxeram prejuízos vultosos aos

²¹⁶ ARANTES, Antonio A. “A Guerra dos Lugares”. In: **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, Ed. UNICAMP, 2000, p. 106.

²¹⁷ Idem, *ibidem*.

²¹⁸ THOMSON, Alistair. “Memórias de Anzac”: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. In: **Revista de História Oral**. São Paulo, ABHO, nº 04, 2001, p. 85-101.

²¹⁹ Relato de Dona Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

²²⁰ GREGORY, Valdir; VANDERLINDE, Tarcisio; MYSKIW, Antonio Marcos. **Mercedes: uma história de encontros...**, op. cit., p. 73. Conforme Roberto Schaufelberger, além das fortes geadas, o que influenciou negativamente a produção de café foi “a falta de experiência dos agricultores”. SCHAUFELBERGER, Roberto. **Itaipu e as conseqüências econômicas e sociais no distrito de Arroio Guaçu – Mercedes**. Marechal Cândido Rondon, 2000. 51 p. Trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE, p. 35.

cafeicultores que abandonaram esta cultura”.²²¹ A prática de atividades agrícolas que não deram certo foram relatadas com um sentido de perda. Ocorreram geadas, a falta de experiências dos agricultores e a falta de mão-de-obra foram obstáculos elencados na justificativa de que não dera certo a atividade cafeeira.

As lavouras de café no Paraná também foram observadas por Nelson Dacio Tomazi em seu estudo sobre o “Norte do Paraná”. Através do discurso “Norte do Paraná”, o autor procurou discutir uma dada fantasmagoria propalada por ideólogos vinculados a setores dominantes. A construção de uma idéia de região é criticada por Tomazi, a respeito dos discursos sobre o “Norte do Paraná”, principalmente quando se fala do café e dos personagens, trabalhadores que ficaram esquecidos. O café foi tido como o povoador daquele espaço. As pessoas, seus desejos e conflitos desapareceram da cena histórica. Segundo o autor:, “pouco se fala da vida das pessoas, concretas, históricas e reais, ou seja dos homens e das relações sociais que existiram no processo da cafeicultura e na incorporação destas terras à produção capitalista”.²²²

Um das idéias que foi veiculada pela literatura e outros documentos analisados por Tomazi sobre o discurso “Norte do Paraná”, foi o da fertilidade do solo propício à cafeicultura, considerando este lugar como o “Eldorado do Paraná”.²²³ Atendo-me a alguns destes aspectos, destaco uma vez mais o estudo de Regina Beatriz Guimarães Neto, sobre o processo de ocupação desenvolvido pela empresa colonizadora Indeco, em Alta Floresta e Paranaíta, Mato Grosso. A autora observou os aspectos propagandísticos utilizados pela empresa na divulgação das “longínquas terras férteis da Amazônia [que] eram trazidas para bem perto do imaginário social do pequeno produtor”²²⁴, principalmente, pequenos proprietários paranaenses, os quais, “como num passe de mágica”,²²⁵ passaram a ocupá-las. Construiu-se, assim, uma imagem representativa daquele espaço, o que aguçou os agricultores a se colocarem em movimento com interesse de juntar riquezas nos *novos lugares*. Incitados pelo deslocamento a uma terra desconhecida e que era apresentada e representada como um novo mundo, a terra da fartura e do “café sem geada”,²²⁶ tornou-se uma maldição. As plantas

²²¹ SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas...**, op. cit. p. 116.

²²² TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: Histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000, p. 113.

²²³ Idem, p. 146.

²²⁴ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde...**, op. cit. p. 39.

²²⁵ Idem, *ibidem*.

²²⁶ Idem, p. 41.

cresciam viçosas, mas não produziam, o que fez muitos agricultores descreditarem na *nova fronteira agrícola*.

Experiências como estas atentam que as relações sociais não são fixas num determinado espaço e não se limitam às fronteiras geográficas. No entanto, não pretendo aqui assumir uma posição generalizada sobre a questão da espacialidade. Considero, sim, o espaço que designo para este estudo na produção de uma espacialidade geográfica a partir das memórias. Como observei, a atividade cafeeira não prosperou e, paulatinamente, outras atividades agrícolas entraram no rol das lavouras da região, como a hortelã.

Nessas adversidades com diferentes atividades agrícolas, as experiências foram se constituindo. Aos proprietários, as atividades de produção, a partir das lavouras e da criação de animais, tornaram-se mercadorias e a subsistência foi regida pela fartura da terra, provedora de alimentos, da qual os sujeitos, proprietários, arrendatários, enfim, todos os participantes desta sociedade, recriaram seus modos de vida, vendendo, comprando ou trocando a sua produção. Na problematização destas lembranças sobre a região, Dona Gladis continuou delineando esta produção, principalmente nas pequenas propriedades:

Então, naquela época acabou ficando mesmo nestas pequenas áreas de milho. Quem tinha um pouco de terra branca plantava arroz. Depois, um pouco mais tarde, já plantavam trigo, mas era tudo mais mesmo para o consumo, e mandioca. Aí faziam polvilho, quem podia fazer já sempre fazia. Aí tinha cana[-de-açúcar], sempre uma cana para fazer melado, fazer doces. Tinha pomar. Então ficava, criavam-se porcos para tratar, tinha vaca. Na época, a minha mãe fazia queijos. Ela trazia, a gente lembra, eu lembro, a gente, que a gente só precisava comprar sabonete, café, açúcar se a gente não fazia em casa e aí toda semana a mãe trazia para mercearia, onde se vendia tudo, trazia isso tudo num balaio. Eu trazia num balaio os ovos e minha mãe trazia noutro os queijos e vendia ali. Aí um pouco mais tarde, quando a gente, já começou um homem ou mais, passavam nas casas e pegavam todos os finais de semanas esses produtos.²²⁷

Observa-se, assim, como a atividade agrícola, até então praticada como de subsistência, ganhou fôlego no incipiente comércio local, que teve sua produção intensificada pelo fluxo populacional continuado. Dona Gladis expressou uma forma de viver no campo que já se relacionava, de algum modo, com a pequena cidade, principalmente nas relações capitalistas que se reproduziam. Ela realçou, ao destacar as plantações de subsistência e as pequenas atividades comerciais, que o processo da chamada modernização não se engendrou de um dia para outro. O momento daquela produção se relacionou com “*mais tarde*”.

Aspectos variados são trazidos pelas lembranças. Nestas, os estranhamentos entre grupos, como já foi pontuado, caracterizou-se de forma enfática. Na apreensão das tramas da

²²⁷ Relato de Dona Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

memória e na arte da produção de alimentos, seja de subsistência ou produção para comercialização, percebeu-se que as atividades não foram restringidas exclusivamente a um grupo. Os vindos de outras regiões do Brasil participaram de relações de trabalho que também geraram produção. Por intermédio do comércio, o senhor Theobaldo apresentou uma relação aparentemente amistosa com os hortelaneiros. Em seu relato observou:

E então, naquela época, o comércio para pequeno e médio [produtor], o comércio era muito bom na época, porque existia muitas pessoas que moravam nas próprias terras dos donos das roças do hortelã, porque ele precisava da mão-de-obra. E, então, nos fins de semana e tudo, todos os dias da semana sempre era um movimento. Assim, a cidade era movimentada por causa da compra daquele pessoal que tinha bastante.²²⁸

Apesar daqueles representados como “outros” não terem as mesmas oportunidades ou não conseguirem adquirir áreas de terra, eles estavam inseridos e eram participantes daquele sistema de produção. Estes “*moravam nas próprias terras dos donos das roças do hortelã, porque ele precisava da mão-de-obra*”. No sistema em que estavam inseridos, participavam na produção de hortelã de alimentos de subsistência, com comercialização de excedentes. Eles fizeram com que as relações comerciais naquele núcleo populacional tomassem a forma de movimento, de circulação de capital e mercadoria, não sofrendo, assim, as estigmatizações.

Como estes trabalhadores moravam em terras alheias, o movimento campo-cidade foi constante no período. De acordo com o senhor Adolfo Hobus, que chegou em Mercedes em 1953, proveniente de Rio do Sul, Santa Catarina, no período do cultivo da hortelã, Mercedes tinha um movimento constante:

Aqui em Mercedes, no tempo da hortelã, tinha dezesseis táxis aqui na vila. Correndo para tudo que é canto. Porque aqui na Linha Paulista, Sanga Guilherme, lá em baixo, Beira Rio, por tudo, Novo Rio do Sul, lá em baixo era tudo hortelã. E o mineiro e o baiano são assim, enquanto eles têm dinheiro eles não caminham, eles vão de táxi. Então era um movimento só aqui na vila. A vila escureceu. E quando acabou a hortelã tudo isso foi embora, isso sumiu tudo assim. Sumiu. Daí o povo entrou com esteiras e destocando e plantando soja, trigo e milho.²²⁹

As cenas contidas nas lembranças do senhor Adolfo colaboram na afirmação de sua existência. Ele recordou de uma dimensão de sua vivência junto com outros trabalhadores da hortelã e, ao mesmo tempo, destacou uma diferenciação entre sulinos, *mineiros* e *baianos*. Ao lado dos estranhamentos vividos, novas relações se colocavam, as quais são marcantes na narrativa, quando se precisava de muita mão-de-obra e por isso toda aquela movimentação,

²²⁸ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

²²⁹ Relato do senhor Adolfo Hobus, 68 anos, concedido em 17 de maio de 2008.

que se organizou e se reproduziu pelo sistema de arrendamento de terras, no qual o arrendatário entregava parte da produção ao proprietário. É neste sistema de produção que se empregavam trabalhadores meeiros, agregados ou mesmo diaristas. Categorias que se difundiram a partir de acordos feitos entre proprietários de terras e trabalhadores por intermédio da produção em escala comercial do óleo da hortelã.

Em algumas narrativas, as relações entre proprietários e não proprietários pareceu ser muito marcante. Conforme observei no relato do senhor Francisco, somente trabalhou: “*de arrendatário, eu trabalhei de a meia com o meu patrão. Eu só trabalhei de a meia. Quer dizer, se desse vinte quilos [de óleo], por exemplo, era dez quilos meu e dez quilos dele [patrão]*”.²³⁰ Demarcando as partes da produção, o senhor Francisco lembrou da quantia que entregava ao patrão, uma vez que “*só trabalhei de a meia*”.

Situações semelhantes temos percebido no relato do senhor Antoniel que, quando migrou para Guaíra, em 1970, trabalhou em terras arrendadas, conforme relatou: “*daí trabalhava em terras arrendadas. Eles também falavam de porcentagem, é que entregava as vezes trinta, quarenta por cento, essas partes variavam*”.²³¹ A atividade em terras alheias não seguia um modelo de organização de produção que deveria ser paga ao proprietário. A parte que cabia ao proprietário e ao arrendatário era decidida em acordos feitos entre ambos.

De acordo com o senhor Theobaldo, os sulinos necessitavam da mão-de-obra destes outros. Eles não conseguiam, apenas com a mão-de-obra familiar, desenvolver a produção agrícola. Por isso, “*existia muitas pessoas que moravam nas próprias terras dos donos das roças do hortelã*”.²³² É interessante notar que o trabalho nas propriedades era feito por intermédio das relações dos proprietários com outros trabalhadores. A narrativa do senhor Theobaldo ainda dilui a imagem autônoma dos proprietários, colocando-os na condição de dependência dos demais trabalhadores na produção. Em contrapartida, estes que, de certa forma, “moravam de favor”, eram quem derrubavam a mata, preparavam o terreno e cultivavam a hortelã.

Rosimar Dassi, em estudo sobre a atividade hortelaneira no plano socioeconômico do município de Palotina, observou que em áreas de 100 a 200 hectares o número de famílias chegava a 35, desenvolvendo as mais variadas atividades na lavoura e na produção. A quantidade de mão-de-obra, neste sentido, era considerável, pois as famílias eram bastante numerosas. Considerando as relações entre proprietário e arrendatário, Dassi observou:

²³⁰ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

²³¹ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

²³² Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

Os arrendatários deveriam pagar uma renda do produto obtido das terras, esta renda poderia ser em dinheiro ou em espécie, conforme o combinado. A porcentagem desta renda variava muito de caso para caso, conforme a participação do proprietário da terra na obtenção do produto, ela poderia variar de 10% a 70%.²³³

Com base nas narrativas acima e nos dados da pesquisa de Dassi, é possível perceber que as relações entre arrendatários e proprietários variavam quando se tratava da renda da terra. É considerável o fato de que o cultivo da hortelã colaborou no plano dos empreendimentos comerciais. Era na cidade que os trabalhadores faziam suas “trocas” comerciais, a compra de alimentos e outros produtos necessários no cotidiano. Nessas relações comerciais é que as cidades ou vilas foram vistas como lugar-movimento, conforme narrou o senhor Adolfo acima: “*tinha dezesseis táxis aqui na vila*”. O processo intenso de migração contribuiu para transformar a região o tempo todo:

Ainda daquelas mercearias da época, da época do hortelã, ainda hoje existem algumas também ainda. Sempre ainda existem. Então sei lá como é que a gente chama aquela, se era uma era assim de ouro igual era aquela borracha na Amazônia. Ou se era um fracasso para bem ou para o mal, eu até nem posso dizer. Mas era interessante porque havia bastante comércio assim pelo menos ônibus, táxis, muito serviço, muito trabalho para levar pessoal até no interior, do interior para cidade e de todo jeito tinha bastante comércio na época.²³⁴

Mais uma vez o espaço-movimento surge relacionado com aquele ambiente social das transformações ocorridas. Restitui-se, assim, “uma memória que acompanha as mudanças e também resiste às mudanças”.²³⁵ Essa movimentação resulta da chegada dos migrantes que vieram para o Oeste do Paraná como uma possibilidade de melhores condições de vida. Todavia, a narrativa demonstrou uma dimensão positivada destes trabalhadores. Uma vez que é a partir da presença dos mesmos, nas suas relações e dinâmicas sociais, que se desenvolve o comércio na época, isto é, nas décadas de 1960 e 1970. Então, como lembrou o senhor Theobaldo: “*não sei se era uma era de ouro ou se era um fracasso*”. Toda essa movimentação que lembrou o confundiu. Ele não soube explicar o que foi aquele período de produção da hortelã, a qual a ele pareceu uma *era de ouro* que acabou. Aquela era uma época que tinha comércio, tinha trabalho, tinha bastante gente, mas acabou. Novamente de acordo

²³³ DASSI, Rosimar. **Influências da produção de hortelã na capitalização do pioneiro palotinese, 1965/75**. Toledo, 1992. Trabalho acadêmico (TCC) - Ciências Econômicas, Faculdade Arnaldo Bussato, p. 16.

²³⁴ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

²³⁵ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, 15, 1997, p. 33.

com o senhor Adolfo: “*quando acabou a hortelã tudo isso foi embora, isso sumiu tudo assim. Sumiu*”.²³⁶

O senhor Adolfo pareceu não dimensionar aquele processo de exclusão quando encerraram as atividades ligadas à hortelã. Eles simplesmente “sumiram”. Dialogando ainda com o fragmento das lembranças do senhor Theobaldo, observei que, desta vez, os “outros” não foram estigmatizados, pois as relações comerciais causaram uma interdependência entre os grupos. Estas relações podem ser compreendidas a partir do que advertiram Elias e Scotson: “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”.²³⁷

As diferenças observadas não devem, simplesmente, ser enquadradas nas características “*estabelecidos-outsiders*”, mas algumas relações podem ser preestabelecidas na figuração de poder a partir de estigmatizações: estar bem instalado ou de passagem, ser excluído ou fazer parte do grupo, ou ainda quando “*a vila escureceu*”. São representações formuladas no bojo das relações sociais de poder. As posições de poder são tomadas em algumas narrativas, como na do senhor Theobaldo, que ressaltou que os hortelaneiros estiveram simplesmente de passagem:

Eles chegavam e não sabiam nem, eles eram assim, não sei se amanhã eu estou aqui ou estou longe. E também a maioria não se preocupava em fazer uma economia ou talvez assim prosperar um pouco na vida também, não se preocupavam também nessa área. Era assim acho que era um pessoal que já era desse tipo de vida assim.²³⁸

A leitura feita pelo senhor Theobaldo sobre aquelas relações sociais denota um sentido compartilhado dos viveres destes outros para afirmar uma alteridade num lugar que pareceu se colocar numa posição privilegiada no convívio social. Falar que estes “outros” estavam simplesmente de passagem é uma maneira de negar a presença dos mesmos enquanto portadores de historicidade e de afirmar a propriedade das atividades, bem como dos modos de viver e trabalhar. As relações de poder, desse modo, se estabelecem numa inferiorização, a qual nega os modos de vida destes outros os colocando longe do seu grupo de pertencimento. Estar longe ou perto, hoje aqui e amanhã não sei onde, fazer uma economia e prosperar um pouco na vida são maneiras de um grupo ver, de acordo com Elias e Scotson, o “*seu poder superior como um valor humano mais elevado*”.²³⁹ As relações de forças são medidas pelo

²³⁶ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado

²³⁷ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Trad: Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 23.

²³⁸ Relato do senhor Theobaldo Augusto Frederico Mohr..., relato citado.

²³⁹ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**..., op. cit. p. 28.

status social, pois os trabalhadores *nortistas*, segundo o relato, “*era um pessoal que já era desse tipo de vida assim*”.

Os migrantes que vieram para as lavouras de hortelã eram temporários, não tinham a certeza de continuar na terra porque não tinham nenhum vínculo contratual de trabalho e nem a propriedade da terra. Por isso tornavam-se, muitas vezes, itinerantes. Entendo que foi nesta interpretação que o senhor Theobaldo lembrou acima: “*eles chegavam e não sabiam nem, eles eram assim, não sei se amanhã eu estou aqui ou estou longe*”. A diferença é marcada por uma expectativa da migração que coloca muitas vezes em conflito proprietários e não-proprietários.

As diferenças sócio-culturais são marcadas pelas próprias expectativas e possibilidades de pertença dos migrantes. De acordo também com as lembranças do senhor Gilson José, as habitações desses trabalhadores eram provisórias.

[Essas] famílias moravam em casas de madeira, bastante rústicas, com tabuas rústicas. Caibros de pé-direito feito de madeiras roliça, coberto com telhas de madeiras, feitas com lascas de tronco de coqueiro que eram pregadas umas sobre as outras. O assoalho era de chão batido, praticamente argila. A mobília deles era também bastante rústica, pouca mobília, somente tinham o necessário.²⁴⁰

As expressões de *passagem* e o fato de morar em casas *provisórias* frisa uma marcação narrativa quando o entrevistado toma estas lembranças como marco em sua memória para falar sobre as plantações de hortelã. As casas com pouca mobília, assoalho de chão batido e telhas de madeira são lembranças tomadas pelos migrantes do Sul do Brasil para se reportar às condições de vivência dos hortelaneiros vindos de outras regiões. Casas e modos de vida rústicos impregnam um sentido de pertencimento dos *nortistas*, *mineiros* ou *baianos* a condições subalternas naquelas vivências cotidianas.

Nas considerações de Regina Beatriz Guimarães Neto, em seu estudo sobre a Amazônia, a pobreza faz com que os sujeitos migrem de um lugar a outro. São homens e mulheres que, contando apenas com a sua força de trabalho, se inscrevem em trajetórias em que a Amazônia apresenta-se enquanto uma paisagem sedutora que irá prover todas as necessidades para melhorar as condições de vida. Nestas observações, os trabalhadores:

Mudam constantemente de atividade: das lavouras para extração do ouro e diamante ou para as derrubadas de floresta, e mesmo para as grandes fazendas e projetos industriais, num movimento oscilante. Acabam por

²⁴⁰ Relato do senhor Gilson José Philippsen..., relato citado.

formar uma força de trabalho disponível que se desloca de uma área a outra, sempre à procura de novas terras e trabalho.²⁴¹

Os trabalhadores migrantes fazem parte de grupos sociais que se movem entre cidades, estados ou regiões. Avassalados quase sempre pela pobreza, transitam de lugar a lugar. Muitas vezes perdem/reelaboram suas referências sociais de pertencimento ao grupo, interagindo com outros campos sociais por se tornarem *nômades*.²⁴² O que impressiona é o fato destes migrantes atuarem num determinado período histórico e suas memórias permanecerem, grosso modo, silenciadas pelos estudos de órgãos oficiais e acadêmicos. Na emergência dessa trama, segue-se um modelo institucional de desenvolvimento apresentando o trabalhador como uma força “necessária”, porém perigosa, que necessita de controle e exclusão.²⁴³

As lembranças sobre o período hortelaneiro continuam pulsando neste meio e isto me instigou. Ao interrogar as lembranças (que para alguns entrevistados o plantio de hortelã constituiu-se numa “luta”, para outros, o período foi definido como “*bom*”), elas por vezes se colocam em um terreno sem a explicação plausível, numa fronteira entre a definição do bom e do ruim. Outra vez o senhor Geraldo auxilia a discussão:

Então, naquela época, eu acho que o hortelã era muito bom. O pessoal lidar com ele era muito bom, só que era frio. Tinha muita gente que não se dava muito. Mais eu, eu lidei bastantes anos e nunca deu uma coisa em mim. Eu achava muito bom, era muito divertido, tinha bastante gente. Para você cortar, vamos supor assim um salamim [medida da lavoura utilizada pelos hortelaneiros]. Um salamim é vinte e cinco por cinquenta e cinco! Um salamim. Então dava um quadro assim, dava mais ou menos uma meia quarta, assim [área de terra]. Então, ali eu cortava aquela época com a enxada, uma enxada grande, bem larga assim. E daí foi e inventaram aquelas gadanhas [ferramenta]. Aquelas gadanhas grandes assim para cortar. Antigamente, eu não cortava mais nem meio, nem meio salamim por causa que não era, com a enxada não era bem treinado. Aí depois que eles compraram aquelas gadanhas daí eu já cortava às vezes um, dois, até três salamim por dia, só que daí eu não rastelava, tinha que rastelar, fazer aqueles montinhos pro caminhão ou mesmo a carroça passar no meio carregando.²⁴⁴

É interessante ressaltar como o mesmo atuou para dar visibilidade aos modos de trabalhar com a hortelã. Permeada por diversos sentidos, a narrativa procurou dar conta de estranhamentos vividos no cotidiano de trabalho. A sensação física de friagem provocada pela hortelã foi ressaltada como uma dificuldade, uma insalubridade que desabilitava a

²⁴¹ GUIMARÃES NETO. Regina B. Vira mundo, vira mundo: trajetórias nômades. As cidades na Amazônia. **Projeto História**. São Paulo: Editora da PUC, v. 27, 2003, p. 60.

²⁴² Idem, p. 61.

²⁴³ Idem, p. 69.

²⁴⁴ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

continuidade da atividade, principalmente no processo de destilação da planta nos alambiques. Para o senhor Geraldo isso foi algo superado, pois, com certa entonação, afirmou: “*eu lidei bastante anos e nunca deu uma coisa em mim*”. Mediado pelas relações com os demais, a sensação ou frio parece ter se tornado insignificante: “*eu achava muito bom, era muito divertido, tinha bastante gente*”.

Uma lembrança bem próxima dessa do senhor Geraldo foi ressaltada por seu Dito, sobre o cuidado que deveria de se ter com o óleo da hortelã: “*que era um óleo, ele batia no corpo, ele era frio e depois começava a esquentar, aquilo esquentava muito. E incomodava onde ele caía. Então tinha que cuidar muito. Aquilo ficava tudo gelado o corpo*”.²⁴⁵ É revelador como imprimem imagens das experiências vivenciadas no trabalho com a hortelã. Aqui, denotou-se o cuidado que deveria de se ter com o próprio óleo. O produto resultante da produção não poderia entrar em contato com a pele, pois provocaria profundas sensações de frio, seguidas de queimaduras.

O relato do senhor Geraldo apresentou uma realidade exposta a múltiplas leituras. As técnicas para lidar com a hortelã foram paulatinamente aperfeiçoadas, e ele precisou aprender. Ressalta-se, então, que as lavouras de hortelã não se apresentaram como realidades dadas, mas como um processo que foi se constituindo com ou nas experiências deles próprios.

Na teia destas memórias, é pertinente observar as indagações que ficaram postas pelo senhor Geraldo no relato acima. O que seria o “*salamim*” sobre o qual relatou? No mesmo tom, ele próprio respondeu sem que houvesse uma indagação: “*então dava um quadro assim, dava mais ou menos uma quarta assim*”. A expressão *salamim* adquire significado particular para os hortelaneiros, pois imprime o signo de identificação deles próprios com esse tipo de atividade. O *salamim* era uma medida de dimensão retangular de área plantada com hortelã de 25 por 55 metros quadrados.²⁴⁶ Uma maneira de identificar a área que lhes cabia numa lavoura articulada à produtividade enquanto meeiro ou mesmo diarista.

Os modos de trabalhar com a hortelã levaram a outros estranhamentos, segundo o senhor Geraldo. Na medida em que foi atuando, as próprias ferramentas motivaram dificuldades. Primeiro, utilizava-se da enxada para cortar a hortelã: “*eu não cortava mais nem meio, nem meio salamim*”. Realçou que seu rendimento na produtividade era baixo. Depois, com a utilização de outras ferramentas, como as gadanhas, a produtividade recolocou-se notória. As lembranças reforçaram esse processo em virtude do melhoramento das técnicas de

²⁴⁵ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

²⁴⁶ Segundo o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, 7ª ed. São Paulo, 1970, p. 275. *Salamim* ou *celamim*: antiga medida agrária que equivalia à décima sexta parte de um alqueire ou 1.512,5 m².

colheita da erva. Quando se passou a utilizar as gadanhas, “*cortava às vezes um, dois, até três salamim por dia*”. Com a nova ferramenta, o rendimento dobrara e com isso se tinha mais produtividade no trabalho.

As memórias sobre o período hortelaneiro, muitas vezes, dialogam com outras discordâncias sobre aquele *universo* de trabalho. As linhas contraditórias da memória podem se tornar desafiadoras para a pesquisa histórica. No movimento cotidiano das lavouras de hortelã, o senhor Geraldo narrou outros sentidos que lhe inquietavam:

Era sofrido, sofrido. Não, não era, quer dizer não era tão sofrido, o mais sofrido era mexer com o negócio da pipa, lambicar o hortelã. Mas, para você cortar lá no mato e carregar ela, não. Era uma coisa boa para fazer. O mais, que mais era divertido, que todo mundo trabalhava bastante e tinha dinheiro. Hoje você trabalha muito e não tem dinheiro, isso que é o problema.²⁴⁷

Nas experiências do cotidiano trilhado nas lavouras, ao mesmo tempo em que diz ser sofrido, também se opõe à própria lembrança dizendo que “*não era tão sofrido*”. Neste campo, todavia, se coloca um problema na intromissão ao passado, quando ao lidar com a memória se requer um aprendizado, o da interpretação. Na urdidura daquele cotidiano, as experiências são tecidas/interpretadas numa atualidade vivenciada de maneira ambígua. Nas dificuldades do presente parece diluírem-se os sofrimentos enfrentados na atividade: “*hoje você trabalha muito e não tem dinheiro, isso que é o problema*”.

O sofrimento foi relacionado a algo positivo para justificar uma realidade em que se trabalhou muito, e um futuro sem justificativas para melhorar as condições de vida que parecem ainda incertas. No conjunto de memórias, os entrevistados, muitas vezes, entram em conflito com as suas próprias lembranças. O passado foi reelaborado quando se buscava atribuir ao mesmo alguns significados. Esboçando os traços não temporais de sua experiência, mas o fragmentário, o senhor Francisco compartilhou lembranças conflitivas:

É bom. Meu Deus do céu [a hortelã] uma coisa boa! Aquilo haverá de voltar Gilson, haverá de voltar. Um troço muito cem por cento. Então eu lutei muito com aquilo. Lutei. Até hoje, se viesse, que eu estou velho eu tinha coragem de lutar ainda viu Gilson. Mas, só tem uma coisa, não tem domingo, não tem dia santo, não tem nada, compreendeu? E é uma luta boa. E eu lutava sozinho, quase sozinho, porque era muito menino [filhos] e a mulher tinha que zelar dos meninos e eu sozinho plantando. Então, a luta foi boa. E tem uma coisa, eu tenho saudades daquilo ainda, tenho saudades que é um serviço bom, igual o que eu estou te falando. E tem uma coisa da roçada até a derrubada, até plantar isso vai serviço. Mas que é bom, é.²⁴⁸

²⁴⁷ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

²⁴⁸ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

Tocado pelo exercício de uma reflexão ressentida e dialogando com a própria trajetória, o senhor Francisco uma vez mais se envolveu com o pesquisador em seu enredo, para atuar como força legitimadora de suas lembranças. A memória expressa um cotidiano que não é dado como acabado. Há nele uma imagem daquele passado que continua a interpelar o presente, pois novamente teria coragem de trabalhar com a hortelã. O senhor Francisco narrou o inaceitável e, se preciso, trabalharia outra vez com a hortelã. Para ele o trabalho com a hortelã tem significados de uma “luta” boa, uma vez que se sentia recompensado no exercício da atividade. Ele como hortelaneiro, de forma enfática relatou que sente saudade do trabalho com a hortelã, o que contrapõem ao relato de Dona Gladis quando afirmou não deixar saudade o tempo da hortelã. A diferença é demarcada por aquele que trabalhou como hortelaneiro/meeiro e quem somente recordou da atividade observando de fora. A memória, assim, reflete o campo da ação humana, quando a atividade hortelaneira foi relatada enquanto uma luta empreendida naqueles mundos o senhor Francisco também procurou demarcar a sua posição, em que, na atualidade, lhe incomoda a falta de trabalho.

Em suas interpelações, fez um pedido ao futuro incerto: *“aquilo haverá de voltar Gilson, haverá de voltar”*. Uma atividade para ele inacabada, presa nas teias de suas recordações, no plano de suas experiências o seu desejo é o de retorno. Sobre o mesmo sente saudade: *“eu tenho saudades daquilo ainda, tenho saudades que é um serviço bom, igual o que eu estou te falando”*.

Na amplitude de uma experiência articulada a um presente que lhe parece não fazer sentido, o senhor Francisco organizou uma imagem presente em sua memória ao relatar: *“era uma época bonita Gilson. Naquela época, no meio do hortelã, você podia plantar melancia, você podia plantar um milho ainda em algum trechinho. Aquela época tinha fartura e hoje o que é que tem?”*²⁴⁹ Intimando aquela dimensão vivida com fartura, o senhor Francisco recriou um quadro no qual aparece refletida a terra provedora de toda a existência. Uma terra própria ainda sonhada por ele. Assim, não dialoga somente com o passado vivido, mas também com o presente conflitivo, principalmente quando a falta de terra própria ainda se coloca. Desde quando chegou ao Paraná, em 1965, sempre trabalhou em terras alheias: *“era tudo terra dos outros”*. Hoje mora na cidade, é aposentado e sente necessidade de continuar mexendo na terra. Conforme o senhor Francisco:

É o tal negócio: se ganhasse uma posição da gente trabalhar mais e mais livre era melhor, né Gilson? Que do jeito que a gente está trabalhando, estou trabalhando emprensado. Que eu estou velho, que eu vou fazer sessenta e oito anos agora, no mês de agosto. Mas, tenho vontade aí de plantar três,

²⁴⁹ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

quatro alqueires de roça aí que eu aguento zelar, e não posso plantar que não tem terra.²⁵⁰

Ao narrar a necessidade de continuar na roça, o senhor Francisco parece reivindicar uma nova posição em relação ao que já vivera. Ele trabalhou toda sua vida e não conseguiu ser proprietário, reclamando ainda uma área de terras para plantar. Diante de uma situação extrema, viver na cidade pareceu sufocar as esperanças de continuar cultivando a terra. Um mundo restrito se impôs ao entrevistado. A dificuldade de viver em um meio que não é seu faz emergir um sentimento de não liberdade, de trabalhar “*emprensado*”, de trabalhar para os outros. Talvez, nesta alusão ressentida, a falta de liberdade seja um dos sentidos compartilhados por aqueles despossuídos. Num terreno conflituoso construiu uma imagem demarcadora do espaço de sua vivência. No presente, enquanto morador da cidade, fez uma avaliação na posição de arrendatário:

Ninguém arrenda. Então é por conta disso. É isso aí que eu te falo. Olha, eu não posso plantar uma melancia, não posso plantar um pé de milho, eu não posso plantar nada porque ninguém me dá terra para plantar. E naquela época do hortelã nós tinha mais ativa, mas tomaram tudo como igual eu estou te falando. Então, o problema é esse que eles tomaram para plantar soja, então agora cabe a posição que está aí.²⁵¹

Demarcando um chão tenso, a narrativa encaminhou-se para uma explicação de sua atual exclusão. Quando o senhor Francisco tinha condições físicas para trabalhar conseguia terras para plantar. Na atualidade, vê esvair-se a possibilidade de continuar cultivando a terra. Assim, observa-se o *desfazer-se* de um trabalhador. Na narrativa transpareceu o sentimento de alguém que não tem mais lugar no mundo em que vive. Sente-se excluído e porque foi excluído, não obtém os meios de produção para a atual atividade agrícola que é a monocultura da soja, maquinários e implementos agrícolas. Justificando a sua condição de não conseguir arrendar terras: “*então, o problema é esse que eles tomaram para plantar soja, então agora cabe a posição que está aí*”. Os conflitos existentes na sociedade foram percebidos nas relações de poder às quais são/estão submetidos. Quando não servem mais para o trabalho, estão de idade avançada, sentem-se excluídos daqueles mundos onde durante muito tempo apenas “serviram para trabalhar”.

Num diálogo articulado por sentidos próprios, o senhor Francisco expressou que desde quando chegou ao Paraná:

Aqui em Mercedes, ali na ponte indo para Bela Vista. Eu entrei ali, Gilson, ali na terra do Teobaldo Loffy. E esse tempo todo, eu entrei ali já derrubando

²⁵⁰ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

²⁵¹ Idem.

mato e plantando hortelã, e esse tempo todo, sabe quantos anos eu morei fora das terras do Teobaldo? Dois anos. Até hoje.²⁵²

A recordação do tempo de trabalho no Paraná apontou a temporalidade da sua chegada, na década de 1960. A experiência de trabalho do senhor Francisco sobre todos esses anos no Paraná foi tecida para um proprietário de terras da região. Somente dois anos, dos 43 que vive no Oeste, não trabalhou para este proprietário. Para além das formas que se processaram: *“eu trabalhava de a meia”*.²⁵³ Uma leitura do não reconhecimento pelo serviço prestado parece ficar ressentida.

Uma recomposição das trajetórias é expressa ao recordar do trabalho. Na articulação destas memórias, Ecléa Bosi tem observado: “não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção ‘é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais’”.²⁵⁴ O passado não é um tempo vazio. Ele está repleto de imagens ou representações ideológicas que interpelam a atualidade, como mencionou o senhor Francisco a respeito das lavouras de hortelã: *“aquilo haverá de voltar, Gilson, haverá de voltar”*. Ao lembrar daquele momento foi este o apelo de um retorno do cotidiano, que interpretou como tendo sido bom.

As memórias destes estranhamentos e tensões forjadas no mundo do trabalho, na alusão de um passado/presente, dão visibilidade ao espaço de sujeitos reais. Estes significam suas maneiras de serem e estarem vivendo num lugar repleto de desigualdades sociais. Todavia, a monocultura da soja, que passou a ser cultivada com a extinção das lavouras de hortelã, apresenta uma terra desnuda de gente, onde quase tudo é feito de forma mecânica.

No ladrilhar das lembranças, seu Dito também se fez conhecedor destas contradições sociais, as quais imprimiu sentidos de que: *“agora só fica mais os fazendeiros e os aposentados vão ficar por aqui, porque serviço não existe mais que é tudo na base do veneno, essas coisas”*.²⁵⁵ Em sua leitura, seu Dito atribui significados à dinâmica social. A exclusão daqueles que não têm mais serventia, ou mesmo dos mais jovens que não conseguem uma posição no campo, assume uma dimensão significativa para ele. A narrativa ganhou tal dimensão pelo fato dos mais jovens precisarem deixar o campo à procura de trabalho em outros locais, como por exemplo, as filhas terem que ir para Santa Catarina para conseguirem emprego. Em sua reiteração: *“eu sei que cada vez vai modificando mais, que*

²⁵² Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

²⁵³ Idem.

²⁵⁴ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 20.

²⁵⁵ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

vão ficando os grandes e os pequenos são obrigados a se retirarem. Os que podem. E os que não podem?”²⁵⁶ Configurando sentidos próprios na participação deste processo de exclusão, interpretou, a partir de sua experiência, a necessidade de muitos procurarem outros lugares. Os mundos do trabalho parecem diluírem-se com as mudanças que vão ocorrendo, as quais podem ser entendidas como o uso de novas técnicas utilizadas nas lavouras ou na própria saída de grande parte da população, que faz falta ao mundo social do entrevistado.

Interessante notar que seu Dito indagou sobre aquelas relações: “*e os que não podem*” se retirar? Em um ato repentino, buscou estabelecer a identificação de disputas sociais ocorridas. As relações vão se operando no campo das resistências e os mesmos, como no caso de seu Dito, são “obrigados a se sujeitar pela ausência de horizontes sociais alternativos”.²⁵⁷ Os proprietários conseguem manter-se na terra enquanto os demais trabalhadores ou pequenos proprietários necessitam buscar outros lugares em itinerâncias que se repetem, como o senhor Francisco que, saído do campo, teve de ir para a cidade. Como bem destacou José de Souza Martins: “há os que vão embora pra sempre, pra nunca mais. Pra esses Severinos e Marias a estrada não tem volta: ou a mata lá longe ou a favela. Mas há os que vão se acabando aos poucos”.²⁵⁸ Numa luta muitas vezes desesperada nas cidades, em outros estados ou no Paraguai, a itinerância é a busca de um lugar que continua incerto.

Por diversas vezes seu Dito exaltou a sua localidade, Arroio Guaçu. Isso transpareceu porque aquele é o seu mundo, mas o que quero pontuar é o fato de exaltar a época das lavouras de hortelã como um período muito movimentado. A configuração social trazida pelos trabalhadores que frequentavam a pequena vila foi matizada em suas lembranças:

Durante o final de semana se tornava bem forte porque todo mundo ia lá e pagava as dívidas que devia e já fazia compra e tudo. Já comprava outra vez. Que os armazém se viravam muito bem, ia na loja não precisava correr longe, ia ali mesmo. Fazia compra de roupa e tudo ali.²⁵⁹

A vivência naquele espaço é construída como uma imagem de aceitação ou recusa de um condicionamento social. Esse lugar social narrado pode ser entendido enquanto “laço psicológico do homem com o espaço”.²⁶⁰ Cumpre destacar que, na narrativa de seu Dito, o tempo de antes se tornou uma referência. Ele concedeu sentido à sua existência rememorando e interpretando suas vivências, que surgiram resignificadas. De outro modo, um sentimento

²⁵⁶ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

²⁵⁷ THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 40.

²⁵⁸ MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão...**, op. cit. p. 10.

²⁵⁹ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

²⁶⁰ FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido...**, op. cit. p. 109.

presente na narrativa é o da perda. Com o fim da hortelã e com a diminuição da população, as casas comerciais tiveram de fechar por não terem tantos fregueses. A recordação da experiência apresenta uma leitura do passado: “[e] se descobrem as imagens mais significativas do ponto de vista das pessoas que passaram pela experiência dos primeiros tempos, relacionada a acontecimentos comuns e mesmo inusitados, que os relatos orais retransmitem ou (re)apresentam, para constituir um passado/presente da comunidade”.²⁶¹ A experiência-memória de um tempo partilhado e múltiplo resignifica aquele espaço.

As lembranças da movimentação nas localidades, ou pequenos povoados, parecem fundamentais quando os entrevistados narram sobre o período hortelaneiro. Ao dialogar com as recordações compartilhadas pelo senhor Antoniel, este se referiu ao período em que vivera na localidade de Salamanca, interior de Guaíra, onde residiu de 1971 a 1995, mensurando um viver cotidiano que está para além das atividades nas lavouras:

Ali era só hortelã, puro, puro hortelã. Então, tinha muitas famílias que moravam ali. Ali vinham circos de... Aqueles circos que vem assim nas cidades, vinham e ficavam ali semanas e semanas. Quando uma saía vinha outros. Vinham aqueles cantores: Léo Canhoto e Robertinho e vieram outros... Eu não me lembro mais, eram vários cantores que tinham lá, que vieram. Daí foi acabando o hortelã e o pessoal foi indo embora para São Paulo, Curitiba e outros lugares.²⁶²

As lembranças do senhor Antoniel se reportam a outra dimensão da realidade que até o momento não havia se apresentado à pesquisa. A época em que ocorreu a produção de hortelã, o ambiente social e de trabalho também esteve imbricado com os espaços de práticas lúdicas. O circo surgiu como um momento de recreação, de diversão para os trabalhadores e suas famílias. Isso denota que os pequenos povoados e vilas tiveram um número elevado de população, como ressaltou o senhor Antoniel: *“tinha muitas famílias que moravam ali”*. Conforme expresso pelo entrevistado, até mesmo duplas caipiras se apresentavam nestes espaços, como foi o caso de Léo Canhoto e Robertinho, dupla que na época era consagrada no gênero musical de moda de viola.

O circo apresentava os artistas *errantes* que iam de um lugar a outro se apresentar ao público. Eles provocavam uma mudança social no cotidiano pelo divertimento e entretenimento da população que assistia ao espetáculo. Analisando matérias jornalísticas propagadas pela Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon, Rosimeri Ruppenthal

²⁶¹ GUIMARÃES NETO, Regina B. “Personagens e memórias. Territórios de ocupação recente na Amazônia”. In: CHALHOUN, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Histórias em Cousas Miúdas**. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p. 07.

²⁶² Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

observou que as duplas caipiras acompanhavam o circo.²⁶³ Assim, torna-se notável que a presença do circo na memória das pessoas, como fora relatado pelo senhor Antoniel, distingue-se de uma perspectiva histórica. Em Marechal Cândido Rondon, “a presença do circo como elemento constitutivo desse cotidiano”²⁶⁴ fragmentou uma visão idílica que se tinha dos sujeitos estarem somente voltados ao trabalho. O cotidiano, assim narrado, apresentou uma realidade que transcendia o espaço de trabalho e que ficou inscrito na dinamicidade daquelas relações cotidianas.

De outro modo, as recordações, por vezes, foram impregnadas de contradições e ambiguidades, rompendo as linhas do tempo para se fazerem presentes. O senhor José Honorato Alves, que migrou com a esposa e filhos de Imaruí, Santa Catarina, em 1969, para o atual município de Mercedes, também viveu tais conflitos. Não possuindo terra própria, procurou terras para arrendar e a proposta que lhe fizeram foi de plantar hortelã. Ele rememorou:

Com aquela proposta de arrendar terras, eu digo vamos fazer já o negócio, aí nós fizemos. Então, pra mais de dois anos, seria o tempo que o hortelã saísse. Eu cheguei em casa e falei pra mulher. Aí ela me disse assim: que coisa, os outros plantam milho, mantimentos pra comer e nós vamos plantar mato? Eu digo, pois é mulher, vamos experimentar. Aí nós começamos com o hortelã, mas assim meio descorçoado, meio desanimado, assim foi nossa lida, primeira viagem [safra] que nós fizemos com o hortelã saiu mal.²⁶⁵

O próprio trabalho nas lavouras de hortelã foi um estranhamento vivido pelo senhor José. O ensejo por melhores condições de vida fizera com que migrassem. Num movimento de dar sentido à sua experiência, o relato delineia a questão de tomar o cultivo da hortelã como um aprendizado. Foi uma possibilidade de trabalho que aceitara num chão tenso que estava posto. Até mesmo sua esposa lhe indagou: “*e nós vamos plantar mato?*”. O que era estranho para o senhor José agora foi compartilhado com a esposa. A planta, que para eles era conhecida como “mato”, para outros era uma fonte de renda. Trabalhar com a hortelã, para o senhor José, também foi um processo de aprendizagem: “*a gente não sabia, não conhecia da lavoura, só tinha ouvido os outros falar, a gente esperava muito e deu pouco. Mas, a gente trabalhava com fé em Deus e em Nossa Senhora também e fomos lutando, fomos lutando*”.²⁶⁶ Na jornada de trabalho enfrentada pelo senhor José e família, a hortelã tornou-se um caminho

²⁶³ RUPPENTHAL, Rosimeri S. **Análise sobre a memória circense**. Marechal Cândido Rondon, 2003. Monografia de conclusão de curso em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, p. 18.

²⁶⁴ Idem, p. 16.

²⁶⁵ Relato do senhor José Honorato Alves..., relato citado.

²⁶⁶ Idem.

trilhado com persistência. Dialogando ainda com a sua narrativa, expressou suas experiências nas lavouras de hortelã. Mesmo com muitas dificuldades, manteve-se nestas relações de trabalho, com a aquisição de um alambique para a destilação da hortelã. Nas lembranças daquele processo:

Compramos o alambique, aí nós começamos a trabalhar. O negócio já ficou melhor. Nós fomos trabalhando, fomos trabalhando, só que nós não trabalhava, vamos supor, assim, sete dias por semana, nós trabalhava quatorze dias por semana porque nós virava dia e noite, porque nós tinha uma base de uns três alqueires, o patrão tinha uma base de uns dois alqueires e nós tinha uns, mais trinta alqueires por fora que nós lambicava pra eles. No grosso da safra, nós trabalhava dia e noite. E à noite eu deitava, às vezes, às quatro horas da manhã e antes do dia clarear eu já saía da cama pra atender os fregueses pra lambicar. Assim foi nossa luta e graças a Deus tudo que nós temos aqui [casa], como tu tais vendo, foi na base do hortelã. Então, portanto, quando se fala hoje em dia o hortelã, eu deveria de pôr minha mão para o céu e tirar o meu chapéu da cabeça, sinal assim de agradecimento a Deus por ele ter dado pra nós o que nós temos hoje em dia aqui. Foi tudo na base do hortelã, trabalhando assim de empregado que nós conseguimos chegar onde nós estamos hoje.²⁶⁷

O senhor José desenrolou os fios da memória e narrou a dura jornada de trabalho de tal forma que transpareceu a mão-de-obra exigida no processo de alambicagem da hortelã: “*nós trabalhava quatorze dias por semana porque nós virava dia e noite*”. Durante o período da colheita, a atividade tornava-se mais pesada: era necessário aproveitar o momento de florescimento da hortelã e, com vários alqueires, fazer a destilação durante o dia e a noite. Sobre a colheita da hortelã, foi escrito no jornal Informativo Copagril:

A Menta apresenta sua maior riqueza em óleo na fase do florescimento. É nessa fase, entre início e o final do florescimento, que deve ser colhida, deverá ser colhida até os 15 dias após o início do florescimento. Um atraso na colheita acarretaria perdas de até 100% em função das quedas das folhas, ou perda fisiológica de até 10%.²⁶⁸

Para obter um bom rendimento era necessário respeitar o tempo da produção, que ocorria durante o período de florescimento da planta. Respeitando tal ritmo: “*no grosso da safra, nós trabalhava dia e noite*”. Nesta perspectiva, as relações com a paisagem social também ficaram postas, pois o alambique atendia a vários proprietários de lavouras de hortelã do entorno e era preciso aproveitar o momento do *florescimento*. O alambique servia também para uma espécie de locação. O trabalho atendia a vários proprietários ou trabalhadores que possuíam lavouras que deveriam ser destiladas. Nas considerações do senhor Antoniel:

²⁶⁷ Relato do senhor José Honorato Alves..., relato citado.

²⁶⁸ Cultura da menta. **Informativo Copagril**. Marechal Cândido Rondon, novembro de 1977, nº 14, p. 11. Acervo do Centro de Pesquisa da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon.

*“nessa época de colheita dormia pouco, que no outro dia tinha que trabalhar de novo para conseguir cortar tudo”.*²⁶⁹

Trabalhar muito, dormir pouco. Referências narradas do trabalho pesado desenvolvido no período hortelaneiro que se justificam pelas recordações como uma “luta boa”. As lavouras de hortelã parecem ter exigido muito trabalho. Com exclusividade, os donos de alambiques acumulavam uma renda a mais. Ter um alambique “representava uma fonte alternativa de rendas, pois a alambicagem para extração de óleo era necessária e quem fosse dono desse meio de produção tinha condições de aumentar a sua renda, cobrando em óleo pelo uso de seu alambique”.²⁷⁰

Tratam-se de relações vividas que lhes causaram estranhamentos naquele mundo, uma vez que, a atividade das lavouras de hortelã ocorrera exclusivamente com características artesanais. No processamento da atividade, apresentou-se a exigência de considerável mão-de-obra em todas as etapas da produção: desde a preparação do terreno, o cultivo até o processo de destilação da rama para a obtenção do óleo.

Na interpretação das narrativas, observo que a paisagem social modificou-se com a presença de outros sujeitos, muitos chegados de fora e sem os padrões culturais exigidos pela colonizadora. Aos migrados de outras regiões, que encontraram no Oeste do Paraná uma possibilidade de trabalho, os estranhamentos enfrentados foram as próprias *lutas* na lida com a hortelã. Os enfrentamentos constituíram-se em um aprendizado da atividade agrícola desconhecida. As trajetórias e experiências narradas afirmaram transformações, nas quais os sujeitos se colocaram como protagonistas de suas próprias histórias nessa região de fronteira, a qual experimentou mudanças na paisagem social com a chegada de “outros”, de diferentes lugares, bem como também se tem uma transformação ambiental da região quando a mata foi devastada para dar lugar às próprias lavouras de hortelã.

²⁶⁹ Relato do senhor Antoniel Matos dos Santos..., relato citado.

²⁷⁰ BOEIRA, Cláudia Cristina. **A cultura da hortelã na colonização de Palotina...**, op. cit. p. 30.

CAPÍTULO III

AS PLANTAÇÕES DE HORTELÃ E AS MEMÓRIAS DA DEVASTAÇÃO NO OESTE DO PARANÁ

*“Hoje você não bebe uma água boa, a água é toda contaminada”.*²⁷¹

Quando reuni estas narrativas emergidas de trajetórias cotidianas que se inscrevem numa coletividade, procurei assinalar muito além de singularidades das transformações de uma paisagem de reprodução socioeconômica. Os entrevistados, pela força narrativa, apresentaram-se como agentes atuantes na transformação do meio ambiente no período hortelaneiro. Na interpretação de suas lembranças e experiências procurei compreender a dimensão histórica posta na relação do homem com a natureza. Esta interpretação percebo como um campo de possibilidades investigativas que partem não somente de mim enquanto pesquisador, mas como lembrou Marina Maluf, partem também do “indivíduo memorizador [o qual] constrói paisagens e imagens que são verdadeiros campos de significado para o lembrado”.²⁷²

As recordações a floradas sobre o passado da fronteira de ocupação do Oeste do Paraná, em que o cotidiano foi apresentado, muitas vezes, de maneira nostálgica, revelaram imagens vinculadas ao processo de exploração dos recursos naturais. Na busca por melhores condições sociais de subsistência e de existência, seus agentes praticaram a derrubada da mata e a exploração da terra, evidenciando, inclusive, tensões diversas nas relações de trabalho. As plantações de hortelã, na ocupação da região, estiveram articuladas a um conjunto de atividades perpassadas por relações e conflitos sociais.

A reprodução destas relações na ambiência de fronteira esteve voltada para a atividade exploratória numa frente de expansão, conforme ponderou José de Souza Martins,²⁷³ que tem em primeiro plano a “conquista” da terra destinada às atividades agrícolas. Terra esta que deveria possibilitar a manutenção socioeconômica aos sujeitos que a estavam explorando e que, *a priori*, nunca seria esgotada em suas riquezas naturais.

²⁷¹ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

²⁷² MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 70.

²⁷³ MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: HUCITEC, 1997. Em seu estudo da frente de expansão territorial sobre a região amazônica, na degradação do outro que é subjugado e explorado, o autor observou a fronteira como o lugar da alteridade provocado pelo encontro de diferentes culturas em diferentes tempos onde as disputas socioculturais redefinem o território amazônico continuamente.

Para efetuar a produção hortelaneira, os agentes envolvidos necessitaram processar os espaços destinados às futuras lavouras, como recordou o senhor José Alves: *“era preciso limpar a roça porque para o hortelã era melhor ter uma terra bem preparada”*.²⁷⁴ Observei no relato que uma das principais características assumidas pelas plantações de hortelã era a preparação do solo, contando então com a derrubada da mata e a limpeza do terreno. Supostamente, ter uma terra “bem preparada” facilitaria também lidar com o plantio de hortelã, até a colheita, quando o corte da planta era feito manualmente com gadanhas.

Tais características ajudam-me a pensar a fronteira do Oeste do Paraná, que por muito tempo foi vista como de possibilidades ilimitadas para uns e, para outros, possibilidades concretas de acesso à terra. Uma fronteira que é ao mesmo tempo o lugar onde transitam, circulam e se movimentam agentes diversos em suas dinâmicas sociais. Enfim, este é um lugar que pode ser pensado enquanto fronteira, que assume um campo de dinâmicas vivas. Espaço onde sujeitos experimentam suas relações, recriando-as, muitas vezes, nas disputas e tensões das relações subalternas de trabalho, que acabam alterando profundamente o meio ambiente. Para Martins:

É isso que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História.²⁷⁵

A história de uma fronteira deve ser vista como produto das relações dos homens com o meio que o cerca. Também é uma história de mudanças, transformações e devastação, imbuídas pela sanha de descoberta de outros lugares. Nesta fronteira, se observa o encontro com o lugar diferente, com a mata e a terra fértil a ser explorada e, sobretudo, onde se tensionam as alteridades definidas a partir de relações visualizadas nas configurações socioespaciais no período estudado.

As lembranças articuladas às indagações sobre o cotidiano de exploração, em que de modo algum o meio ambiente fora conservado, denotam preocupações com as ações do homem neste espaço. Nele, também se deu a construção de representações sobre as tensões derivadas, mostrando diferentes modos de interpretar o lugar habitado e suas transformações.

²⁷⁴ Relato do senhor José Honorato Alves..., relato citado.

²⁷⁵ MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano..., op. cit. p. 150-151.

Atento à temporalidade histórica presente nos relatos, dialogarei com a narrativa de Dona Gladis, que ao ser indagada para relatar suas impressões da Mercedes de sua infância, recordou:

Então, o que eu posso dizer é que eu conheci Mercedes quando era ainda completamente floresta. Quando a gente ainda achava que, poxa vida, se tivesse um pouquinho menos de mato ficaria de repente então mais bonito. Só que quando depois começaram toda, quando começou a ser ceifado tudo o que tinha de verde, todas as matas, e árvore por árvore caindo. Aí a gente se tocou, a gente chegou numa situação que parece tinham arrancado as coisas da gente ou um pedaço da gente.²⁷⁶

Sua fala emergiu articulada a um espaço transformado, assumindo primeiro o desejo de devastação e, em seguida, de arrependimento. No redesenho da fronteira, a narrativa de Dona Gladis fez submergir um desejo inicial incontido de destruir a floresta para deixar o lugar “*mais bonito*”. A visão reelaborada acerca do desejo pareceu não se conformar à medida que se constituiu uma sensação de arrependimento. Ela recordou uma Mercedes “*ainda completamente floresta*”, restituindo uma paisagem em que fora “*ceifado tudo o que tinha de verde*”. A destruição daquele ambiente pareceu ter sensibilizado a narradora somente no momento em que sentiu ter “*arrancado as coisas da gente ou um pedaço da gente*”.

Para a entrevistada, o vazio se fez sentir, afirmando haver uma unidade entre o homem e a natureza, principalmente quando percebeu a perda daquelas matas verdejantes. Observações muito próximas foram proferidas por Antonio Diegues sobre a relação do homem com o meio ambiente ao destacar que: “o homem está dentro da natureza, e essa realidade não pode ser abolida. Ela não é um meio exterior ao qual o homem se adapta. O homem é natureza, e a natureza, seu mundo”.²⁷⁷

O percurso das transformações sofridas por aquela paisagem tematizam a lembrança de Dona Gladis. O seu presente constitui-se repleto de imagens da infância, quando vivenciou o processo de modificação de Mercedes. Estas imagens, ela procurou apresentá-las enquanto arte na prática da evocação de uma memória do ausente. No poema de sua autoria, redesenhou a ação humana na transformação de uma paisagem vista e vivida:

Banhado
Terra branca
Mancha serena e clara
Às vezes lagoa
Com bicos aéreos de patos selvagens
De quero-queros

²⁷⁶ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

²⁷⁷ DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2000, p. 48.

Às vezes arroz
 Trazendo alimentos.
 Um oásis
 Dos povos indígenas
 Da orquestra de pássaros
 Sapos e grilos
 Hoje é boca seca
 Uma garganta escoia a água
 E a cidade beija as encostas
 Dessa mancha branca de terra.²⁷⁸

Um campo de recordações se desenha quando, pela atividade exploratória, o homem modificou não apenas o meio, mas o seu mundo de relações. Uma paisagem que foi vista, vivida e transformada, todavia tornou-se memória. Uma memória que foi materializada pelo poema. Este campo transformado, nas considerações de Frémont sobre a interpretação das ações do homem: “surge assim como uma criação humana com dimensões mais ou menos fixas, formas próprias, marcas de propriedade, cercas ou limites não materializados, sulcos, alinhamentos, a terra trabalhada todos os anos, as plantas cultivadas...”.²⁷⁹

O campo de recordação ilustrado pela memória é o lugar da atividade humana. Uma memória que materializa um lugar significado por uma paisagem local. Um campo transformado, transmutado, assume a ordem da recriação de uma paisagem. Uma arte-memória do espaço. Na dinamicidade do fôlego narrativo, esta prática provocou a recriação de uma fronteira com a natureza, a partir de uma situação histórica que representava um desejo na expansão territorial para a produção agrícola. Dona Gladis mostrou sua percepção daquelas transformações:

Quando eu vi, quando eu já tinha uns quatorze anos, quando eu vi tudo sendo devastado. Apenas pegaram-se máquinas e simplesmente arrancaram tudo em pouco tempo. Tinham aquelas que chamavam de destocadeiras e faziam as destocas e arrancavam árvores inteiras. Então foi uma época triste.²⁸⁰

As lembranças nesta senda interpretativa recolocam esse tempo de destruição, afirmando o que estava presente na cena: “*eu vi*”. Afirmando a estranheza das mudanças sofridas por aquele espaço e imprimindo significações tarimbadas numa temporalidade datada, as recordações da entrevistada desenharam um quadro da natureza, que foi paulatinamente extirpada. Um quadro composto desde a sua infância e adolescência, que ficou emoldurado na lembrança ao recriar aquele processo. No ato da recordação fez surgir

²⁷⁸ Poema de autoria de Dona Gladis Elfi Mohr, mimeo., maio de 2000.

²⁷⁹ FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra, Livraria Almedina, 1980, p. 133.

²⁸⁰ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

uma paisagem carregada de significados próprios, quando as máquinas se misturaram à paisagem da floresta, transformando o espaço para a constituição do futuro tido como incerto. O tempo que foi posto na narrativa não é um tempo vazio, mas carregado de sentidos vividos desde a infância. Sentidos estes que são interpretados a partir de uma conexão da infância com a vida adulta, recriados pelo lembrar. Sobre essa dimensão da interpretação, Simon Schama considerou:

E, se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõem-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas.²⁸¹

As memórias constituem-se em imagens que podem ser compreendidas como obras da mente. O ronco das máquinas que modificaram a paisagem, vista e elaborada a partir de uma experiência de criança, retorna no lembrar aquele período. Uma paisagem que configurou suas lembranças, pois ela está projetada numa transtemporalidade, conforme Milton Santos, “juntando objetos passados e presente, [n]uma construção transversal”²⁸², que recria aquele ambiente visto e vivido, o qual passa a coexistir no momento atual. Na elaboração deste universo de transformações, a paisagem pode ser entendida quando, de acordo com Frémont: “suas formas constituem um universo de signos de criação coletiva, produto mas também obra, imagem criada, recriada e recebida. Ela é, nas suas múltiplas facetas de reflexos infiéis, o espelho do mundo”.²⁸³

Dona Gladis narrou um espaço apreendido a partir de um conjunto de práticas que o modificou. Nos signos de suas lembranças, o uso das máquinas dá sentido a um processo de destruição daquele “mundo” dos homens. A paisagem ambiental foi transformada enquanto as ferramentas foram movidas pela força humana, pelo seu controle. O ronco das máquinas parece ter acelerado as transformações no meio ambiente, que pareceu ter fugido do controle humano, uma vez que: “*arrancaram tudo em pouco tempo*”. Tempo considerado como “*uma época triste*”, de devastação, de destruição, de deixar com “*um pouquinho menos de mato*” naquele lugar que passou a ser recriado pelas dinâmicas que ali se fizeram.

²⁸¹ SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 16-17.

²⁸² SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 83.

²⁸³ FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido...**, op. cit. p. 110.

A significação produzida na restituição da imagem daquela ação do homem, para o senhor Azelino, provocou outros tantos espantos. Em suas palavras:

Aí começou a devastação, e aí era só limpar as matas porque as lavouras de hortelã eram fáceis de fazer, porque os tocos e os paus estavam podres. Aí as esteiras velhas vinham, aquelas esteiras D14, aqueles baita esteirão ali, e iam comendo o mato tudo, eles enleiravam tudo parelho, demoliam tudo. Uma devastação que tá louco.²⁸⁴

Marcantes foram as formas com as quais o senhor Azelino recriou e representou aquele universo. O sentido metafórico de transformações sofridas pelo espaço demarca o compasso da destruição quando as grandes esteiras “devoravam” a mata, enleiravam e demoliam tudo o que estava à frente. Este quadro do cotidiano, por mais banal que possa parecer, foi restituído a partir de um sentido elaborado pela experiência do narrador. Situados pela narrativa, estes signos reflexivos de ocupação daquele espaço comportam uma realidade crítica de intervenção e apropriação da natureza. Estes signos de representatividade das formas de modificar a paisagem podem ser compreendidos, de acordo Ecléa Bosi, como exemplos de uma “apreensão do tempo que dependeu de uma ação passada e da presente”,²⁸⁵ demonstrando como a lembrança constitui-se na natureza humana. É um tempo não homogêneo, em que os homens agiram numa estranha racionalidade, sem preservação dos recursos naturais. Com uma racionalidade intencional, usaram as máquinas para abrir as terras, “ceifar” as matas. Matas que foram vistas como obstáculos no caminho dos proprietários para poderem cultivar a terra.

As formas de apropriação dos recursos naturais para a expansão de terras agricultáveis também foram observadas por Antonio Diegues sobre a floresta amazônica, da qual destacou: “enquanto a floresta tropical amazônica representa para as tribos indígenas o seu habitat conhecido e acolhedor, morada dos antepassados, para o colono vindo do sul do Brasil, ela representa um obstáculo a ser vencido para se implantar a agricultura e a pecuária moderna, fonte potencial de lucro”.²⁸⁶ No exposto, a partir de Diegues, há um antagonismo na exploração dos recursos naturais, mas é preciso destacar que cada grupo tem o seu modo específico de explorar e usar estes recursos. Os modos de exploração estão envolvidos nas relações sociais, as quais se tornam a peça chave da constituição de um mosaico de memórias, do qual cada fragmento pode vir a se tornar um elemento importante na interpretação das dinâmicas constituídas no espaço estudado.

²⁸⁴ Relato do senhor Azelino Lange..., relato citado.

²⁸⁵ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade...**, op. cit. p. 422.

²⁸⁶ DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada...**, op. cit., p. 64.

Os dados contidos na tabela a seguir procuram dar conta da destruição gradativa das florestas nativas do Paraná. Destruição esta vinculada às atividades extrativistas de madeiras, extração de lenha para usos domésticos e, em alguma escala, para indústrias. E, sobretudo, de uma forma mais ampla ligada à expansão agropecuária.

Tabela 7 - Evolução do Desmatamento das Florestas Naturais no Paraná²⁸⁷

Florestas Nativas (KM²)					Área Desmatada (KM²)			
Ano	Folhosas	Araucárias	Total	Estado (%)	Folhosas	Araucárias	Total	Estado (%)
1895 *	94044	73780	167824	83,40	-	-	-	-
1930	89444	39580	129024	64,10	4600	34200	38200	22,76
1937	83468	34554	118022	58,70	10575	39226	49801	29,70
1950	54610	25224	79834	39,70	39424	48556	87900	52,30
1955	47104	22032	69136	34,40	46940	51748	97688	58,61
1960	35204	20432	55636	27,70	58840	53348	112188	66,85
1965	32204	15932	48136	23,90	61840	57848	119688	71,32
1970	25410	13235	38645	19,20	68634	60545	129179	76,97
1971	-	-	-	-	-	-	-	-
1972	-	-	-	-	-	-	-	-
1973	15504	4628	22132	11,80	76540	69152	145692	86,81
1974	-	4336	-	-	-	60444	-	-
1975	-	-	-	-	-	-	-	-
1976	-	-	-	-	-	-	-	-
1977	-	3166	-	-	-	70614	-	-

* Área primitiva de florestas no Paraná (ano aproximado de referência histórica).

Fonte: MAACK & PÉLLICO NETTO, CPF, IBDF. In: Inventário Florestal Nacional (IBDF, 1984).

A partir dos dados levantados, é possível perceber que nos últimos 80 anos foram devastados 161.658 km² de florestas. Restavam, em 1977, somente 3.166 km² da espécie araucária. Com estes dados e com os fragmentos de memórias é possível compreender como são reveladores os modos de agir e interagir com o espaço. Um espaço que, a partir do narrar, surgiu carregado de resignificações daqueles que experimentaram as suas modificações. Foram as relações vividas com aquele meio que fizeram os sujeitos recordarem-se das formas

²⁸⁷ Apud: Leão, Regina Machado. **A floresta e o homem**. São Paulo: IPEF/EDUSP, 2000, p. 173.

como agiram em relação à natureza. Como uma espécie de marco daquelas relações, Dona Gladis registrou o período de ocupação do Oeste do Paraná:

Então, o meu pai já começou a destocar. É que a área já estava, no caso a chácara dele, já estava com o mato derrubado fazia tempo. Daí tinha ainda muitos tocos grandes. Então isso eles passavam, às vezes, semanas queimando. Queimavam eles bem para depois terminar de destocar assim a “muque” [com a força humana] tudo era feito.²⁸⁸

Era necessário eliminar todos os resíduos que impediam o preparo da terra. Para a limpeza das áreas, após a derrubada da mata, utilizavam o fogo numa forma de “ajustamento” do terreno. As queimadas serviram para deixar a terra, que se tornara lavoura, livre de troncos e galhos de árvores. As áreas devastadas “*passavam às vezes semanas queimando*”, como lembrado por Dona Gladis. Com recordações de sentidos próximos, também narrou o senhor José Alves: “*quando nós começamos a lutar com o hortelã, então a gente fazia fogueiras daquelas lenhas e queimava para limpar a terra*”.²⁸⁹

Em meio às coivaras onde era produzida a hortelã o fogo foi empregado para o preparo gradativo das lavouras, principalmente naquele período em que se acreditava que as cinzas acumuladas aumentariam a fertilidade do solo. Como já se contrapunha à época, observei no jornal Informativo Copagril, edição nº 23, de 1980: “o fogo é sem dúvida nenhuma o mais barato e rápido processo de se limpar uma lavoura, porém, é muito prejudicial ao solo e deve ser evitado a qualquer preço”.²⁹⁰

Mesmo ser uma publicação do início da década de 1980 a matéria jornalística destaca preocupações com as práticas agrícolas desenvolvidas em anos anteriores. Com as queimadas ocorreu a eliminação da matéria orgânica, que sem os nutrientes naturais do solo, passou por profundas alterações químicas, físicas e biológicas, baixando a produtividade. Esse foi um fator preponderante para a gradativa baixa ocorrida na produção hortelaneira, pois, de acordo com relatos, o solo pobre foi considerado um dos elementos de extinção dessa atividade na região.

Os métodos utilizados para trabalhar a terra resultaram na modificação do ambiente natural, no qual a cadeia de elementos da natureza (fauna e flora) se auto-sustentavam. As árvores derrubadas viraram cinzas. Considera-se, assim, que toda esta devastação da floresta ocorreu não somente para obtenção de uma maior área agricultável, mas para fins outros

²⁸⁸ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

²⁸⁹ Relato do senhor José Honorato Alves..., relato citado.

²⁹⁰ **Informativo Copagril**. Marechal Cândido Rondon, jan. de 1980, nº 23, p. 09. Acervo da unidade sede da Cooperativa Copagril, de Marechal Cândido Rondon.

como o uso da madeira na construção de casas e instalações de abrigo de animais, bem como para exportação.

O uso das queimadas foi também destacado por Sérgio Buarque de Holanda quando observou que a construção de canoas, que serviam de meio de transporte fluvial, a partir do Planalto Paulista, foi afetada pela falta de “paus de canoa”. Para cada embarcação construída era necessária uma árvore de mais de 15 metros de altura. O número das “gigantes florestais” foi reduzida devido à intensa exploração e construção de embarcações, como também fora auxiliada pelo “sistema das queimadas e roças para a lavoura [que] vinha agravar ainda mais a situação, transformando em campos gerais léguas e léguas de terrenos em redor dos sítios povoados”.²⁹¹

Derrubadas, queimadas e destocas. De acordo com Simon Schama, “a memória não registra apenas bucólicos piqueniques”.²⁹² Ela registra e faz a reconstrução de uma imagem da fisionomia espacial transformada de maneira rápida, como fora relatado, trazendo graves consequências ao meio ambiente. Observando o tom destas lembranças, o senhor Gilson José relatou que: *“a natureza e as matas foram todas queimadas. Então tinha dias aí que a noite parecia dia. As madeiras eram enleiradas, daí o pessoal queimava, principalmente, em épocas que não chovia. De noite era um clarão só”*.²⁹³ As atitudes abarcadas pela recordação são desconexas se comparadas com as atuais, mas emoldura uma imagem de clarão proporcionada pelas queimadas. As madeiras, conforme recordado, eram colocadas em leiras, as quais passavam dias queimando até sua completa destruição. Como também observou Giralda Seyferth, desde os primórdios da colonização as derrubadas e queimadas foram utilizadas como técnica agrícola empregada pelos imigrantes europeus no Sul.²⁹⁴

Os modos de trabalhar e preparar a terra podem ser entendidos como uma condição de existência, uma vez que é produto dos agentes que operam tal prática. Uma “tradição”, instituída pelo processo da migração, a qual colaborou sobremaneira para a deterioração dos recursos naturais, como lembrou o senhor Gilson José:

Eles colocavam fogo naquelas madeiras, aquilo era queimado e o resto dos tocos que sobravam eram jogados principalmente nas áreas baixas, onde grande parte das nascentes foram soterradas com entulhos, com pedras, com restos de tocos de madeiras. Aquilo ficou tudo soterrado. Então se trabalhou o contrário de hoje. Na época, quando se tinha uma nascente de água ou uma

²⁹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976, p. 38.

²⁹² SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**..., op. cit. p. 28.

²⁹³ Relato do senhor Gilson José Philippsen..., relato citado.

²⁹⁴ SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**..., op. cit. p. 30.

pequena vala, aquilo era soterrado. E hoje? Hoje se busca as nascentes de água.²⁹⁵

Portador de uma linguagem articulada, de uma interpretação dos sentidos apreendidos daquela ação de destruição dos recursos naturais, como por exemplo, das nascentes, o senhor Gilson José deu indícios de uma consciência sobre a atual situação ambiental. Além de localizar uma imagem matizada por aqueles modos de trabalhar, explicitou que o soterramento fez desaparecer as nascentes, evidenciando atuais preocupações. Esta foi a maneira encontrada pelos vários agentes para eliminar os restos das queimadas, como troncos e raízes. Estes eram tidos como obstáculos para o desenvolvimento de uma área produtiva maior. Na articulação destas relações sociais, em que o espaço foi transformado a partir da ação do homem com o meio que o cercava, o senhor Adolfo observou:

E daí entrou, devagarzinho, entrou a hortelã e a mecanização entrou quase junto. Quando o hortelã estava assim na força que estava quase acabando daí já a mecanização entrou junto. Daí foi destocando, e assim era fácil de ganhar financiamento, o governo oferecia para destocar. Só que não tinha nenhum saneamento básico, não existiu porque o pessoal aqui empurrava dentro do [rio] Guaçu os tocos e os paus e tudo, e deveria ter controle naquela época. Agora estamos pagando primeiro, agora estamos pagando para isso.²⁹⁶

Com um saber experimentado, o senhor Adolfo interrogou os modos de apropriação dos atores sociais daquele meio que o cerca. Ele elaborou um discurso lembrando os modos de habitar o lugar, no qual talvez não se reconhecia como participante e agente de suas transformações, mas sobre o qual produziu sua inquietação.

A destruição da natureza, ocorrida em compasso acelerado e que, na interpretação do narrador, ocorreu “*devagarzinho*”, é articulada a elementos que configuraram as modificações daquele espaço. Para ele, as plantações de hortelã e a mecanização como um todo são marcos para falar do processo agrícola ocorrido na região. Na sua narrativa, primeiro ocorreu o desenvolvimento das lavouras de hortelã, para em seguida vir a mecanização, configurando outra paisagem de atividade agrícola, a partir da produção da soja. O trabalho manual e mecânico se articulam na trama narrativa que ele procurou imprimir para dar conta, pelo relato, de demonstrar como se deram as relações dos agentes com o espaço.

As lembranças assim resignificadas podem ser entendidas como reconhecimento da atuação dos agentes de transformação de uma realidade. Esta, de acordo com Milton Santos, “é um deslocamento visível do ser no espaço, criando uma alteração, uma modificação do

²⁹⁵ Relato do senhor Gilson José Philippsen..., relato citado.

²⁹⁶ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

meio. Um dos resultados da ação é, pois, alterar, modificar, a situação em que se insere”.²⁹⁷ A ação deve ser pensada enquanto processo, no qual os agentes não modificam somente o meio que os cerca, mas mudam também a si mesmos.

A partir de um propósito de ação, tem-se um espaço que foi “destocado”, destruído, alterado. As lembranças desta ação apresentam uma terra que sofreu com os abusos do homem e fora agredida. Sem uma preocupação com o futuro, sem um planejamento: “*não existiu porque o pessoal aqui empurrava dentro do [rio] Guaçu os tocos e os paus e tudo, e deveria ter controle naquela época*”. Explicitando uma situação dolorosa, o senhor Adolfo justificou uma realidade em que as plantações de hortelã e a mata não existem mais. A ação do homem explorando a terra e a sua completa destruição são marcos destas recordações.

De uma maneira franca, o senhor Adolfo, portador de muitas experiências tecidas na atividade agrícola, apontou criticamente que a destoca, a partir de meados da década de 1960, foi facilitada, uma vez que “*o governo oferecia para destocar*”. Sua lembrança retomou os incentivos e concessão de créditos agrícolas aos proprietários, via o Banco do Brasil, órgão que na época viabilizou recursos aos agricultores, para que houvesse uma maior produção agrícola no Brasil.²⁹⁸ O crédito rural foi estabelecido “pela Lei 4.829, de 1965, regulamentado pelas diversas disposições do Manual de Crédito Rural”.²⁹⁹ Com o estabelecimento deste programa, se pretendia, de acordo com João Sayad: “que o Sistema Nacional de Crédito Rural incentivasse a produção agrícola, protegesse os pequenos produtores rurais e promovesse a modernização da agricultura”.³⁰⁰ Observando o panorama nacional da época, João Sayad destacou, ainda, que em 1976, “para cada 1 cruzeiro de produção agrícola, foram usados noventa centavos de crédito rural, fornecidos a taxas de 15 ou 17% ao ano”.³⁰¹

Com o desenvolvimento do sistema de crédito rural, o Paraná, segundo o IPARDES, foi privilegiado com a liberação de um montante considerável que, no período de 1965 a 1976, chegou à margem de crescimento de 569%. A justificativa anunciada para a liberação desse montante ao Paraná, que era considerado o estado “onde a base econômica ainda é a

²⁹⁷ SANTOS, Milton. **A natureza do espaço...**, op. cit. p. 64.

²⁹⁸ Os agricultores com os quais busquei informações durante a pesquisa de campo sobre o crédito agrícola enfatizaram a participação do Banco do Brasil na liberação dos investimentos, mas havia mais bancos que estavam regulamentados legalmente a participar do sistema de crédito rural, tais como: Banco Central da República do Brasil, Banco do Brasil S.A., Banco de Crédito da Amazônia S.A., Banco do Nordeste do Brasil S.A., Banco Nacional de Crédito Cooperativo. BRASIL. **Leis, decretos etc. Legislação agrária**. (Org.). CAMPANHOLE, Adriano. CAMPANHOLE, Hilton Lobo. 10ª Ed. São Paulo: Atlas, 1980, p. 427.

²⁹⁹ SAYAD, João. **Crédito rural no Brasil**: avaliação das críticas e das propostas de reforma. São Paulo: Pioneira: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 1984, p. 93.

³⁰⁰ Idem, p. 94.

³⁰¹ Idem, p. 03.

agropecuária, a qual tem uma elevada participação nas exportações, tanto para o exterior como para o mercado interno, justifica-se dessa maneira, a crescente liberação de crédito para este Estado”.³⁰² O crescimento do montante disponibilizado, entre os anos de 1969 a 1976, pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 8 – Paraná: valor, número de contratos e índice de crescimento dos financiamentos concedidos a produtores e cooperativas – período 1969/1976.³⁰³

Anos	Valor (CR\$ 1,000)	Índice de crescimento (%)	Número de contratos	Índice de crescimento (%)
1969	3.310.966	100	187.125	100
1970	4.916.798	149	190.258	102
1971	5.317.581	161	1823.976	98
1972	7.863.447	237	192.790	103
1973	11.447.238	346	239.583	128
1974	14.700.631	444	237.308	127
1975	21.821.169	659	267.558	143
1976	22.160.701	669	278.551	149

FONTE: Banco Central do Brasil – DERUR/DIPLA/SECON.

A partir de estudos do IPARDES, observei que na década de 1970 “a região Sul tem a maior taxa de ocupação (80,9%) devido ao intenso uso da terra, no Rio Grande do Sul (89,0%), enquanto o Paraná (73,5%) e Santa Catarina (73,6%) ainda têm mais de um quarto de seus territórios por ocupar”.³⁰⁴ Índícios como estes auxiliam a compreender o processo de ocupação, que de modo algum está dado, tendo em vista as dinâmicas sociopopulacionais que se processualizam constantemente.

Percebe-se, desse modo, uma frente de expansão que passou a se organizar mais rapidamente com a liberação de crédito agrícola. O agricultor proprietário, agora com estímulo do governo, demonstrou o desejo de ampliação de sua produção derrubando a mata, destocando e modificando seus modos de produzir e trabalhar a terra. O senhor Azelino, que trabalhou juntamente com seu pai, lembrou do quadro que se desenhou a partir do momento que receberam o financiamento:

³⁰² FUNDAÇÃO IPARDES: Contribuição ao estudo do crédito rural no Paraná, CODESUL, Curitiba, 1978, p. 112. Disponível em: www.ipardes.pr.gov.br. Acessado em 12/01/2009.

³⁰³ Idem, p. 113.

³⁰⁴ FUNDAÇÃO IPARDES: Subdivisão, posse e uso da terra no Paraná, CODESUL, Curitiba, 1976, p. 124. Disponível em: www.ipardes.pr.gov.br. Acessado em 12/01/2009.

O agricultor era incentivado. E se ele não derrubava até em cima [da barranca] do rio ali, o Banco do Brasil, que financiava isso ali, não liberava o financiamento. Eu sei que o pai derrubava aí no [rio] Arroio Fundo as matas e empurrava tudo dentro da água. E por fim dava sempre erosão ali que levava as madeiras. Quantas vezes que, naquela ponte do [rio] São Francisco, as madeiras trancavam lá. Arrancou acho que umas duas ou três vezes aquela ponte lá. Madeira, às vezes, duzentos metros, cem, duzentos metros era pura madeira que vinha contra a ponte e trancava ali, e levava tudo embora na época de chuvarada. Umas duas vezes arrebentou aquela ponte lá. Aí fizeram uma [ponte] bem baixa que quando o rio enchia a madeira ia por cima, e daí não pegava contra a ponte, que todo aquele peso e a água empurrando, claro que ia arrebentar tudo.³⁰⁵

Os agentes se viram atuantes no processo de ocupação e, por vezes, sentindo-se responsáveis pelas transformações ocorridas naquele meio. Para ter acesso ao crédito agrícola o proprietário precisava derrubar praticamente toda a mata de sua propriedade. A mata era derrubada e lançada, com os tratores esteiras, dentro dos rios e nascentes, numa forma de liquidar com toda a madeira. A ofensiva violenta e institucionalizada contra a natureza causou a erosão da terra preparada para a produção agrícola e, com as enxurradas, houve até mesmo a destruição de pontes, como recordou o senhor Azelino.

A dinâmica das relações de trabalho processualizadas nesta região denota alterações profundas no meio ambiente. É preciso destacar que as plantações de hortelã colaboraram diretamente com este processo. Por ser uma atividade que exigia terras férteis para a sua prática, ocupou, em um primeiro momento, as áreas recém devastadas, sendo utilizada assim como um mote para atividade agrícola da região. Ao mesmo tempo, a plantação de hortelã, segundo o IPARDES, “indiscutivelmente é uma planta esgotante do solo”.³⁰⁶ Este foi um fator preponderante para que cada vez mais houvesse uma área maior de terras sendo aberta para a exploração agrícola.

A participação dos governos federal e estadual no incentivo à produção agrícola marca em que se buscava o chamado “progresso” da produção no Brasil e na região. Este tempo permeia as recordações dos narradores, como Gilson José:

Quando estava terminando o cultivo da menta, foi na época que houve um grande incentivo do governo federal e estadual para a mecanização e destocas das áreas. Então, praticamente se eliminou as matas. Assim, o banco, ele liberava grandes volumes de financiamentos para a destoca, compra de máquinas agrícolas para poder produzir a soja e o milho. Eu entendo hoje que na época era uma questão de produção de alimentos

³⁰⁵ Relato do senhor Azelino Lange..., relato citado.

³⁰⁶ FUNDAÇÃO IPARDES: Estudos para o desenvolvimento de atividades agrícola e industriais integrados, projetos espaciais – menta. Curitiba, 1977, p. 17. Acessado em 12/01/2009.

mesmo, uma vez que era praticamente a região Sul que mais produzia alimentos.³⁰⁷

Compreensivo em relação ao incentivo recebido pelos agricultores, o senhor Gilson José assimilou o sentido da produção de grãos naquela ação desempenhada pelo governo. Sua lembrança apareceu imbuída da defesa de um espaço considerado, segundo suas interpretações, como o maior produtor de alimentos, numa espécie de ufanismo regional. Por outro lado, quando analisados os relatos sobre a concessão de créditos, vê-se que a produção hortelaneira se fixa nestas lembranças.

Se, por um lado, a destoca, incentivada a partir dos créditos agrícolas, fez aumentar a área de terras agricultáveis, por outro, trouxe consequências sérias aos proprietários na atualidade. Conforme pontuou o senhor Adolfo: *“agora tem que fazer reflorestamento, tem que fazer tudo de novo. Naquela época era só derrubar, só derrubada”*.³⁰⁸ A lembrança atuou no sentido de justificar o presente com o passado e vice-versa. A recuperação da mata parece ser o desafio que abarca uma trama inaceitável de destruição para muitos agentes que não compreendem o envolvimento social naquelas relações. Ao mesmo tempo em que o governo federal concedia créditos aos agricultores, incentivando a derrubada da mata, propagava-se também discursos de que os homens sofreriam consequências pelos atos cometidos contra a natureza. As recordações destes discursos foram proferidas por Dona Gladis:

E aí já começaram, naquelas épocas, alguns comentários de pessoas, como por exemplo, tinha um pastor [Haral Malchitsky] que... Ah, não me recordo o nome, que falava uma vez na rádio dizendo que dentro de trinta anos a gente sofreria grandes problemas com secas e tudo mais, porque estava sendo desmatado tudo e, enfim, o homem sofreria grandes consequências devido a isso. E a gente achava que não poderia ser ou ninguém acreditava. E são coisas assim que me vêm na memória, agora.³⁰⁹

As reminiscências que Dona Gladis utilizou para reconstituir suas lembranças estão instituídas numa ordem cronológica dos acontecimentos. Mesmo não lembrando o nome do pastor (que assumiu os trabalhos na comunidade Martin Luther, de Marechal Cândido Rondon, sendo o primeiro pastor brasileiro a atuar na região a partir de 1964³¹⁰), recordou que o reverendo alertava em programas de rádio sobre as consequências que os homens enfrentariam devido às derrubadas. O apelo propagado pelo pastor Haral Malchitsky pareceu

³⁰⁷ Relato do senhor Gilson José Philippsen..., relato citado.

³⁰⁸ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

³⁰⁹ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

³¹⁰ Dados obtidos junto à secretaria da Igreja Martin Luther de Marechal Cândido Rondon.

não ter causado efeitos de “conscientização” nos agricultores: “ninguém acreditava”. Mas, Dona Gladis ouviu, lembrou e resignificou aquele discurso. Para ela foi marcante o dizer do pastor: “*dentro de trinta anos a gente sofreria grandes problemas com secas e tudo mais*”. Uma lembrança provocada, que “veio na memória” a partir do apelo significativo e identificável que está preso em suas experiências.

Uma vez destruída a floresta, substituída por áreas agricultáveis, as instabilidades climáticas poderiam variar, tais como o aumento de calor, secas prolongadas, fortes geadas e tempestades. Estas foram as preocupações do pastor Malchitsky propagadas através da rádio Difusora e lembradas por Dona Gladis. A partir de lembranças como estas, considero que as dinâmicas desenvolvidas com a derrubada da mata colocaram em risco de extinção todo um equilíbrio de organismos que viviam na natureza. No momento em que ocorreu a derrubada da mata, seguida das plantações de hortelã, todos os elementos da natureza foram postos em risco por tais ações predatórias. Destacando estas observações, considero o que Regina Machado Leão chamou a atenção:

Qualquer dano pode quebrar a integridade desse ciclo harmônico e provocar uma destruição em cadeia. Secas, inundações, vendavais, ataques de aves e insetos e até incêndios decorrentes de raios e atividades vulcânicas afetam esse ecossistema. Essas ocorrências naturais, que dificilmente chegam a causar a extinção de áreas florestais, podem, no entanto, ser agravadas ainda mais pelas atividades humanas.³¹¹

As alterações climáticas, bem como a deterioração do solo pela erosão, são sinais reveladores da ação humana em oposição à natureza. O meio ambiente foi transformado para dar lugar à produção agrícola e, com isso, o homem passou a sofrer consequências ambientais/climáticas. As narrativas relacionadas procuraram dar sentidos àquelas ações, em que a preocupação era somente explorar a terra para o desenvolvimento agrícola. Derrubar a mata, modificar o meio natural, utilizar de todos estes recursos possíveis foram cruciais na ocupação dessa parcela agrícola na região. Ao relatarmos isso, os agentes parecem se sentir constrangidos com aquela forma de agir. Conforme lembrou o senhor Azelino:

Eu acho que a derrubada influenciou no clima aí, porque já não tem mais mato, não tem mais nada, a natureza e o desequilíbrio, aí foi... Não sei se é, mas todo mundo fala dessa devastação ali que mudou muito esse clima aí, e mesmo mais quente e vento, e temporais, e coisarada, e tudo aí não tem mais nada que ataca. Que nem lá para cima, lá os primeiros anos, lá para o Mato Grosso, aquelas épocas ali que entraram uns trinta anos atrás, os primeiros que subiram, e o meu pai foi um deles, isso lá chuva de pedra, vendaval e granizo essas coisas ninguém conhecia. Chovia que era seis meses seca e seis meses chuva eles falavam lá em cima. E hoje em dia tem temporal que está arrebatando com tudo também. Lá também está tudo devastado, não

³¹¹ LEÃO, Regina Machado. **A Floresta e o homem**. São Paulo: IPEF/EDUSP, 2000, p. 119.

existe mais mato também, em trinta anos, foi mais rápido que aqui, aqui ainda demorou cinquenta anos praticamente e lá, com essas esteiras e com aqueles correntões, devastaram tudo em menos tempo.³¹²

Com a exclusiva prática de utilização do espaço para a atividade agrícola, os agentes descrevem o lugar de reconhecimento recriado pelo lembrar. A região Oeste do Paraná foi devastada em pouco tempo. Em menos de meio século, conforme o relato do senhor Azelino, com as esteiras os homens derrubaram as matas e as empurraram dentro dos rios. Ventos, temporais e clima quente: “*a natureza e o desequilíbrio, aí foi...*”. As consequências foram sofridas em razão daquela ação de desmatamento. A peculiaridade da lembrança deu-se pela interpretação do agir, o qual é relatado numa interligação passado/presente, destacando o momento exato do acontecido: “*ali que mudou*”. Mudou o clima, mudou a paisagem tomada pelo olhar como uma riqueza natural, quando se queria o lugar com “*um pouquinho menos de mato*”. As lembranças sobre o período das derrubadas e das plantações de hortelã se caracterizam também como discursos apelativos articulados a outros referenciais. De acordo com o senhor Adolfo:

Se naquela época eles tinham falado de cultivar as águas. Fazer saneamento básico nas águas e botar logo quem destocava fazer curvas de nível, isso não tinha, o pessoal destocava e vinham as enxurradas e ia tudo para os rios e assim foi uma destruição completa. O mais que me dói isso aí, todos esses palmitos que foram tirados e as madeiras de lei, foram tirados só os mais bonitos, o resto foi tudo estragado. Assim está hoje no Mato Grosso, lá para o lado do Amazonas, ainda se vê isso. Isso tem ainda, essa destruição tem lá ainda hoje.³¹³

Procurando dar sentido à intervenção provocada pelos agentes ao meio ambiente, o senhor Adolfo denotou o conhecimento experimentado nas ações passadas. A partir do sentimento de desperdício, sentiu que as águas deveriam de ser preservadas, as lavouras deveriam ter saneamento com curvas de nível, mas “*o pessoal destocava e vinham as enxurradas e ia tudo para os rios e assim foi uma destruição completa*”. Mas, o sentimento de perda ainda maior pareceu acompanhar a narrativa. O narrador sentiu-se privado dos palmitos, que nos primeiros anos de ocupação aos milhares foram derrubados, bem como as madeiras de lei que foram destruídas. A visão da terra devastada provocou este sentimento, instituindo na narrativa uma retomada da antiga imagem.

No bojo da formulação do discurso de arrependimento observa-se uma relação do ausente com o presente. Os agentes que participaram do processo de transformação do meio ambiente, pequenos proprietários e meeiros, sentem a falta de terras e recursos naturais

³¹² Relato do senhor Azelino Lange..., relato citado.

³¹³ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

abundantes no passado. Por vezes, parecem não darem conta, pelo relato, de apreender uma dimensão resignificada e fazerem-se reconhecer no campo relacional daquele cotidiano.

A exploração indiscriminada das terras trouxe consequências graves, como enxurradas e empobrecimento do solo. Mesmo sendo este o resultado mais facilmente percebido, na década de 1970, como observei no jornal Informativo Copagril, que tinha suas edições mensais e era destinado, principalmente, aos associados da cooperativa, havia certa preocupação e um esforço de “conscientização” para preservação das áreas destinadas às atividades agrícolas. Com a atuação do Departamento Técnico da Cooperativa Copagril, houve a implantação de terraços e curvas de nível como meio de retenção das águas das chuvas, para evitar a erosão. A Copagril, que atua na área agropecuária, principalmente em Marechal Cândido Rondon, onde está situada sua sede administrativa, adotou, em 1974, um sistema de preservação que foi efetuado numa área de 400 hectares, havendo um acréscimo nos anos seguintes: 800 hectares em 1975, 1.800 ha em 1976 e 3.800 ha em 1977³¹⁴.

Mesmo havendo preocupações pontuais nos meados da década de 1970, pela cooperativa, as lembranças referendam uma busca constante pela expansão agrícola. Estas lembranças foram marcadas pelo processo de devastação, conforme relatou o senhor Adolfo: *“isso aqui derrubava, fazia tudo por conta. Derrubava tudo, destruía tudo. Agora sim, agora qualquer metro de ipê, qualquer madeira eles conservam”*.³¹⁵

Diante dos enfrentamentos e preocupações com a preservação ambiental, o senhor Adolfo, sem rodeios, asseverou: *“agora é tarde”*.³¹⁶ O seu lembrar foi impregnado pelas experiências das derrubadas instituídas naquele meio de relações. Para ele, o período em que se poderia derrubar “por conta” é uma ação consumada, que não pode mais ser restituída. É a partir deste enfrentamento que atribuiu sentido interpretativo à realidade ambiental que se coloca, remetendo a outros a ação empreendida ao meio ambiente. Uma ação em que outros talvez não lhe sejam reconhecidos. Mas, há a clara preocupação na preservação de uma possível imagem do lugar narrado, enquanto ele, como agente de atuação, se vê de fora do processo.

A perspectiva que se tinha em relação ao processo de ocupação era de que a mata ainda se apresentava como empecilho. Os proprietários não possuíam a “convicção” de que ela poderia ser gradativamente destruída. Hoje parece sentirem que *“arrancaram um pedaço*

³¹⁴ **Informativo Copagril**. Marechal Cândido Rondon, nov. de 1977, nº 14, p. 07, op. cit.

³¹⁵ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

³¹⁶ Idem.

da gente”, como disse Dona Gladis. A lembrança do ausente parece ser ressentida ao recordarem o desmatamento. Experimentam a ausência da mata.

Imbuídas na revelação de preocupações com a natureza, as lembranças do senhor Azelino, bem como as do senhor Adolfo, fazem referência a experiências vividas no estado do Mato Grosso. Lá, a floresta estaria sofrendo as sérias consequências da devastação, como lembrou o senhor Adolfo: “*assim está hoje no Mato Grosso lá para o lado do Amazonas, ainda se vê isso*”.³¹⁷ Estas considerações foram tecidas por ele, a partir de suas experiências como migrante naquela frente de expansão em seu estado, mais precisamente em Paranaíta, no final da década de 1970. O senhor Azelino, por sua vez, recordou que, atualmente, no Mato Grosso também tem tempestades e que lá a devastação foi mais rápida que no Oeste do Paraná. Isso foi revelado em virtude de seu “*pai ser um dos primeiros a subir lá para cima*”, no Mato Grosso. A memória cartográfica também procura dar conta das relações que se estabelecem noutras regiões.

A frente de expansão foi recriada a partir das relações sociais entremeadas pelo desejo e na reprodução capitalista, em novas áreas colocadas para ocupação. Uma fronteira que se constitui a partir da sociabilidade com o novo espaço e na relação dos diferentes agentes. Sobre isso, no pensamento de José de Sousa Martins:

A frente pioneira é mais que o deslocamento da população sobre territórios novos, mais do que supunham os que empregaram essa concepção no Brasil. A frente pioneira é também a situação espacial e social que convida ou induz à modernização, à formulação de novas concepções de vida, à mudança social. Ele constitui o ambiente oposto ao das regiões antigas, esvaziadas de população, rotineiras, tradicionalistas e mortas.³¹⁸

A partir do processo migratório e pelas novas relações de trabalho foi que os sujeitos se constituíram como agentes sociais que imprimem significados a outras regiões. O senhor Adolfo se mostrou, no momento do relato, um migrante retornado da frente de ocupação do Mato Grosso. Este, que havia migrado para o Paraná em 1953, proveniente de Santa Catarina, com o fim do período hortelaneiro migrou para o Mato Grosso, retornando posteriormente. O Mato Grosso, na década de 1970, era propagado como um lugar pouco explorado, com muitas terras para “desbravar” e plantar. O senhor Adolfo migrou com sua família para aquele estado, mas retornou “*por causa da firma Indeco, que não cumpriu com o que eles*

³¹⁷ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

³¹⁸ MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano..., op. cit. p. 153.

prometeram. Eles falaram que podia plantar que eles iam botar beneficiadoras lá e depois, no fim, não tinha nada”.³¹⁹

O senhor Adolfo, como tantos outros agricultores do Oeste do Paraná, movido pelas propagandas de empresas privadas na venda de terras, saiu em busca de novos espaços para a produção agrícola. Ao estado do Mato Grosso migrou com a família para a plantação de café e cacau. Lá, plantou café, mas não colheu, pois não tinha a quem vender. Sentiu-se enganado, pois no momento da colheita não havia beneficiadoras de café, “*não tinha nada*”. No compartilhamento das experiências da mobilidade empreendida naquele espaço, o senhor Adolfo recordou alguns traços mais marcantes de sua vivência enquanto pequeno proprietário:

A firma Indeco prometeu tudo, que ia fazer indústria de café e tudo, cacau, e nós plantando cacau e café. Lá empatemos tudo o que nós ganhamos aqui, empatemos lá. E quando o café e o cacau estavam produzindo nem uma firma não tinha. Daí eram só compradores particulares e eles ‘picavam os olhos’, eles pagavam o que eles queriam. Então eu tinha dezesseis alqueires de café formado, tudo carregando, roçamos tudo para baixo e fizemos pasto.³²⁰

O senhor Adolfo ressaltou que havia ganho muito com a plantação de hortelã no Paraná. No Mato Grosso, perdera com a plantação de café. Teria investido tudo o que tinha, e não havia para quem vender sua produção. Sentiu-se enganado e destruiu o cafezal, fazendo de sua lavoura uma área de pastagem para a criação de gado. Estas relações de migração e trabalho circunscrevem a trajetória destes agentes como o senhor Adolfo, que deixaram os lugares onde estavam instalados e foram em busca do desconhecido. No Oeste do Paraná as lavouras de hortelã estavam em declínio e não havia mais terras férteis para a sua produção. No Mato Grosso, as lavouras de café estavam começando, havia terras férteis, mas não tinha quem comprasse. *Cá e lá*, Paraná e Mato Grosso, são referenciais nas lembranças do senhor Adolfo para falar de suas experiências como pequeno proprietário. Assim, fez-se retornado, não ao seu lugar de origem, mas ao seu primeiro lugar de destino. Lugar este que, de algum modo, a hortelã significou um ponto de contato com a expectativa de ocupar outras fronteiras.

As experiências que se mesclam e se constituem nos lugares transitados e que aparecem presas na teia das lembranças reafirmam maneiras particulares instituídas no cotidiano. A partir do recordado, são recriadas e reelaboradas significações que inquietam os narradores. Muitas vezes se colocam na *fronteira* entre as expectativas que são recriadas pelo trabalho, principalmente, quando, a partir de vivências em diferentes lugares, procuram constituir significados:

³¹⁹ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

³²⁰ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

É coisas terrível o que acontece lá. Se tivesse sempre tudo bem organizado, desde quando nós entremos aqui, cinquenta metros de cada lado, cem metros de cada lado das águas preservarem, a companhia não deveria de vender essas terras. Na Sinop mesmo é assim, o poste mesmo da água fica bem longe da água, quem vai mais perto está invadindo lá, porque o meu filho morava na Sinop, então mais ou menos uns sessenta metros antes de chegar na água, que começar a ficar úmida lá já tinha um poste, até aqui é a terra. Mas lá eles também não respeitam. Falta de fiscalização nessas coisas, porque se fosse desde o começo assim era bom. Mas ninguém sabia, nem os mais estudiosos, eles estudavam tanta coisa, mas nem isso eles não reparavam que um dia fosse destruir tão rápido assim.³²¹

Emanada por uma contemplação daquela fronteira tida como perversa, entre o homem e a natureza, a narrativa do senhor Adolfo buscou possíveis soluções para amenizar o estrago feito ao meio ambiente. Preservar as áreas nas margens dos rios e as nascentes colaboraria na preservação da natureza. Novamente, veio à tona uma relação com o seu atual lugar, Mercedes, com o Mato Grosso, onde residiu seu filho. Mercedes – Paraná. Sinop – Mato Grosso. São lugares distantes na localização geográfica, mas muito próximos nas recordações do narrador. No Mato Grosso existe áreas para preservação, “*mas lá eles também não respeitam*”, pois não há controle pelos órgãos competentes, não há fiscalização. Então “*é coisa terrível o que acontece lá*”. Mostrou-se indignado com as atitudes frente à natureza, que nem mesmo os mais estudiosos haviam percebido “*que um dia fosse destruir tão rápido assim*”. Nestas apreensões é possível perceber que o senhor Adolfo se colocou dentro da temporalidade histórica de devastação do Oeste e daquele outro lugar de experiência, por sua vez conectados pela crítica à sua posição política.

Procurando, talvez, sensibilizar a quem o estava ouvindo, o senhor Adolfo pronunciou uma frase de impacto: “*é coisa terrível o que acontece lá*”. O significado desta frase no fragmento de sua narrativa pode estar impregnado não somente pelo sentido de destruição da natureza, mas também pelas relações sociais que se apresentaram, muitas vezes, de maneira trágica nas áreas de ocupação. Leonardo Boff, ao destacar a ocupação da Amazônia pelo processo de construção de estradas, observou que a população da região sofreu a expropriação de maneira trágica, em nome da chamada integração da região amazônica a outras partes do Brasil. De acordo com o autor: “expulsaram indígenas e caboclos, desmataram à vontade, contaminaram rios e produziram grande miséria e devastação ecológica”.³²²

As narrativas foram elaboradas a partir de uma experiência constituída e mediada pelas relações sociais vividas nas plantações de hortelã. A destruição da natureza narrada pelo

³²¹ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

³²² BOFF, Leonardo. **Ecologia grito da terra, grito dos pobres**. Ática, São Paulo, 1995, p.146.

senhor Adolfo, tanto no Mato Grosso como no Paraná, não foi descolada da vivência com outros participantes; estes, muitas vezes expulsos de seus lugares pelas frentes de expansão.

Procurando restituir um sentido do trabalho executado ao chegar ao Oeste do Paraná, o senhor Geraldo, não proprietário, procedente de Minas Gerais, narrou:

Nós trabalhamos muito na derrubada de mato. Então foi estragando a natureza. E se hoje tinha aquele mato, hoje era tão lindo. Hoje não tem o mato, mas só na área da Itaipu. Lá foram deixadas aquelas árvores, mas não saíram sozinhas. Elas não saíram sozinhas, elas foram plantadas ali. Porque é nativa mesma a semente que vem, ela nasce ali então ela é nativa.³²³

Ao recompor o sentido de perda, que *“hoje não tem o mato”*, o senhor Geraldo procurou justificar o sentido de uma destruição que teve a sua colaboração. A mata nativa fora destruída e somente restam áreas de preservação que, lembrou, não nasceram sozinhas: *“elas foram plantadas ali”*. Em minha interpretação, as lembranças vieram à tona no momento da entrevista como forma de compreender uma atividade também executada. Com certa nostalgia, pronunciou: *“e se hoje tinha aquele mato, hoje era tão lindo”*. A narrativa ainda envolveu outra experiência vivida, a área de preservação da Itaipu, que segundo o senhor Geraldo é a única mata que resta hoje: *“na área da Itaipu”*. Esta área de reserva que ali foi “plantada” é uma área que se justifica, conforme Warren Dean, tendo em vista duas preocupações: “em demarcar as fronteiras de sua propriedade [a Itaipu] como para reduzir o assoreamento de seu reservatório”.³²⁴

A partir destas considerações, interpreto que as companhias hidrelétricas que buscam geração de energia com a formação de barragens não se mostraram ou não se mostram preocupadas com as ações desenvolvidas contra o meio ambiente, mas sim fazem de tudo na defesa dos interesses econômicos. No caso de Itaipu, faz-se pertinente considerar que ocorreu o abarcamento de um quase total desflorestamento da área de sua atuação nesta região de fronteira. Uma fronteira em que se viu e se vê numa brutal atrocidade destruidora da natureza, com trabalhadores expropriados de suas terras, que precisaram colocar-se muitas vezes em itinerâncias em outros espaços. Há ainda a ameaça de extinção de animais, que se viram encurralados pelo avanço das águas do reservatório e as árvores apodrecidas nas barrancas do rio Paraná.

Diante desta exposição, acredito que o senhor Geraldo procurou, de forma semelhante, pontuar suas preocupações sobre a intervenção no meio ambiente com a construção da

³²³ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

³²⁴ DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 312.

referida barragem. Ele assumiu a defesa de um ambiente inexistente, de uma mata natural que havia dando lugar a uma mata artificial, de árvores que “*foram plantadas ali*”:

Mas, antigamente, quando você olhava aquele matão bonito, matão escuro e passarinhos cantando, e hoje você vai lá não escuta nenhum beija-flor gritar ou cantar porque não tem mais mato. Ali não tem mais mato para os passarinhos voar e cantar. É o que eu falo para você: a natureza já vem da terra, se você destrói a mata, acaba com a terra.³²⁵

Mostrando-se conhecedor da destruição causada ao meio ambiente, o senhor Geraldo reportou-se à ausência da mata e do cantar dos pássaros. As lembranças foram relatadas com nostalgia quando observa a natureza destruída, onde não há mata, cantar e nem voo de pássaros. A interpretação da natureza, a partir deste olhar sobre a devastação, foi imbuída por sua experiência enquanto trabalhador vinculado à terra, o que o fez compreender que “*a natureza já vem da terra*”.

As lembranças sobre a região de fronteira foram constituídas em feixes de sentido por semelhanças e diferenças. Os elementos evocados pelas lembranças, muitas vezes, escondem relações socioeconômicas e socioambientais perversas para aqueles que viveram o período hortelaneiro na região. São relações em que nem mesmo seus participantes, por vezes, se reconhecem nela.

Observando os atritos movidos por tais preocupações ambientais na região, o jornal Informativo Copagril, edição nº 41, de 1981, publicou matéria intitulada “*Ecologia, até onde?*”, na qual procurou despertar uma certa “consciência ambiental” dos leitores, principalmente os associados da cooperativa. Em fragmento da referida matéria pode-se observar:

O homem, infelizmente, fez que paulatinamente tal natureza, dotada aos cantos dos pássaros e carregado de oxigênio pela verdejante flora existentes, fosse substituída por enormes clareiras, para dali tirar o sustento de sua família, o que não seria nada demais. O pior de tudo é, que derrubou até a última árvore de sua terra, esquecendo de plantar outra em seu lugar, e que seus filhos, também querem viver e respirar um ar puro; não vendo esta imensa riqueza do passado senão apenas em fotografias, ou nem isto.³²⁶

O fragmento dá destaque à preocupação em construir uma dada “consciência ambiental” da população, que apenas se preocupou em derrubar árvores, colocando-se em face de uma natureza idílica que deveria de ter sido preservada para o bem-estar das gerações futuras. Este fragmento permite entender o raciocínio feito pelo senhor Geraldo, de que a natureza “*já vem da terra*”. Da mesma terra que os homens necessitam retirar o sustento.

³²⁵ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

³²⁶ Ecologia, até onde? **Informativo Copagril**. Marechal Cândido Rondon, ago. de 1981, nº 41, p. 08, op. cit.

A mata destruída pela ação predatória, como lembrou o senhor Geraldo, causou erosão, esgotou a fertilidade da terra e, principalmente, tirou o equilíbrio da vida de seres vivos da floresta. O narrador demonstrou que sua consciência restabelece a relação homem/natureza. Sem aquele “*matão bonito*”, o habitat natural das espécies ficou ameaçado. Ainda nas lembranças das dinâmicas do *fazer-se* cotidiano do senhor Geraldo: “*e até hoje eu fico pensando: como é que nós conseguimos fazer todo aquele serviço lá [de derrubada], tudo no braço. Não existia motosserra, tudo no machado e na foice. E hoje está limpo aquilo ali, quando você olha assim está limpo*”.³²⁷ No escopo das relações que se desenharam nas dinâmicas socioculturais, o senhor Geraldo pareceu se reconhecer naquele espaço. Um trabalho praticado que o deixou perplexo frente às mudanças daquelas áreas que ajudara a preparar. Na recordação, pareceu não conseguir apreender os sentidos atribuídos a todo o trabalho feito somente com a força humana.

Na apreensão das recordações do trabalho, o senhor Sebastião Germano Filho narrou a devastação da mata, na qual colaborou: “*eu fiz um derrubamento de seis alqueires ali, lugar que hoje a gente fica pensando, lugar que a gente trabalhou ali, qual é a necessidade que tinha das pessoas desmatar uma mata, derrubar, limpar aquilo ali para plantar hortelã?*”³²⁸. Partindo de um olhar atualizado, as ações empreendidas na ocupação parecem incomodar aqueles agentes quando indagados sobre as plantações de hortelã. Colocando-se como protagonista desses procedimentos com o meio ambiente, o entrevistado pareceu não conseguir compreender a necessidade de desmatar para a produção hortelaneira.

O senhor Sebastião, que migrou para o Oeste do Paraná em 1975, procedente de Governador Valadares, Minas Gerais, recordou suas experiências, as quais lhe pareceram também inquietar. Em sua assertiva sobre o vivido naquele lugar, interpretou as dificuldades enfrentadas para a produção de hortelã:

O lugar muito difícil de trabalhar, que você tinha que puxar a hortelã até numa posição para chegar com um carro ou carroça para pegar. Aquilo era morro. Puxava para cima e puxava para baixo, bastante pedra que você tinha que trabalhar bem ali, que foi tudo aberto para plantar aquele hortelã, que hoje podia ter toda aquela mata natural ali. Quer dizer que, inclusive você podia fazer aquela bola [com os montes de hortelã cortada] que ela podia rolar e não conseguia de segurar. Eu fico pensando que foi tudo derrubado naquela sensação... Para derrubar e plantar a hortelã, coisa que não tinha necessidade de a gente derrubar e acabar com a parte da natureza.³²⁹

³²⁷ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

³²⁸ Relato do senhor Sebastião Germano Filho, 73 anos, concedido em 22 de novembro de 2008.

³²⁹ Idem.

Subjugado a aquele lugar em que lhe fora ofertada a possibilidade de trabalho, o senhor Sebastião precisou lidar com dificuldades. Relatou o trabalho desumanizante do qual foi protagonista nesta fronteira, caracterizada por relações de trabalho que ali estavam postas. Nas terras irregulares, com muitos declives, a mata foi toda destruída para dar lugar à atividade com a hortelã. A área que colaborou para o desmatamento o incomoda no sentido de que hoje a vê como uma terra de muitos morros e pedras. Com aquelas terras teve que lidar para dela tirar o sustento: “*que você tinha que trabalhar bem ali*”.

Nas áreas em declive a atividade hortelaneira exigiu o uso de maior força de trabalho, sobre a qual o narrador, em caráter auto-reflexivo, pareceu procurar ocultar toda aquela ação: “*que não tinha necessidade de a gente derrubar e acabar com a natureza*”. A paisagem foi alterada e transformada para dar lugar às lavouras de hortelã. Por outro lado, a narrativa deu a impressão de que se confortou com a reconfiguração daquele espaço:

Hoje está tudo formado. Nos lugares que eu trabalhei está tudo formado o mato, já tem madeira assim [gesticula com as mãos], mas a gente fica pensando hoje como é que são as coisas, como é que pode o povo chegar e destruir ali tudo para plantar esse produto que estava dando dinheiro mesmo? Só não plantava este produto em cima de pedras, mas o resto. Até na beira de um córrego assim era plantado, aproveitava tudo, onde tinha um pouco de terra era plantado. Era importante mesmo.³³⁰

Todo o processo de devastação seguido pela produção agrícola a que estava submetido anteriormente foi superado com a renovação da natureza. Mas, o senhor Sebastião, fazendo-se entendedor da amplitude da produção hortelaneira, denunciou o aproveitamento de todos os espaços desmatados para a plantação, que não deixam de ser aquelas relações de reprodução capitalista que estavam postas naquele momento. As lavouras de hortelã foram propagadas em meio aos troncos e árvores caídas e em terras que não comportavam outras atividades naquele período. Ao mesmo tempo em que está mergulhado na realidade das relações sobreviventes em suas lembranças, ao recordar se descobre dentro dessas dinâmicas do tempo da hortelã.

As lembranças não evocam somente a mata original enquanto um componente da natureza. Abarcam também os modos como os agentes apropriaram-se, sem procurar o equilíbrio com esta mesma natureza. Procurando compreender mais destes modos, retomo a narrativa de Dona Gladis, pois nela tenho observado o realce na recordação de que vivera os anos mais bonitos de Mercedes. Instigado a saber qual o significado daquele dizer, assim procurou esclarecer:

A gente tem muito mais saudades que inclusive era da infância, mas era uma época que a gente pegava muita borboleta para vender, que tinha a nossa

³³⁰ Relato do senhor Sebastião Germano Filho..., relato citado.

borboleteria, como se chamava, e acabou depois transformando-se num, numa empresa, numa microempresa com bastante pessoas trabalhando. Faziam chapas [material representando figuras geométricas, sobre as quais eram coladas borboletas] para vender e guardavam as borboletas melhores, mas que não estavam estragadas para coleção. Levavam para os Estados Unidos, Alemanha, e muitos outros países comprovam isso.³³¹

Ao reportar às narrativas, o período da infância quase sempre é feito com nostalgia. As peculiaridades do relato de Dona Gladis dão conta das riquezas naturais que ali existiam. A coleta de borboletas pareceu um marco em suas lembranças para falar da Mercedes de sua infância. Esta atividade extrativista foi muito desenvolvida, servindo como matéria-prima para uma fonte de negócio, até mesmo para abrir uma microempresa, como ela relatou. As borboletas eram vistas como um meio de sobrevivência nestas relações que ali estavam se desenvolvendo. Nas palavras de Dona Gladis: *“e aí a gente lembra que a gente tinha sempre um dinheirinho para comprar lápis, cadernos essas coisas com o dinheiro que vendia as borboletas, porque tinham tantas”*.³³² Nas recordações continuou a desenrolar os fios de sua memória:

As borboletas, aqui mesmo no Brasil ou na região não tinham validade. Aqui era um lugar pequeno e não usavam tanto. Mas ia para fora. Tinha lugares que eu escutei dizer que eles faziam tetos revestidos com borboletas, já coladas, elas eram coladas em cima de um papel mais grosso, assim com desenhos geométricos e dependia do tamanho, tinha maiores e menores, e essas eram encomendadas e todas bem embaladas e mandadas com avião.³³³

A fauna na região era muito rica e exuberante, de acordo com Dona Gladis. E as borboletas eram capturadas, embaladas e depois de vendidas serviam como um “produto exótico” na decoração de habitações em outros países. Extasiada ainda com as lembranças da beleza provocada pelas borboletas, Dona Gladis narrou:

E era a coisa mais linda porque tinha tudo que é tipo [de espécies] que se pode imaginar tinha. Daí tinha as estradas, dos dois lados era mato, isso era só ter uma fruta no chão ou qualquer coisa que elas gostavam de comer. Aquilo fervia disso, de borboletas, então era a fase mais linda do mundo.³³⁴

A contemplação das imagens instituídas na infância apresentou, a partir das borboletas, a *“fase mais linda do mundo”*. Uma atividade que envolveu muitas pessoas, que capturavam as espécies e as vendiam. Estas borboletas, de acordo com as recordações de Dona Gladis, eram compradas por *“biólogos e pessoas que estudavam a origem e para*

³³¹ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado. As borboletas também eram usadas na confecção de cinzeiros, quadros e no revestimento do fundo de bandejas utilizadas na cozinha.

³³² Idem.

³³³ Idem.

³³⁴ Idem.

cadastrar os tipos que em outros lugares não tinham e tinha aqui no Brasil".³³⁵ Espécies caçadas, cadastradas e pesquisadas. Dona Gladis relatou que na borboleteraria *"foi o meu primeiro emprego, então cheguei a trabalhar lá"*. Uma atividade de extrativismo que foi fonte de renda. As borboletas aos poucos foram extintas, diminuindo em número de espécies na região. No relato de Dona Gladis:

Daí tinha gente até do Paraguai que trazia, eles traziam caixas grandes. Tinha poucas caixas de papelão na época, mas traziam caixas grandes e quando não tinha quase caixas, sabe aquelas malas que eram feitas de madeira? O tipo de um baúzinho, cheio de borboletas. Sabe o que é que é cheio que se despejava assim. Mas era borboleta, borboleta, borboleta, sabe? Depois era tudo cuidado, daí botavam naftalina para não ser comido por outros bichinhos.³³⁶

Diante destas recordações, fico perplexo com o alcance daquela exploração. A narrativa assumiu magnitude ao perguntar também a este entrevistador: *"sabe aquelas malas que eram feitas de madeira?"* ou, quando pronunciou: *"mas era borboleta, borboleta, borboleta, sabe?"*, na tentativa de procurar compreender se eu estava apreendendo a dimensão dos significados que estava buscando passar pela narrativa.

Os modos de apropriação dos recursos foram direcionados a diferentes maneiras de proverem o sustento humano. Esta natureza provedora foi também recordada por seu Dito:

Naquela época caça não faltava. Tinha de tudo. Tinha anta, cateto, veado. Tudo quanto que é bicho tinha aqui. Tinha onça, tinha muitas onças, tinha de tudo. Foi pega uma onça e colocada numa jaula. E também elas não atacavam porque elas tinham muito bicho para comer e não precisavam atacar a gente. Nós mesmos vimos muitas onças pintadas e pardas. Matemos muitos veados também que tinha aqui. Os veados vinham na porta do rancho assim, quando nós fizemos o acampamento dentro do mato aquilo passava na porta do rancho. Veado, paca, cutia, esses bichinhos ninguém ligava por isso, muitas vezes ia atrás dos bichos maiores.³³⁷

A existência farta de caça no período simultâneo ao desmatamento fez emergir uma imagem positivada e significativa do lugar. No contar de seu Dito, os homens tiravam da natureza, no Arroio Guaçu, o sustento, principalmente a caça, que era abundante. A imagem da abundância de animais selvagens, nos primeiros tempos, esteve reduzida a uma independência imediata do homem à natureza, uma vez que: *"tudo quanto que é bicho tinha aqui"*. Uma mata rica e uma terra fértil foram representações propagadas daquele lugar.

A narrativa de seu Dito apresentou uma natureza, de certa forma, idílica, a partir da qual pareceu sentir-se gratificado pela possibilidade de conseguir alimentos. Por outro lado, a

³³⁵ Idem.

³³⁶ Relato de Gladis Elfi Mohr..., relato citado.

³³⁷ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

mesma natureza era portadora de perigos, como a presença de onças. Estes animais, por sua vez, parecem ter vivido até de forma harmônica com os homens. Os perigos relacionados a animais selvagens, como as onças, foram observados por Regina Beatriz Guimarães Neto em estudo sobre Juína, Mato Grosso, quando destacou que em fins de 1979 as pessoas viviam amedrontadas pela presença de onças. Segundo Regina, “das inúmeras histórias anônimas, evocando a terra desconhecida – ‘dos índios’ e animais selvagens – todos ouviam dizer de crianças que sumiam levadas pelas onças. Um grande medo pairava no ar”.³³⁸

A natureza selvagem, muitas vezes, é representada a partir da idéia do perigo. Mas, seu Dito narrou que as onças “*não atacavam porque elas tinham muito bicho para comer e não precisavam atacar a gente*”, denotando o equilíbrio da natureza. Abarcando uma reflexão ressentida sobre aquele cotidiano, seu Dito falou:

Dá saudade, dá muita saudade do mato, meu Deus do céu. A coisa era uma diversão boa. Para pescar mesmo era melhor que a gente descia lá no canalão [rio Paraná]. Aquilo dava na base de uns duzentos metros para chegar lá na água morro abaixo.³³⁹

A pesca também era feita com fartura, pois era no chamado “canalão” que, segundo estudos do IPARDES, era um “trecho compreendido como ‘cañon’ abaixo dos saltos, com águas rápidas e profundas”.³⁴⁰ Eram nestas águas que seu Dito gostava de pescar. Segundo ele: “*ali dava peixe bom, aquilo pegava Jaú de vinte, trinta quilos tranquilo. Patí, Mandí, tudo quanto que é peixe dava. Hoje em dia não dá mais peixe grande como antigamente, ali foi pêgo peixe até de oitenta, oitenta e sete quilos*”.³⁴¹ Articulada à destruição do meio ambiente, seu Dito sentiu falta de toda a fartura de caça e pesca. Em sua narrativa expressou que “*ali dava peixe bom*”, procurando restituir a boa vivência que tivera naquele lugar.

Realçando a descrição de uma imagem, quando se tinha uma natureza de exuberância, seu Dito, recordando-se ainda do rio Paraná onde ia pescar, falou da transformação sofrida pelo rio, sentindo-se, aparentemente, expropriado daquele meio: “*tinha aqui nesse [rio] Guaçu cachoeiras bonitas que hoje em dia não tem mais, está tudo debaixo, que o lago de Itaipu tampou tudo*”.³⁴² A sua interpretação do lugar apresentou uma região devastada pela

³³⁸ GUIMARÃES NETO, Regina B. “Personagens e memórias. Territórios de ocupação recente na Amazônia”..., op. cit. p. 08.

³³⁹ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado. A referência feita por seu Dito ao *canalão* refere-se ao precipício que deveria ser superado para chegar até às margens do rio, chegando a alguns lugares numa altura de mais de 190 metros.

³⁴⁰ FUNDAÇÃO IPARDES: Alterações ecológicas decorrentes de Itaipu. Curitiba, 1977, p. 29. Disponível em: www.ipardes.pr.gov.br. Acessado em 12/01/ 2009.

³⁴¹ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

³⁴² Idem.

formação do Lago de Itaipu. Na tentativa de redesenhar o quadro com as imagens belas de suas lembranças, narrou que as cachoeiras eram “*bonitas*”, as quais formam imagens vivas ao recordar:

Nós morávamos aqui [no Arroio Guaçu] quando nós escutávamos as *Sete Quedas*. Daqui lá, da na base de uns quarenta e seis quilômetros, mais ou menos. Quando nós escutava as *Sete Quedas* roncar lá em cima, daí contava em três dias tinha chuva, e era certo, a chuva caía. O máximo que passava era quatro dias, a chuva caía. Como que é a natureza! O homem acabou com a natureza e a natureza está acabando com o homem.³⁴³

Tais elementos da natureza são articuladores de um saber que somente as pessoas que tinham uma ligação íntima e direta com a mesma conseguiam apreendê-los. Há neste fragmento de memória uma relação de respeito com a natureza, que se constituiu nas barrancas dos rios Guaçu e Paraná. Ouvir o barulho das cachoeiras ou o som propagado pelas quedas d'água, nas *Sete Quedas*, em Guaíra, era um método utilizado pelos moradores próximos ao rio como uma forma de previsão do tempo, se faria chuva ou sol. Seu Dito, na tentativa de dar vazão à sua experiência, expressou: “*como que é a natureza!*”. Ele pareceu buscar a compreensão da amplitude do significado do som propagado pelas quedas da água no seu cotidiano passado. Um cotidiano trilhado com a construção de um saber ecológico. Este saber não é apenas de objetos. É a compreensão da propagação de um som emanado pelas quedas d'água que, segundo Leonardo Boff, “é um saber de saberes, entre si relacionados”.³⁴⁴ Seu Dito fez-se entendedor do “*ronco*” das Sete Quedas e na busca de um equilíbrio dinâmico e criativo procurou “aprender o manejo ou o trato da natureza obedecendo a lógica da própria natureza ou, partindo do interior dela, potenciar o que já se encontra seminalmente dentro dela. Sempre numa perspectiva de preservação e ulterior desenvolvimento”.³⁴⁵

Os saberes de seu Dito partem de um cotidiano marcado pela presença constante de caça, pesca, matas e cachoeiras. Ao mesmo tempo, se fez entendedor de que “*o homem está acabando com a natureza e a natureza acabando com o homem*”. A interpretação de seu Dito apareceu carregada de certo desejo de liberdade de pensamento. Os seres humanos, interpretando a realidade, devem ser vistos enquanto “agentes, cuja liberdade de decidir qual valor atribuir às coisas e de que maneira preservar esses valores pode se estender para muito além do atendimento de suas necessidades”.³⁴⁶

³⁴³ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

³⁴⁴ BOFF, Leonardo. **Ecologia grito da terra, grito dos pobres**..., op. cit. p. 18.

³⁴⁵ Idem, p. 19.

³⁴⁶ VEIGA, José Eli da. **Meio ambiente & desenvolvimento**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2ª ed., 2006, p. 90.

Para Warren Dean, em seu estudo sobre a destruição da Mata Atlântica, uma das maiores ações prejudiciais à mata foram os programas de desenvolvimento executados pela construção de hidrelétricas. O autor faz sua crítica em relação à construção da, então, maior hidrelétrica do mundo, Itaipu, que, ao longo do curso do Rio Paraná teve uma faixa de 170 quilômetros submersos, entre Foz do Iguaçu e Guaíra, com 8.519 propriedades urbanas e rurais, as quais foram alagadas na margem brasileira. Além da diáspora de milhares de moradores, o alagamento do rio Paraná contribuiu para a deterioração de milhares de quilômetros de florestas, que desapareceram sob as águas da barragem. Segundo Warren Dean, “o incrível é que se permitiu que o projeto destruísse uma das maravilhas naturais do mundo, Sete Quedas, a magnífica catarata que há muito tempo havia sido declarada parque nacional. Com ela desapareceram as ruínas quinhentistas inexploradas da Cidade Real de Guaíra”.³⁴⁷

Sobre a destruição, seu Dito interpretou com sua visão de mundo, sem compreender os motivos que levaram os homens a estas ações tão prejudiciais. Ele próprio, que reside às margens do reservatório, observa e vivencia os problemas climáticos, relacionando-os com a formação do lago de Itaipu no início da década de 1980. Segundo ele: “*agora transfere para nós aqui o calor, o sol queima, não é quente, é que queima demais. Eu acho que o reflexo da água, isso judia muito nós aqui. Geralmente pelas quatro horas da tarde se torna pior do que de meio-dia*”.³⁴⁸ Seu Dito teve quase todos os anos de sua experiência tecida às margens dos rios Guaçu e Paraná. Fazendo-se conhecedor da região, denunciou o sofrimento causado pelo calor do sol com a formação do lago. Conforme seu Dito, o lago trouxe consequências graves, como “*o reflexo da água*”. Demonstrando a experiência de viver naquelas margens e amargando o calor do sol, pronunciou-se ainda mais contundentemente: “*antes não era assim não. Só dava o sol mais quente ao meio-dia. Agora não, agora as três, quatro horas é a hora mais quente por causa do reflexo da água. Isso aí cada vez vai prejudicando mais*”.³⁴⁹

Os trabalhadores que viveram naquele meio perceberam e percebem as transformações ocorridas com o ambiente a partir das ações humanas. As lembranças dos moradores ribeirinhos ao Lago de Itaipu reconstituem um quadro de sofrimento enfrentado pelos mesmos quando relatam o aquecimento provocado pelo reflexo do sol na água. Estas lembranças não estão desconectadas da experiência mediada na realidade que se molda com as mudanças

³⁴⁷ DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira..., op. cit. p. 310.

³⁴⁸ Relato do senhor Benedito Lopes Gonçalves..., relato citado.

³⁴⁹ Idem.

climáticas. Desse modo, movido pelas preocupações ambientais vinculadas no meio social, o senhor Francisco lembrou:

Pois é, o clima mudou por conta disso [da derrubada de mato]. O clima mudou por conta do mato, Gilson. Que era para ter quase a metade dessas áreas aí de mato. Derrubaram as matas tudo. Você vê hoje, hoje tem lugar que nós não temos uma lenha, nós não temos uma sombra para nós descansar.³⁵⁰

O senhor Francisco manifestou uma preocupação que não está somente ligada às atividades da derrubada da mata, na qual também colaborou, e na produção das lavouras de hortelã. Ele procurou destacar uma realidade, na qual lhe faz falta a mata para a retirada da lenha, que ainda vê necessária como combustível, e a própria sombra das árvores, para o descanso. A narrativa delineou uma paisagem esgarçada a partir dos elementos articuladores de sua experiência ao falar do clima. Um clima que passou a sofrer alterações paulatinas a partir da derrubada da mata, na ampliação de um espaço para a produção agrícola, sobretudo, inicialmente, com as lavouras de hortelã. Na articulação do senhor Francisco:

E a chuva aqui mais escasso por conta disso, porque acabou a natureza. É que nós precisamos é da natureza. Nós não passamos sem a comida, nós precisamos da natureza. E hoje você vê, este Paraná foi devastado tudo e não plantaram a metade. E precisava devastar isso tudo?³⁵¹

Indagando os sentidos da interpretação e crítico na visão de mundo tomada por uma posição política, o relato do senhor Francisco ganhou força maior na preocupação com a falta de alimentos. Assumindo ares de dramaticidade, pronunciou o seu apelo contra a destruição da mata, a qual trouxe consequências, como a escassez de chuvas. Em suas palavras: *“água nós não temos. Porque você vê, dá uma chuva nessas roças aí ó, você passa um veneno aqui ó, e dá uma chuva, e essa água vai para onde? Essa água vai tudo para nossa água de nós tomar”*.³⁵² O narrador interpretou as modificações ocorridas a partir de sua experiência, tecida no cotidiano demonstrando que não é neutro nestas dinâmicas socioambientais.

O senhor Francisco deu a entender certo conhecimento “ecológico” ao questionar: para onde vai a água da chuva? Ele pareceu estar preocupado com uma realidade que se molda quando a produção agrícola requer uma quantidade considerável de agrotóxicos e com o processo de degradação do solo nas lavouras. Mostrando-se, ao seu modo, conhecedor da degradação ambiental e da contaminação com o uso de agrotóxicos, respondeu a sua própria

³⁵⁰ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

³⁵¹ Idem.

³⁵² Idem. Ver também a tabela 6, que demonstra dados da devastação da mata em km² no Paraná.

indagação: “*essa água vai tudo para nossa água de nós tomar*”. Mediado por tais preocupações, ele ainda asseverou:

Nós estamos tomando água envenenada aí, ó. E naquela época nós não tinha disso. Acabava uma chuva, parava uma chuva, você já ia lá a água estava limpa. Agora, hoje você olha aí, porque aquela época que nós fazia esse serviço que estou contando pra você aqui [derrubada da mata e plantação de hortelã], parava uma chuva e você chegava nas vertentes aí a água era tudo limpinha. E agora, hoje com essa bagunça de soja aí ó, hoje acabou tudo. Nós somos tudo contaminado. Não temos saúde.³⁵³

Denunciando uma realidade que se coloca quando a saúde já não é mais a mesma do tempo quando era jovem, o senhor Francisco fez uma relação com aquele cotidiano em que se tinha uma melhor qualidade de vida com a água, que “*era tudo limpinha*”. Do mesmo modo, produziu um relato atualizado, em consonância com discussões ambientais atuais nos meios de comunicação, delatando a contaminação da água pela monocultura da soja. Atividade que demanda excessivo uso de agrotóxicos, a qual classificou como “*bagunça*”, retrucando:

Hoje você não bebe uma água boa, a água é toda contaminada. Aquela época você podia sair e falar com sua mãe: olha mãe, põe banha no fogo que eu vou lá buscar um peixe para comer. Você com cinco, seis minutos ou meia hora você pegava aí peixe para almoçar. Hoje você vai no rio e fica o dia inteiro e não pega nada mais, está tudo contaminado. Quer dizer que, naquela época, nós trabalhava muito, mas tinha prazer, Gilson. Hoje os pobres estão todos julgados, você sabe, né Gilson? Igual você mesmo está vendo porque você é novo, você é criança, em vista de mim, mas é o tal negócio, você mesmo está alcançando isso Gilson. Você mesmo dá valor, mas outras pessoas não dão. Hoje as pessoas estão trabalhando todos em vão. De que é que adianta?³⁵⁴

As lembranças do senhor Francisco têm uma marca forte daquele cotidiano passado, que ele entende como melhor do que a atualidade. Quando chegou ao Paraná tinha fartura, as águas não estavam contaminadas e tinha “*peixe para comer*”. Ele reatou os significados e práticas na realidade específica daquele lugar, percebendo a ação de agentes em diferentes tempos e, como um perspicaz observador, criou uma atitude de defesa e consciência de que é necessária a conservação ambiental.

O senhor Francisco fez-se um sujeito observador das mudanças ocorridas também na natureza. Pressionado por questões do momento presente, percebeu que a monocultura da soja colaborou/colabora na contaminação da água: “*a água é toda contaminada*”. Trabalhava-se muito e tinha prazer. E hoje?: “*hoje os pobres estão todos julgados*”. A falta de terras e a

³⁵³ Relato do senhor Francisco Ferreira da Silva..., relato citado.

³⁵⁴ Idem.

destruição da natureza o colocam em inconformidade com uma realidade que parece não se aquietar.

Interpretações como esta podem ser mediadas com os sentidos históricos da produção hortelaneira, a qual não necessitava exclusivamente do uso de agrotóxicos. Pois, como lembrou o senhor Geraldo: “*na hortelã não precisava colocar veneno por causa que aquilo já era da natureza, terra forte aquilo não dava bicharedo*”.³⁵⁵ Na interpretação do narrador, a fertilidade das terras contribuía para evitar o ataque de insetos na produção agrícola, demonstrando um saber instituído em sua experiência com os males causados pelo uso dos defensivos agrícolas. O sentido político que permeia o discurso da perda é do exaurimento dos recursos. As narrativas, principalmente dos não proprietários, denunciam a monocultura da soja como responsável pela contaminação da água. O senhor Geraldo, fazendo-se conhecedor dessa dinâmica produtiva, manifestou sua experiência:

Hoje em dia você planta soja aqui e se você não colocar veneno ele não dá mais nada. Antigamente, você não precisava colocar veneno não. E como que era bom na época que estava maduro, assim seco, nós cortava tudo de foicinha assim, e aí cortava de dia e trilhava de noite. Era bacana.³⁵⁶

Compreendo que aquilo que inquieta o senhor Geraldo não é somente a monocultura da soja enquanto produção agrícola que contamina o ambiente. Suas recordações reportam-se a um período da produção da soja quando as atividades com este produto eram feitas de forma manual, necessitando de muitos trabalhadores. As máquinas eram utilizadas somente para trilhar ou debulhar o produto. Ele percebeu que é a partir das novas técnicas empregadas na produção da soja que trabalhadores como ele perderam espaço nas lavouras. Uma produção que, segundo ele, “*não produz mais como antigamente. Você plantava no meio daquelas coivaras e dava soja pra danar. O Paraná não produz mais soja como naquela época, que era tudo no meio daquelas pauleiras que dava cada peso de soja*”.³⁵⁷

Mediado pelo significado inquietante da mecanização da agricultura, o senhor Geraldo sente-se excluído da produção de soja e, numa narrativa inquiridora, pronunciou que a produção dessa monocultura não é a mesma de quando se plantava em meio às *coivaras* preparadas para o plantio da hortelã. Assim, observa atentamente os modos de trabalhar a terra, denunciando, muitas vezes, que os novos processos de produção agrícola causaram danos ao meio ambiente. Procurando restituir as modificações nos modos de trabalhar a terra,

³⁵⁵ Relato do senhor Geraldo Alves Gonçalves..., relato citado.

³⁵⁶ Idem.

³⁵⁷ Idem.

o senhor Adolfo foi contundente em suas recordações sobre o uso de novas técnicas de produção:

Então, quanto mais tecnologia, mais destruição tem. Porque a destruição não é tanto o homem que faz, é a tecnologia, tanto mais moderno como que é, tanto mais faz. Onde que antigamente trabalhavam dez pessoas ou dez famílias, vamos supor, hoje uma máquina faz isso. Para colher o trigo nós cortava tudo com a foicinha e hoje, tu vê, hoje está numa situação que a máquina entra em duas ou três horas está tudo, tudo colhido, o pessoal não suja nem a mão.³⁵⁸

Os diferentes modos de produção foram lembrados como marcos de memória do senhor Adolfo, sobretudo quando percebeu que ocorreu a expropriação dos trabalhadores com o emprego de maquinários nas atividades agrícolas. Pareceu inquietar-se frente ao uso destas máquinas, principalmente quando, em suas interpretações, é o moderno, em sua generalidade, que destrói a natureza.

No decorrer da análise das fontes pude observar que o processo de transformação da natureza ocorreu de modo relacional com as atividades de trabalho nas plantações de hortelã na região. Todos, trabalhadores, proprietários e não proprietários, estiveram inseridos de algum modo na destruição e transformação da natureza para dar lugar à produção agrícola em grande escala. Esse processo não ocorreu simplesmente de fora para dentro, com a concessão de créditos agrícolas. Ele ocorreu em conjunto com a devastação e a derrubada da mata. O trabalhador, o proprietário, o meeiro ou o arrendatário se reconheceram como participantes da destruição da natureza, que apenas permanece nas memórias daquele que viveram o tempo da hortelã.

Outrossim, as narrativas teceram uma trama demonstrando que a interpretação do vivido não se apresenta com um sentido fixo do e sobre o passado. Os olhares dispostos sobre as relações cotidianas do período hortelaneiro compartilharam de um chão social revelador perpassado pelos meandros das lutas, trajetórias e estranhamentos dos trabalhadores que se fazem pertencer, por suas memórias, a este espaço da fronteira.

³⁵⁸ Relato do senhor Adolfo Hobus..., relato citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste estudo das memórias sobre as dinâmicas socioculturais presentes a partir das plantações de hortelã no Oeste do Paraná, em particular em Mercedes, uma multiplicidade de questões veio à tona. Ciente da complexidade e diversidade das históricas relações sociais que foram sendo impressas pelas e nas dinâmicas processualizadas cotidianamente, de modo algum este trabalho objetivou fechar conclusões.

Procurei, de alguma forma, interpretar relações tecidas à luz das indagações do tempo presente. No diálogo feito com as narrativas orais não pretendi elaborar formulações cabais a estas indagações, mas refletir acerca de tais preocupações numa perspectiva de encontrar outros caminhos possíveis de interpretação articulados ao vivido pelas pessoas.

Procurei apreender, assim, a História como um campo de possibilidades nas relações sociais constituídas enquanto portadoras de historicidade. Uma vez que, um dos desafios da pesquisa foi o de dialogar com o ausente, ao falar de e com aqueles sujeitos que não estão mais presentes na região lidei com os tempos idos. Nesta dimensão, coloquei em foco os modos como os sujeitos que permanecem, trabalhadores das lavouras de hortelã ou não, especificamente, situaram-se e interpretaram o processo de ocupação da região. Em torno desta opção, procurei adentrar no universo das experiências que ganharam visibilidade na trama das relações que se estabeleceram, muitas vezes, forjadas no eixo de sentidos das alteridades e pertencas. Isso implicou pensar que a experiência não está politicamente pautada paralelamente em relação com os outros. Mas, numa construção transversal em que o processo de transformação da paisagem social é reelaborado pelo lembrar que não está desconectado da realidade.

No desafio de diálogo com outros, narradores da vida dos “outros” e de si próprios, as peculiaridades encontradas foram múltiplas. As ricas trajetórias dos sujeitos sociais, por sua vez, me permitiram refletir sobre transformações amplas das relações experimentadas nos mundos do trabalho e na vida social como um todo. De qualquer modo, é preciso considerar que procurei demarcar os sentidos desse processo de ocupação, revelando que o Oeste do Paraná, para muitos, não se instituiu ou resultou como um lugar de fixação. Mas, como um espaço em que se observou a possibilidade de sociabilidades, as quais, para muitos, somente se processualizaram temporariamente, pois por adversidades diversas e situações de conflito foram “expulsos” da atividade com a terra. E, aqueles que se opuseram a esta exclusão, resistindo de variadas formas, reelaboraram pelo lembrar como se pautaram tais enfrentamentos.

As narrativas abarcaram um conjunto de atividades entremeadas entre práticas e sentidos, as quais não se constituíram na homogeneidade, uma vez que observei pelas narrativas um fazer-se dinâmico instituído num movimento que transcende o visual e o verbal. Elas foram projetadas na subjetividade interpretativa de cada entrevistado, tecidas em suas tramas de mutabilidades históricas traçadas nas vivências. Desta feita, pelas lembranças tive a possibilidade de dialogar com os sentidos do viver dos entrevistados no espaço da fronteira, lugar em que se elaboram e reelaboram alteridades. Estes sujeitos, protagonistas de suas próprias histórias, fizeram emergir outras indagações ao processo histórico da região Oeste, traçando diversos significados às suas tramas cotidianas numa relação dialógica com o presente/passado/presente. Uma relação mediadora da análise que sugeriu diversas interpretações, envolvidas, sobretudo, com os modos de vida nos quais projetaram suas expectativas e experiências instituídas muitas vezes pela itinerância migratória.

As múltiplas dimensões destes viveres foi uma empreita por vezes dolorosa para interpretação, principalmente quando os sentidos construídos pelos entrevistados provocaram uma ampla e desarrumada apreensão da paisagem social. Paisagem esta denunciada pelo *fazer-se* da região com a participação de sujeitos diversos. As trajetórias, todavia, desnudaram algumas faces de um tecido social, pontuando a heterogeneidade de um processo engendrado num fazer-se dinâmico, contrapondo-se à uma literatura acadêmica e memorialista que somente historicizou o processo pelas vias de uma dada oficialidade, de força do hegemônico. Tornou-se então importante esmiuçar experiências tecidas nas narrativas, pois estas, articuladas pela reflexão, deram vida à minha problemática.

As narrativas ainda me propuseram outro desafio, o de apreender a violência com que foi explorada/devastada a região para a prática agrícola em larga escala e em curto espaço temporal. Denunciando a amplitude das transformações no vivido, que marcaram a paisagem natural, de modo algum este trabalho conseguiu dar conta, apenas situou novas questões. Estas narrativas me permitiram compreender que os sujeitos não são neutros em suas ações; pelo contrário, interpretam suas atitudes passadas num presente ávido de respostas, em que observam a devastação que de algum modo colaboraram. Dialogar com as mudanças no meio ambiente tendeu a apreender o *fazer-se* histórico da ocupação, quando a mata foi destruída para dar lugar às práticas agrícolas predatórias. Em torno dessa dimensão, procurei mapear como as memórias ressaltaram os sentidos da transformação dessa paisagem natural e social. Considero, portanto, que esta é a dimensão de uma problemática que foi sulcada, que precisa de uma apreensão mais aprofundada.

No lapidar as lembranças *fica o que significa*. Ficaram fragmentos de lembranças resignificadas e também registros de um tempo que conta o passado, o presente e, ainda, projeta o futuro.

Por fim, almejo que este estudo dê visibilidade no debate acadêmico e, mesmo fora dele, não de uma memória cristalizada, mas de uma memória viva e latente do período hortelaneiro da região. Um período que foi marcado por estranhamentos e tensões, no qual também se mostraram dimensões de uma pluralidade de dinâmicas vividas pelas/nas relações sociais numa fronteira que se faz e refaz cotidianamente.

FONTES

Jornalísticas:

Posição. Curitiba, nº 6, out/nov de 1975. Acervo pessoal do senhor Azelino Lange.

Informativo Copagril. Marechal Cândido Rondon, ago. de 1981, nº 41. Acervo da unidade sede da Cooperativa Copagril de Marechal Cândido Rondon.

Informativo Copagril. Marechal Cândido Rondon, jan. de 1980, nº 23. Acervo da unidade sede da Cooperativa Copagril de Marechal Cândido Rondon.

Informativo Copagril. Marechal Cândido Rondon, ago. de 1979, nº 18. Acervo da unidade sede da Cooperativa Copagril de Marechal Cândido Rondon.

Informativo Copagril. Marechal Cândido Rondon, out. de 1977, nº 13. Acervo do Centro de Pesquisa da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon.

Informativo Copagril. Marechal Cândido Rondon, nov. de 1977, nº 14. Acervo do Centro de Pesquisa da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon.

Orais:

Adolfo Hobus, 68 anos, agricultor aposentado. Nascido em Rio do Sul, Santa Catarina, migrou em 1953 ao Paraná na localidade de Linha Sanga Mineira, atual município de Mercedes. Em 1979 migrou para Panaíta, estado do Mato Grosso, retornando dois anos após novamente à Mercedes onde reside.

Antoniél Matos dos Santos, 56 anos. Nascido em Boa Nova, Estado da Bahia, migrou em 1968 à São Paulo para trabalhar em fazendas de produção de banana. Retornou novamente a Bahia e em 1969 migrou novamente, desta vez para Maringá, norte do Estado do Paraná. Em 1971 veio residir em Salamanca, interior do município de Guaíra para trabalhar nas lavouras de hortelã. Em 1995 migrou para São Paulo, retornando ao Oeste do Paraná em 2005, aposentou-se e reside na cidade de Mercedes.

Azelino Lange, 60 anos. Nascido em Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul, migrou para Marechal Cândido Rondon, mais precisamente na Linha Arroio Fundo em 1953, juntamente com seus pais e irmãos. Trabalhou na atividade hortelaneira e como professor municipal na década de 1970. Reside na localidade de Linha Ludwig, distrito de Novo Horizonte, Marechal Cândido Rondon. É pequeno proprietário aposentado.

Benedito Lopes Gonçalves, 57 anos, aposentado. Nascido em Arapongas, Paraná. Migrou para a região Oeste, mais precisamente no município de Guaíra em 1960, juntamente com sua família onde adquiriram uma propriedade rural próximo ao rio Guaçu onde desenvolveram a

produção de hortelã. Hoje, não é mais proprietário rural e reside na localidade de Arroio Guaçu, Mercedes.

Francisco Ferreira da Silva, 67 anos. Nascido em Governador Valadares, Minas Gerais. Migrou ao Paraná em 1965, no atual município de Mercedes próximo ao rio Guaçu. Trabalhou sempre como arrendatário. É aposentado e reside na cidade de Mercedes, mas continua trabalhando na roça.

Geraldo Alves Gonçalves, 49 anos. Nascido em Ipoté, Minas Gerais. Migrou para São Paulo em 1973, onde permaneceu somente alguns meses. No mesmo ano, com apenas 11 anos de idade, veio ao Oeste do Paraná, mais precisamente em Linha Guavirá, no município de Marechal Cândido Rondon. Reside atualmente na localidade de Linha Gruta – Mercedes e trabalha como funcionário público no setor de serviços gerais.

Gilson José Philippsen, 40 anos. Filho de migrantes sulistas. Trabalha como representante de vendas de insumos agrícola. Reside na cidade de Marechal Cândido Rondon.

Gladis Elfi Mohr, 49 anos. Nascida em Mercedes, Paraná, em 1958. Trabalha como professora de língua portuguesa na rede estadual de ensino.

José Honorato Alves, 71 anos. Nascido em Imaruí, Santa Catarina, migrou com sua esposa e filhos para Mercedes em 1969. Trabalhou como meeiro nas lavouras de hortelã. Atualmente é pequeno proprietário rural aposentado e reside na Linha Sanga Mineira, Mercedes.

Milton José Sehnem, 49 anos. Nascido em Mercedes, Paraná, em 1958 onde começou a trabalhar nas lavouras de hortelã. Em 1973, mudou-se para Colônia Laura, Alto Paraná, Paraguai, onde continuou trabalhando com a hortelã. Reside atualmente em Fortuna, Paraguai, desenvolvendo atividades agrícolas como pequeno agricultor. Vem constantemente visitar sua família em Mercedes, onde se oportunizou a entrevista.

Sebastião Germano Filho, 73 anos, aposentado. Nascido em Governador Valadares, Minas Gerais, migrou ao Oeste do Paraná em 1975, onde trabalhou com a hortelã. Reside na Linha Cunhaporã, distrito de Porto Mendes, Marechal Cândido Rondon onde possui uma pequena propriedade rural.

Theobaldo Augusto Frederico Mohr, 72 anos. Nascido em Taió, Santa Catarina, migrou juntamente com sua família, pais e irmãos em 1953 a Mercedes onde reside até hoje. Sempre trabalhou como torneiro mecânico. Atualmente é aposentado, mas continua administrando sua oficina mecânica e desenvolvendo atividades nesta área.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antonio A. “A Guerra dos Lugares”. In: **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, Ed. UNICAMP, 2000.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BACKES, Gilson. **Escolas rurais: um modelo em extinção numa sociedade em mudança**. Mercedes, PR, 1952-1997. Marechal Cândido Rondon, 2005. 64 p. Trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Antropos – Homem Portugal; Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

BATISTI, Isa Marta. **A modernização da agricultura e a decadência de Bela Vista D’oeste – Guaíra – 1960-2000**. Marechal Cândido Rondon, 2005. 45 p. Trabalho acadêmico (TCC) – Geografia, UNIOESTE.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. 1).

BOEIRA, Cláudia Cristina. **A cultura da hortelã na colonização de Palotina (1965 – 1975)**. Marechal Cândido Rondon, 2002. 57 p. Trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE.

BOFF, Leonardo. **Ecologia grito da terra, grito dos pobres**. Ática, São Paulo, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Leis, decretos etc. Legislação agrária**. (Org). CAMPANHOLE, Adriano. CAMPANHOLE, Hilton Lobo. 10ª Ed. São Paulo: Atlas, 1980.

BURKE, Peter. “História como Memória Social”. IN: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

DASSI, Rosimar. **Influências da produção de hortelã na capitalização do pioneiro palotinese, 1965/75**. Toledo, 1992. Trabalho acadêmico (TCC) – Ciências Econômicas, Arnaldo Bussato.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra, Livraria Almedina, 1980.

FUNDAÇÃO IPARDES: os vários Paranás – Oeste paranaense: o 3º espaço relevante, especificidades e diversidade. Curitiba: IPARDES, 2008.

FUNDAÇÃO IPARDES: Contribuição ao estudo do crédito rural no Paraná, CODESUL, Curitiba, 1978.

FUNDAÇÃO IPARDES: Alterações ecológicas decorrentes de Itaipu. Curitiba, 1977.

FUNDAÇÃO IPARDES: Subdivisão, posse e uso da terra no Paraná, CODESUL, Curitiba, 1976.

FUNDAÇÃO IPARDES: Estudos para o desenvolvimento de atividades agrícolas e industriais integrados, projetos especiais – menta. Curitiba, 1977.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin**: os cacos da história. Tradução: Sônia Salzstein. 2ª ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 1993.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento**: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Mato Grosso do Sul: Editora da UFGD, 2008.

GONZALEZ, Emílio. “As camadas da memória”: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do Oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950-1990). In: **Tempos Históricos**. Cascavel: Edunioeste, v. 05/05, 2004.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no oeste do Paraná (1940-70). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

GREGORY, Valdir; VANDERLINDE, Tarcisio; MYSKIW, Marcos. **Mercedes: uma história de encontros**. Marechal Cândido Rondon, Germânica, 2004.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração**: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. “Personagens e memórias. Territórios de ocupação recente na Amazônia”. In: CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Histórias em cousas miúdas**. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2006.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Vira mundo, vira mundo: trajetórias nômades. As cidades na Amazônia. **Projeto História**. São Paulo. Editora da PUC, v. 27, p. 49 – 69, 2003.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**: política de colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá: UNICEN, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 2ª Ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

IPARDES – FUNDAÇÃO ÉDISON VIEIRA: Nova configuração espacial do Paraná. Curitiba, 1983.

IPARDES – FUNDAÇÃO ÉDISON VIEIRA. O Paraná: economia e sociedade. Curitiba, 1981.

KHOURY, Yara Aun. “O historiador, as fontes orais e a escrita da história”. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’ Água, 2006.

KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e sujeito na história”. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d’ Água, 2004.

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

LEÃO, Regina Machado. **A Floresta e o homem**. São Paulo: IPEF/EDUSP, 2000.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTINS, José de Souza. **Frenteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1986.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, PUC/SP, nº10, 1993.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica**: o caso paranaense. 2ª Ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, 15, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, PUC/SP, nº 14, 1997.

POUTIGNAT, Fhlippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2ª ed. Chapecó: Argos, 2006.

RUPPENTHAL, Rosimeri S. **Análise sobre a memória circense**. Marechal Cândido Rondon, 2003. 45 p. Trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE.

SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas**: história de Marechal Cândido Rondon. Cascavel. ASSOESTE, 1985.

SAMUEL, Raphael. “História Local e História Oral”. In: **Revista Brasileira de História**. V. 9, nº 19, São Paulo: Marco Zero, set. 89/fev. 90.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Samuel Ribeiro dos; OLIVEIRA, Vicente Gonçalves de. “Espaçamento para Menta (*Mentha Arvensis*)”. In: **BRAGANTIA**: Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Estado de São Paulo. Vol. 20, nº 29, Campinas, Julho de 1961.

SAYAD, João. **Crédito rural no Brasil**: avaliação das críticas e das propostas de reforma. São Paulo: Pioneira: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 1984.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHAUFELBERGER, Roberto. **Itaipu e as conseqüências econômicas e sociais no distrito de Arroio Guaçu – Mercedes**. Marechal Cândido Rondon, 2000. 51 p. Trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SONDA, Valdemir José. **A emigração brasileira para Naranjal – Alto Parana – Paraguai (1973-1995)** – um estudo de caso. Niterói, 2003. 199 p. Dissertação de Mestrado em História, UFF.

TARGANSKI, Sérgio. **Rumo ao novo eldorado**. Marechal Cândido Rondon, Editora Germânica, 2007.

THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio (orgs.). Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward P. “O termo ausente: experiência”. In: **A miséria da teoria ou um planetário de erros** (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMSON, Alistair. “Memórias de Anzac”: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. In: **Revista de História Oral**. São Paulo, ABHO, nº 04, 2001.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: Histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

TRICHES, Janete. **Organização do espaço agrícola regional**. Estudo de Caso: Arroio Guaçu – Mercedes. Marechal Cândido Rondon, 1996. 69 p. Trabalho acadêmico - Monografia de Especialização em Geografia, UNIOESTE.

VEIGA, José Eli da. **Meio ambiente & desenvolvimento**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2ª Ed., 2006.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em história**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrages, mensus e colonos**: história do oeste-paranaense. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução; Paulo Henrique Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

ZAAR, Miriam Hermi. A migração rural no oeste paranaense/ Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, nº 94, 1 de agosto de 2001.

ZANATTA, Marcelo Rogério. **O cultivo da hortelã em Entre Rios do Oeste na década de 1970**. Marechal Cândido Rondon, 2000. 23 p. Trabalho acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE.

ANEXO 02— Panfleto de propaganda utilizado por corretores para venda de terras da Maripá.

ATENÇÃO SNRS. AGRICULTORES

Antes de efetuar suas compras de terras visitem:

TOLEDO

NA FAZENDA BRITÂNIA - MUNICÍPIO DE FÓZ DO IGUAÇU - ESTADO DO PARANÁ

Porque devo comprar terras em TOLEDO?

- 1.º — O maior desejo de cada Agricultor é: que seu filho deve ter uma vida melhor.
- 2.º — Por isso devem procurar comprar terras de cultura livre de morros, pedras, formigas e rica em águas, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento dos produtos. Todos estes desejos o senhor encontra reunidos em TOLEDO na Fazenda Britânia no Estado do Paraná.
- 3.º — O título da Fazenda Britânia têm mais de 45 anos, oferecendo por tanto todas as garantias de uma terra legal e que proporciona ao comprador escritura imediata.
- 4.º — Porque TOLEDO hoje têm: Paróquia, Colégio de Freiras com 290 alunos, Médico, Hospital, Farmácia, Grandes casas comerciais, Hotéis, Luz e Força elétrica, Carpintaria e Marcenaria, Matadouro, uma grande olaria, Frigorífico, Padaria, Alfaiataria, Sapataria, Diversos Bares, e Churrascarias, uma grande oficina mecânica, a serviço de qualquer espécie de veículo. Moinhos para trigo e milho, Serrarias para pinho e madeiras de lei, firma organizada para um grande Moinho a cilindro para trigo.
- 5.º — Existem as seguintes madeiras: Cedro, Louro, Cangerana, Cabriuva, Guatambú, Angico, Maria Mole, Corticeiras, Ortigões e outras mais todas sintomáticas de terras férteis. Ha nos matos: Crescinal, Larunjal, Palmitos e Taquaruçu.
- 6.º — A exportação de todos os produtos coloniais são feitos diretamente para a praça de S. Paulo, grande consumidor com fretes convenientes revertendo em benefício exclusivamente dos agricultores.
- 7.º — A Fazenda Britânia proporciona aos seus agricultores uma grande via de comunicação que é o Rio Paraná, tanto para o Norte de S. Paulo como para a Argentina, todo ele navegável.
- 8.º — **Atenção agricultores muita atenção! TOLEDO tem uma grande área dedicada ao plantio de café. É um negócio que a Companhia de Colonização está oferecendo a todos os interessados ao preço de Cr\$ 30.000,00 a colônia de dez alqueires.**
- 9.º — Os preços das terras são os seguintes: de Cr\$ ^{20.000,00} até Cr\$ ^{30.000,00} a colônia de 10 alqueires. Condições de venda: 1/3 a vista, 1/3 a 6 meses e 1/3 a 12 meses, ficando o comprador para pagamento a vista um desconto de 10% ao ano pelo tempo que faltar das prestações.

Proprietária da Fazenda Britânia:

INDUSTRIAL MADEIREIRA COLONIZADORA RIO PARANÁ S. A.

COM SEDE EM PORTO ALEGRE, A RUA VOLUNTÁRIO DA PÁTRIA, 333 E FILIAL EM TOLEDO

11.325 COLONIAS

Colonização começada há 3 anos e em franco progresso. Bom emprego de Capital

Agentes: Aurelio Tissiani e Natal Zibetti - Sarandi, 1.º distrito

Dispondo de Caminhonete especial para viagem direta e comoda do comprador

Sub-Agente: _____

Fonte: Apud: TRICHES, Janete. *Organização do espaço agrícola regional*. Estudo de Caso: Arroio Guaçu — Mercedes. Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE — UEM). Monografia de Especialização em Geografia. 1996.

ANEXO 03 – Nota fiscal de venda de óleo de hortelã.

[illegible]

ANEXO 04 – Nota fiscal de venda de óleo de hortelã.

MATRIZ **BRASWEY S/A. Ind. e Com.** **FILIAL**

Rua São Bento, 365 - 15,º
São Paulo - Capital

Rua Minas Gerais, 626
Mal. Cândido Rondon - Pr.

ROMANEIO DE PESAGEM

Data, 12 de 12 de 19 72

Nº 235

1.ª Via Cliente

Produtor: Quirino Backes Insc. N.º _____

Enderêço: _____

Município: M. C. Rondon Estado: PA

Entregou a seguinte Mercadoria:

Quant.	Vol.	Pêso	Especificação	Qualidade	Resumo
<u>1</u>	<u>Tara</u>	<u>92.700</u>	<u>Óleo bruto</u>		Bruto <u>92.700</u> Kg.
			<u>de Hortelã</u>		Tara <u>20.000</u> Kg.
					Desc. _____ Kg.
					Liq. <u>72.700</u> Kg.

Transportador: Willert Boach Pilha n.º _____

Enderêço: _____ Planta _____

Veículo Chapa n.º DF 5653 Mun. Londrina

Conforme minha Nota de Produtor N.º _____ de 1 / 1 / 1

declaro que a mercadoria entregue acima será FIXADO

Nota de Entrada de Mercadoria N.º _____ Série _____

Sacaria a ser Creditada Para: _____

Assinatura do Entregador

Recebedor

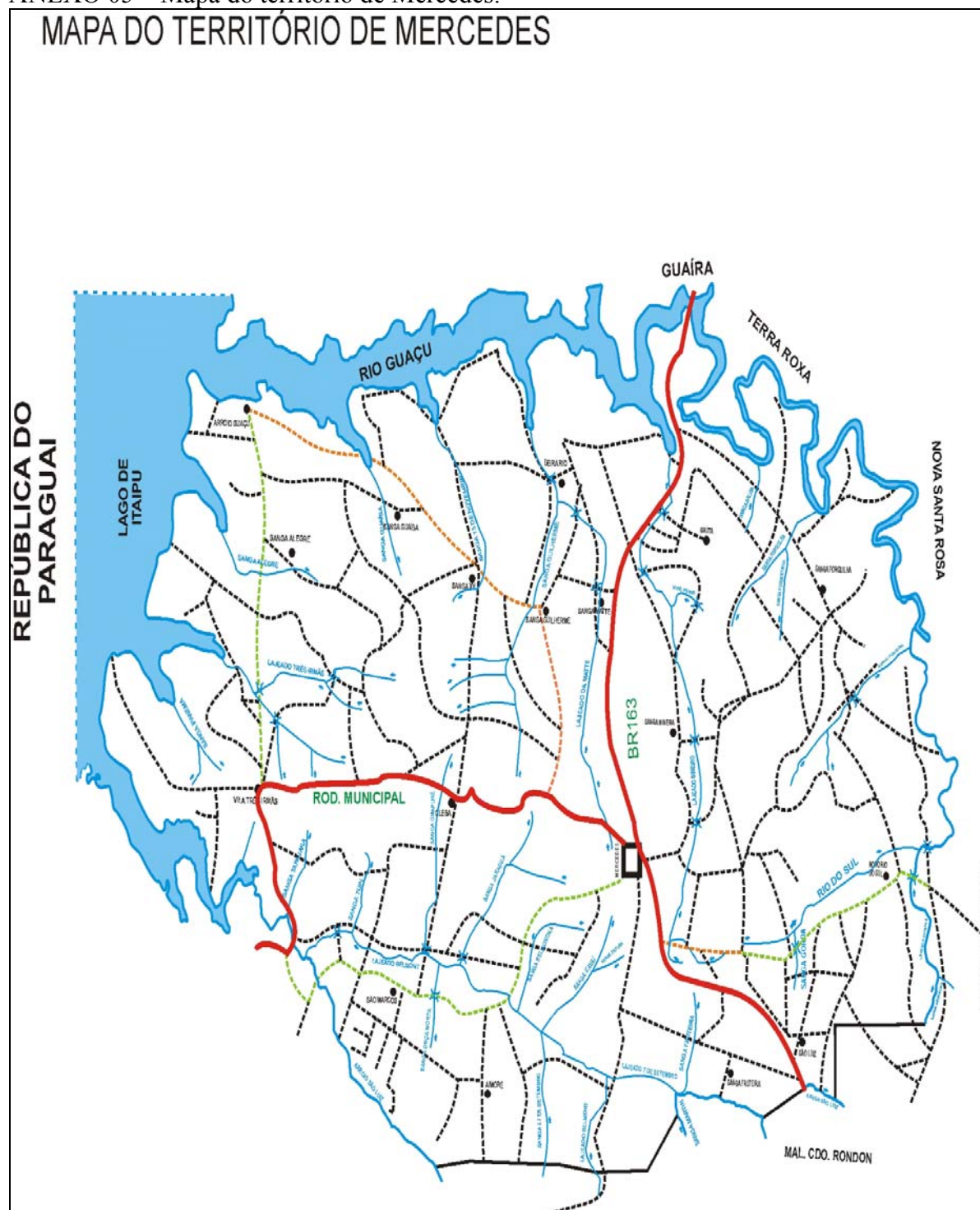
[Assinatura]
visto

Uso Exclusivamente interno
sem nenhum valor negociável

MOC - DI - 06

Fonte: Acervo particular do senhor Quirino Sebastião Backes.

ANEXO 05 – Mapa do território de Mercedes.



Fonte: Prefeitura municipal de Mercedes.

ANEXO 06 – Tabela das escolas pertencentes ao Distrito de Mercedes em 1978

Nome da escola	Localização
Grupo Escolar Tiradentes	Sede Distrital
Escola Washington Luiz	Linha Sanga Guilherme
Escola Caetano Munhoz da Rocha	Arroio Guaçu
Escola Maria Goretti	Linha Belmonte
Escola Getúlio Vargas	Linha Sanga Fruteira
Escola Vital Brasil	Linha Sanga XV de Novembro
Escola Almirante Tamandaré	Linha Sanga Caburé
Escola Jorge Lacerda	Linha Sanga Mate
Escola Carlos Chagas	Linha Sanga Mineira
Escola Antonio Carlos	Linha Sanga Guaíba
Escola Ébano Pereira	Linha Sanga Forquilha
Escola Princesa Isabel	Linha Lageado Mineiro
Escola Visconde de Taunay	Linha Sanga Alegre
Escola Cristóvão Colombo	Linha Novo Rio do Sul
Escola Martin Afonso de Souza	Linha São Marcos
Escola José de Alencar	Três Irmãs
Escola João XXIII	Linha Sanga Balisa
Escola Oswaldo Cruz	Linha Nova Esperança
Escola São Luiz	Linha São Luiz

Fonte: Tabela organizada por Gilson Backes a partir do Decreto Nº 035/78 da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, de 25 de abril de 1978 quando da denominação e regulamentação dos estabelecimentos de ensino municipal, folhas 3 e 4.